



# RECORTES DE IMPRENSA

## OUTUBRO 2014



COM O APOIO:





Diretor regional garante aposta na sensibilização e formação de públicos estratégicos no âmbito do combate à violência

# Vítimas de violência doméstica e roubos queixam-se mais

Plano de Combate à Violência Doméstica entra em vigor no final do ano. Nos Açores, cerca já de 720 casos que têm sido acompanhados pela APAV

ANA PAULA FONSECA/LUSA  
afonseca@acorianooriental.pt

Até final do ano deverá entrar em vigor, nos Açores, o II Plano Regional de Prevenção e Combate à Violência Doméstica. A garantia foi deixada ontem pelo diretor regional da Solidariedade Social, Frederico Furtado Sousa, na sessão de abertura das III Jornadas Contra a Violência, promovidas pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

O encontro reuniu vários especialistas, em Ponta Delgada, para debater o direito das vítimas à informação, o apoio a familiares e amigos de vítimas de homicídio, crianças e jovens vítimas de 'cyberbullying' e o tráfico de seres humanos.

Para Frederico Furtado Sousa, o plano regional faz parte da aposta na informação, sensibilização e formação de públicos es-

tratégicos no âmbito do combate à violência.

Nos Açores, durante o ano passado, foram acompanhados pela APAV Açores cerca de 750 processos, a maioria de violência em contexto familiar, seguidos de outros tipos de crimes como os patrimoniais, os furtos e as burlas.

"As denúncias aumentam todos os anos. Começámos a nossa atividade em 2004 com cerca de 42 processos, por ano, de apoio à vítima, e estamos com cerca de 750 processos por ano, e este ano vamos ter mais", afirmou a gestora da APAV nos Açores, Helena Costa, diz não ter dúvidas de que o número registado em 2013 irá aumentar este ano, não significando, contudo, que "existam mais crimes, mas uma maior proatividade e consciencialização das próprias vítimas".

"Estávamos muito habituados a trabalhar com as mulheres vítimas de violência doméstica e agora já começamos a abranger a população mais idosa, assim como outros crimes, nomeadamente os crimes patrimoniais, furtos, burlas ou roubos", disse, frisando que a polícia tem realizado também "um intenso traba-

lho de sensibilização da população".

Sublinhando que a APAV tem realizado várias campanhas de sensibilização pelas nove ilhas açorinas, abrangendo escolas, centros de saúde, comissões de proteção e as várias polícias, Helena Costa salientou que a APAV começa a abranger um leque "mais diversificado de situações crime", o caso até do 'cyberbullying', embora a violência doméstica continue a ter a maior percentagem "com cerca de 80%", mas já chegou a ser de 90%.

A gestora da APAV disse ainda que à associação também têm chegado situações de detenção por abuso sexual de crianças, mas considerou que a visibilidade "não tem a ver com um aumento do número de casos, mas "uma maior preocupação em relação a esta problemática".

"O que se nota é que há, da parte da Polícia Judiciária, uma postura muito proativa e as notícias também se têm sucedido por isso, não tem a ver com o facto de haver mais crimes, mas uma maior proatividade por parte das polícias que estão atentas e têm investigado todas estas situações", considerou. ♦





# APAV nos Açores acompanhou em 2013 cerca de 750 processos de apoio a vítimas



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) nos Açores acompanhou, em 2013, cerca de 750 processos, a maioria de violência em contexto familiar, mas têm au-

mentado outros tipos de crime, nomeadamente patrimoniais, os furtos e burlas.

“As denúncias aumentam todos os anos. Começamos a nossa actividade em

2004 com cerca de 42 processos, por ano, de apoio à vítima, e estamos com cerca de 750 processos por ano, e este ano vamos ter mais”, afirmou a gestora da APAV nos

Açores, Helena Costa, acrescentando que este aumento não significa que existam mais crimes, mas uma “maior proactividade” e consciencialização das próprias vítimas.

Segundo a agência Lusa, Helena Costa falava à margem das III Jornadas Contra a Violência, que reuniram ontem vários especialistas, em Ponta Delgada, para debater quatro temáticas centrais: o direito das vítimas à informação, o apoio a familiares e amigos de vítimas de homicídio, crianças e jovens vítimas de ‘cyberbullying’ e o tráfico de seres humanos.

Sublinhando que a APAV tem realizado várias campanhas de sensibilização pelas nove ilhas açorianas, abrangendo escolas, centros de saúde, comissões de protecção e as várias polícias, Helena Costa salientou que a APAV co-

meça a abranger um leque “mais diversificado de situações criminosas”, o caso até do ‘cyberbullying’, embora a violência doméstica continue a ter a maior percentagem “com cerca de 80%”, mas já chegou a ser de 90%.

No ano passado, a APAV nos Açores acompanhou “cerca de 750 processos de apoio à vítima”, mas em relação a este ano, ainda não foi feito o tratamento estatístico dos dados, mas tudo aponta para “um aumento” em relação a 2013.

“Estávamos muito habituados a trabalhar com as mulheres vítimas de violência doméstica e agora já começamos a abranger a população mais idosa, assim como outros crimes, nomeadamente os crimes patrimoniais, furtos, burlas ou roubos”, disse, frisando que a polícia tem realizado

também “um intenso trabalho de sensibilização da população”.

Questionada sobre o facto de se sucederem nas últimas semanas os casos de detenção por abuso sexual de crianças nos Açores, a gestora da APAV no arquipélago disse que à associação “também têm chegado este tipo de situações”, mas considerou que a visibilidade “não tem a ver com um aumento do número de casos, mas “uma maior preocupação em relação a esta problemática”.

“O que se nota é que há, da parte da Polícia Judiciária, uma postura muito proactiva e as notícias também se têm sucedido por isso, não tem a ver com o facto de haver mais crimes, mas uma maior proactividade por parte das polícias que estão atentas e têm investigado todas estas situações”, considerou.



## APAV acompanhou em 2013 cerca de 750 processos de apoio a vítimas

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima acompanhou em 2013 750 processos, a maioria de violência doméstica, mas têm aumentado os crimes patrimoniais, de furtos e burlas...[P. 2](#)





# 750 processos de apoio à vítima e crescente número de casos de cyberbullying nos Açores

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) nos Açores acompanhou, em 2013, cerca de 750 processos, a maioria de violência em contexto familiar, mas têm aumentado outros tipos de crime, nomeadamente patrimoniais, os furtos e burlas. “As denúncias aumentam todos os anos. Começamos a nossa actividade em 2004 com cerca de 42 processos, por ano, de apoio à vítima, e estamos com cerca de 750 processos por ano, e este ano vamos ter mais”, afirmou a gestora da APAV nos Açores, Helena Costa, acrescentando que este aumento não significa que existam mais crimes, mas uma “maior proactividade” e consciencialização das próprias vítimas. Helena Costa falava à margem das III Jornadas Contra a Violência, que reúnem hoje vários especialistas, em Ponta Delgada, para debater quatro temáticas centrais: o direito das vítimas à informação, o apoio a familiares e amigos de vítimas de homicídio, crianças e jovens vítimas de ‘cyberbullying’ e o tráfico de seres humanos. Sublinhando que a APAV tem realizado várias campanhas de sensibilização pelas nove ilhas açorianas, abrangendo escolas, centros de saúde, comissões de protecção e as várias polícias, Helena Costa salientou que a APAV começa a abranger um leque “mais diversificado de situações crime”, o caso até do ‘cyberbullying’, embora a violência doméstica continue a ter a maior percentagem “com cer-

ca de 80%”, mas já chegou a ser de 90%.

No ano passado, a APAV nos Açores acompanhou “cerca de 750 processos de apoio à vítima”, mas em relação a este ano, ainda não foi feito o tratamento estatístico dos dados, mas tudo aponta para “um aumento” em relação a 2013.

“Estávamos muito habituados a trabalhar com as mulheres vítimas de violência doméstica e agora já começamos a abranger a população mais idosa, assim como outros crimes, nomeadamente os crimes patrimoniais, furtos, burlas ou roubos”, disse, frisando que a polícia tem realizado também “um intenso trabalho de sensibilização da população”.

Questionada sobre o facto de se sucederem nas últimas semanas os casos de detenção por abuso sexual de crianças nos Açores, a gestora da APAV no arquipélago disse que à associação “também têm chegado este tipo de situações”, mas considerou que a visibilidade “não tem a ver com um aumento do número de casos, mas “uma maior preocupação em relação a esta problemática”.

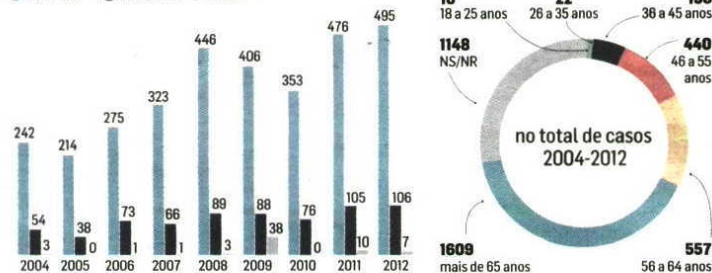
“O que se nota é que há, da parte da Polícia Judiciária, uma postura muito proactiva e as notícias também se têm sucedido por isso, não tem a ver com o facto de haver mais crimes, mas uma maior proactividade por parte das polícias que estão atentas e têm investigado todas estas situações”, considerou.

## Filhos que agredem os pais (2004-2012)

### A VÍTIMA

#### Por sexo

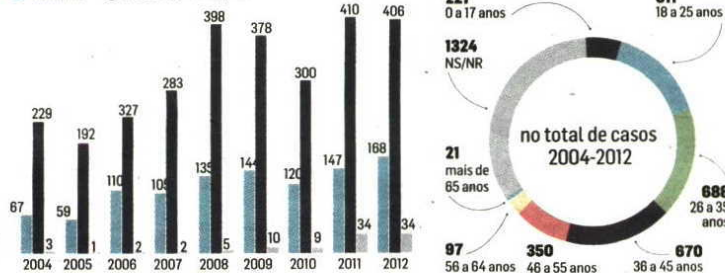
● Feminino ● Masculino ● NS/NR



### O AGRESSOR

#### Por sexo

● Feminino ● Masculino ● NS/NR



# Educação sem regras cria geração de “filhos tiranos” e “pais mártires”

**Tendência.** Mães humilhadas por filhos adolescentes são fenómeno geracional. Em oito anos houve perto de quatro mil pais maltratados pelos filhos, revela a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

RUTE COELHO

Uma mulher de 38 anos chegou à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em Lisboa, perdida e com um imenso sentido de culpa. Era vítima de agressões físicas e verbais por parte da filha adolescente de 14 anos mas não queria denunciar a menor — estava ali para pedir ajuda para a educar melhor.

“Onde é que eu errei? Não fui boa mãe, não fui boa mulher”, era o desabafo recorrente, solitário, de uma mulher que criou a filha sozinha depois de o pai sair de casa. Com três empregos para que nada faltasse à filha, com muito sacrifício.

A APAV divulga hoje um estudo sobre filhos que agredem os pais, centrado num período de oito anos (2004-2012), ao qual o DN teve acesso. Os números refletem uma geração de “filhos tiranos” e “pais mártires”, conceitos que surgiram em livros publicados em Espanha e França, respetivamente, como referiu Daniel Cotrim, assessor técnico da direção da APAV e psicólogo de formação.

Em oito anos, 3988 pais foram maltratados pelos filhos em ambiente doméstico. Segundo as contas aos dados feitas pelo DN, de três

em três dias, surge um caso de um filho adolescente (até aos 25 anos) que agrediu um dos pais. Sobre tudo a mãe. E todos os dias, em Portugal, há um pai ou uma mãe, de qualquer idade, que é vítima de um filho, sofrendo maus-tratos físicos e psicológicos.

#### O produto de uma geração

Mas quem são os filhos adolescentes agressores, as chamadas “crianças tiranas”? “São produto dos últimos dez anos, é uma tendência geracional”, explica Daniel Cotrim, da APAV. “São o fruto de educações demasiado liberais, sem regras e sem limites. Mas são também o resultado de pais ausentes ou que abandonaram o lar”, acrescenta.

Os casos de violência de filhos sobre os pais são “transversais a todas as classes sociais e meios”, sublinhou. A propósito, lembrou o caso de uma mãe com 40 anos, da classe média alta lisboeta, que teve um filho em “produção independente”. Na adolescência, a relação do rapaz com a mãe deteriorou-se, fruto de uma educação demasiado liberal e aberta. Os namorados da mãe sempre foram a casa para os en-

contros sexuais e passearam-se à frente do filho. Aos seis anos, o rapaz passou a repudiar a mãe e a chamar-lhe nomes. Aos 14 anos, já a agredia violentamente. “Esta mulher chegou à APAV com nódoas negras visíveis no pescoço, nos braços e pernas, na barriga. Tinha, inclusive, marcas feitas por ponta de faca, à superfície da pele.” O desfecho deste caso foi decidido pelo filho: “Aos 16 anos, o rapaz inscreveu-se, e entrou, no Colégio Militar e saiu de casa.”

#### “A mãe é que é maluca”

A mulher dos três empregos agredida pela filha era um exemplo de subjugação completa. Passados dois meses sobre a primeira sessão na Associação de Apoio à Vítima, a mulher conseguiu convencer a filha a ir com ela a uma outra sessão na associação. Só pelos olhares trocados entre filha e mãe, os técnicos fizeram logo a leitura psicológica das duas. “Percebemos que a filha adolescente, de 14 anos, dominava por completo a mãe, manipulava-a. A menor chegou-nos aqui muito dócil e a dizer que a mãe é que era maluca e inventava as histórias todas”, descreveu Da-

A filha menor dominava e manipulava a mãe

niel Cotrim, assessor técnico da direção da APAV. “Precisas de te tratar”, disse a menor à mãe, na presença dos técnicos.



Segundo contou a vítima antes desta última sessão, as agressões verbais e físicas da rapariga à mãe eram acompanhadas de uma ameaça recorrente: um dia abandonava a mãe porque esta “perdia toda a gente à sua volta”.

Para que estes casos não se percam no arquivamento, com a manutenção do perigo para os pais vítimas e para os filhos (no que ao seu futuro diz respeito), Daniel Cotrim entende que “devia seguir-se o exemplo de países nórdicos como a Noruega e a Dinamarca” e retirar temporariamente os filhos aos pais para uma reeducação em terapia familiar. Nas comissões de

proteção de crianças e jovens (CPCJ) em risco, o retrato que é feito destes casos é similar ao da APAV. “São filhos superprotegidos e sem noção de limites e regras, manipuladores, e mães deprimidas, com separações mal resolvidas”, como descreveu Joana Garcia da Fonseca, presidente da CPCJ da Amadora.

Recorda uma mãe, professora, que num dos episódios de violência do filho adolescente chamou a PSP depois de se ter trancado no quarto, com pavor pela sua integridade física. Joana Fonseca conclui que “estes pais são adultos permissivos e imprevisíveis, são incoerentes na definição das regras de casa. E isto não é apenas o padrão de famílias monoparentais femininas”. São erros de uma geração.



OS CRIMES

3988

processos  
Registados pela APAV  
entre 2004 e 2012

9192

crimes  
registados

Violência doméstica	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	TOTAL
Maus-tratos físicos	211	178	243	264	366	336	273	400	336	28,4%
Maus-tratos psíquicos	219	202	244	289	436	457	370	440	510	34,5%
Ameaças/Coação	165	127	153	174	251	249	196	188	228	16,9%
Difamação/Injúrias	75	66	89	110	139	137	105	51	131	9,8%
Natureza sexual	-	-	-	-	-	-	3	1	1	0,1%
Violação domicílio	-	-	-	-	-	-	7	83	-	1,0%
Devassa vida privada	-	-	-	-	-	-	8	3	2	0,1%
Violação domicílio	-	-	-	-	-	-	-	-	41	0,5%
Violação correspondência	-	-	-	-	-	-	5	14	7	0,3%
Subtração menores	1	-	1	-	-	1	-	2	-	0,1%
Violação obrigação alimentos	1	4	5	4	7	6	5	5	3	0,5%



Cinema  
já abordou  
o problema

**FILME** *Treze*, uma película norte-americana de 2003 protagonizada por Evan Rachel Wood e Holly Hunter e dirigido por Catherine Hardwicke, retrata a relação tumultuada de uma adolescente rebelde com a mãe divorciada e trabalhadora que ficou responsável pela educação da filha. Quando a adolescente Tracy começa a relacionar-se com uma garota popular na escola, acaba por envolver-se por um mundo de sexo, drogas e rock n'roll, numa vertigem de acontecimentos. A mãe apercebe-se tarde demais. Curiosamente, a atriz Evan Rachel Wood, que desempenha o papel de Tracy, foi também protagonista na série *Mildred Pierce* (2011), com a mesma temática. Era a história de uma mãe divorciada que cria a filha sozinha num contexto de abrir o seu próprio restaurante e sobreviver. A filha ambiciosa acaba por exigir demais da mãe, chegando mesmo a agredi-la.

Três tipos de  
pessoas que agredem  
os próprios pais

**ANÁLISE** Agressores adultos seguem para GNR e PSP. Casos de raparigas que atacam os pais são considerados mais graves

mental a funcionar como deve ser e que possa ter um efeito preventivo para estas situações de menores problemáticos".

**Pais idosos e filhos adultos**

Mas a maioria dos pais vítimas são idosos, com mais de 65 anos, agredidos por filhos adultos, estes com idades entre os 26 e os 45 anos. Em 2008, o então procurador-geral da República, Pinto Monteiro, considerou a violência contra idosos de investigação prioritária pela Lei de Política Criminal, tendo-se constatado que muitos desses casos eram de idosos agredidos pelos filhos.

Quando os filhos agressores são adultos, os inquéritos vão parar à GNR e PSP. "Mas não é muito habitual os pais denunciarem os filhos", sublinha Daniel Cotrim, da APAV. Como a violência doméstica é um crime público, o Ministério Público pode investigar sem queixa-crime e é assim que acontece em muitos dos casos.

Segundo dados facultados pelo comando-geral da GNR ao DN, dos 11 528 inquéritos abertos na Guarda pelo crime de violência doméstica em 2013, 579 foram relativos a pais agredidos pelos filhos. A maioria das vítimas foram mães (378 mães e 200 pais). A maioria dos filhos suspeitos foram homens (424 homens e 143 mulheres).

No primeiro semestre deste ano, a GNR abriu 5497 inquéritos por violência doméstica, dos quais 264 foram de pais agredidos pelos filhos. Ou seja, entre janeiro e junho deste ano foi aberto mais de um inquérito por dia por violência de um filho/a sobre o pai ou a mãe na GNR. Em 178 casos, a vítima foi a mãe, em 85 o pai. Houve 183 suspeitos homens detidos pela GNR e 73 filhas adultas detidas. R.C.

"Há os filhos de pais que vivem sozinhos; os filhos toxicodependentes que agredem os pais; e os filhos com psicopatologias, como esquizofrenia ou psicose, em que a agressividade é um dos sintomas." São estes os três tipos de filhos que agredem os pais, segundo Daniel Cotrim, assessor técnico da direção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Mas existem vários casos em que os agressores são filhos menores e aí são encaminhados para as comissões de proteção de jovens. "Em muitas situações, os pais demitiram-se da sua função. Num caso que tive, um pai chegou à comissão com uma filha menor rebelde e disse-me: 'Fique com ela que eu não sei o que fazer!'", descreveu ao DN Teresa Espírito Santo, da equipa técnica da Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco.

O juiz António Fialho, do tribunal de Família e Menores do Barreiro, também já viu casos destes no tribunal. "Aparece de tudo, mas os casos de raparigas agressoras dos pais são muito graves porque o grau de rebeldia delas é maior do que o dos rapazes. Têm tendência para atacar e magoar e para comportamentos sexuais de risco", refere. Depois surgem também várias situações em que os filhos agressores "têm problemas de saúde mental ou consomem drogas e por isso são agressivos".

Na opinião do juiz, Portugal "não tem um sistema de saúde





ID: 55954974

02-10-2014 | Lisboa, Oeiras e Cascais

# Jessica Athayde

## “Sinto que me exponho de uma forma saudável”

Na semana em se assinala o dia Mundial do Animal (4 de outubro), Jessica Athayde revelou-nos a sua paixão pelo Júlio, o seu cão.

Filomena Sousa

**A sua paixão por animais principalmente por cães é bastante conhecida. O que é que mais a fascina nestes animais?**

Desde que me conheço que tenho esta paixão por animais. Cresci com gatos e a querer ter um cão. Assim que fui viver sozinha foi um dos primeiros passos que dei: ter um cão. O facto de viver num apartamento fez com que a minha mãe colocasse essa restrição de ter cães, não só por causa da falta de espaço, mas porque ter um animal de estimação, nomeadamente um cão, requer uma atenção diferente da de um gato: é preciso levá-lo a passear com frequência, faça chuva ou faça sol e interagir muito com ele. O que mais me fascina nos cães é a companhia que nos fazem, a fidelidade e a lealdade que têm para com os donos. Eles estão sempre prontos para nos receber com um abanar de rabo. É incrível ver a alegria com que nos recebem sempre, estejamos cinco minutos ou quatro horas fora de casa. Neste momento tenho um boxer, chama-se Júlio e é um membro da minha família.



**Vou ser uma velhinha doida com uma mente aberta**

**Costuma dizer-se que não são os donos que escolhem os seus cães, mas os cães que escolhem os donos. Foi assim consigo?**

De todos os cães que já tive foram sempre eles que me escolheram. Quando vou buscá-los trago o que se dirigir a mim e não me largar mais. É impressionante como os animais são tão inteligentes e nos conseguem fazer tão felizes. Se não trabalhasse tantas horas seguidas teria mais cães, eles são sem dúvida, uma ótima companhia e neste momento há muitos cães a precisarem de ser adotados, teria muitos se pudesse. Aliás é-me muito difícil ver animais abandonados na rua. Normalmente ligo para as associações para os irem buscar.

**Colaborou recentemente com a campanha de adoção da Casa dos Animais de Lisboa, em parceria, com a LISB/ON Jardim Sonoro. O que significa para si participar neste tipo de campanhas?**

Nasci e cresci no seio de uma família que adora animais e por isso sou muito sensível a estas causas. Repugna-me saber que há pessoas que abandonam os seus animais

de estimação e que os tratam mal. Posso mesmo dizer que estas são duas das coisas que me conseguem tirar do sério. Como sou atriz tento usar a minha visibilidade pública para defender e dar voz a causas que sinto que precisam, e esta é sem dúvida uma delas. Na minha opinião cabe às figuras públicas dar a conhecer este tipo de problema, alertando e educando as gerações mais novas. Se hoje não tivesse o Júlio e quisesse muito ter um cão não o compraria, iria adotar, não faz sentido nenhum comprar um cão quando há milhares para adotar a precisarem de carinho, de amor e de quem os trate bem.

**Quais os conselhos que daria a quem pretende ter um animal de estimação?**

Ter um animal de estimação é uma responsabilidade muito grande. Temos de pensar que eles também ficam doentes, que precisam de comer, beber água, atenção, tempo, carinho, dedicação e muito amor. Já há

única vergonha que passo normalmente é com a quantidade de baba que ele deixa em todo o lado. De resto é um cão muito simpático.

**Inaugurou há ano o seu blog “Jessy James”? Porque é que resolveu criar este blog?**

Lancei o “Jessy James” através de uma proposta da TVI que se tornou um sucesso. Já passou um ano e tem sido uma experiência desafiante, às vezes difícil devido à falta de tempo e uma força de divulgar o que quero na primeira pessoa.

**É adepta das redes sociais e publica regularmente situações da sua vida pessoal no facebook ou no twitter? Não tem medo de se expor demasiado?**

Eu partilho com o público aquilo que quero e acho que faz sentido. Sinto que me exponho de uma forma saudável e não gratuita. As fotos que coloco sou mesmo eu, não há ali nada camuflado.

tudo funcionasse em pleno fiz este trabalho em conjunto com o ator Luis Gaspar, que desempenha o papel de meu marido na novela e que me agride frequentemente.

**O que é que esta personagem mudou em si?**

Esta personagem e o contacto que me fez ter com esta realidade fez com que passasse a ter uma perspetiva muito diferente em relação à violência doméstica. Costuma dizer-se que “entre marido e mulher ninguém mete a



quem diga que existem mais animais de estimação nas famílias do que bebés, mas não sei se será verdade. O conselho que dou normalmente às pessoas que querem adquirir ou adotar um animal é para pensarem bem antes de o fazerem, porque ter um cão é juntar um novo membro à família. É assim que vejo o meu Júlio, que é um cão muito feliz, brincalhão e obediente...

**... ele já a fez passar algum tipo de vergonha, ou é bem comportado?**

O Júlio é bem comportado, mas porque me obriga a não mimá-lo apenas. O Júlio tem regras e rotinas que criámos para o educar melhor e que nós respeitamos. A

**A Bárbara, personagem que interpreta na telenovela da TVI, é uma mulher que enfrenta uma vida complicada, pois é vítima de violência doméstica? Como é que se preparou para este papel?**

Preparei-me para este papel com a ajuda da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Foi uma preparação dolorosa porque falei com várias vítimas de violência doméstica o que fez com que eu tivesse um contacto muito próximo com esta dura realidade e me apercebesse de situações sórdidas e deveras repugnantes. Mas para desempenhar este papel e para passar a mensagem que se pretende tinha mesmo de fazer este trabalho de pesquisa. Para que

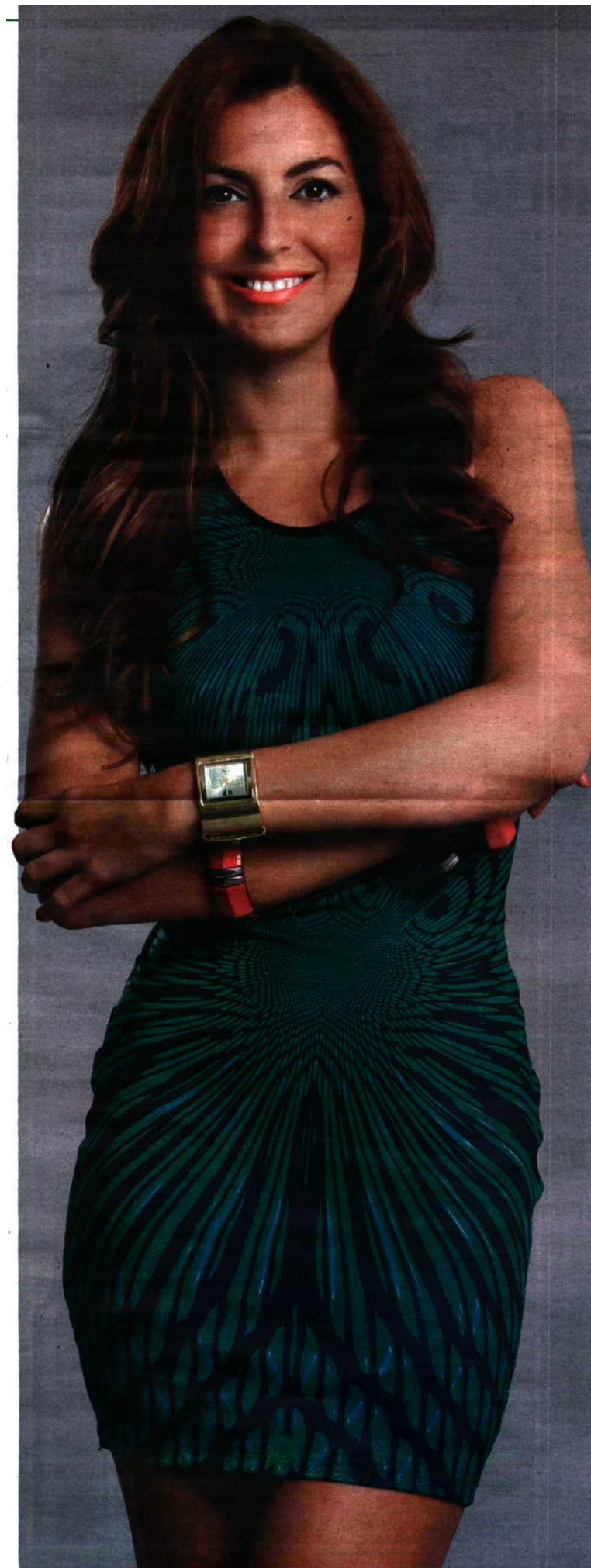
colher”, mas há coisas que têm forçosamente de ser denunciadas e não podemos deixar que este tipo de violência, quer física quer psicológica continue a acontecer, por isso há que denunciar todas as situações de que tenhamos conhecimento e ajudar, se conseguirmos, essas vítimas a terem força para denunciarem o pesadelo que vivem. Posso dizer, que já recebi muitas mensagens no meu facebook a contar as suas experiências, tem sido muito gratificante...

**Que conselhos dá a essas pessoas?**

Que tenham coragem e força para denunciar os seus casos. Não tenham medo de enfrentar a vida, mais vale estar sozinho do







## Não faz sentido nenhum comprar um cão quando há milhares para adotar"

que viver num pesadelo dia após dia.

### Porque é que diz que a acupuntura mudou a sua vida?

Com o tempo passei a ter uma noção muito diferente do meu corpo e evito intoxicar-me com químicos. Raramente vou a um médico de medicina tradicional, tento tratar desde a minha anemia até uma constipação ou lesões físicas através da medicina chinesa.

### Que cuidados tem com a sua saúde?

Evito o glúten e não consumo leite. Bebo regularmente muita água, faço desporto, procuro comer e dormir bem. Não faço dietas, nem bebo sumos detox para emagrecer, neste caso específico bebo quando me apetece ou quando sinto que preciso de dar mais atenção ao meu corpo. Aliás, adoro comer, considero-me mesmo um bom garfo, e fazer experiências na cozinha, não há regras. Gosto cada vez mais de cozinhar e de inventar, mas isso não significa que seja uma boa *Chef*. Cozinho para comer bem e de forma saudável, mas confesso que por vezes acho uma chatice, principalmente cozinhar por obrigação.

### Qual é a sua melhor terapia?

Quando me sinto verdadeiramente irritada e enervada com alguma situação vou correr para desanuviar, mas a minha melhor terapia é passear o meu cão e ouvir música.

### É uma adepta do exercício físico. Prefere ginásio, ou praticar exercício ao ar livre?

Prefiro praticar exercício físico ao ar livre, porque gosto de estar envolvida e em contacto com a natureza. No entanto, também pratico exercício no ginásio, porque há ginásios simpáticos, com luz natural e envidraçados onde não nos sentimos asfixiados.

### É uma pessoa feliz e de bem com a vida?

O meu principal objetivo é esse: ser feliz. Faço por isso e trabalho sempre nesse sentido, rodeando-me do que gosto, de pessoas felizes e de bem com a vida, que me transmitam energias positivas e sendo egoísta quanto baste. Aliás, o que me faz feliz é isso mesmo, tomar a decisão de querer ser feliz.

### Preocupa-a envelhecer?

Não penso muito nisso e acho que não farei qualquer tratamento para atenuar a passagem dos anos. Na minha opinião tudo passa pela alimentação e pelo estilo de vida que levamos ao longo da vida. Às vezes tento imaginar como serei quando for velhinha e vejo-me de galochas calçadas a tratar da horta e das flores do meu jardim. Acho que vou ser uma velhinha doida com uma mentalidade aberta... ■

## PERFIL

Jessica Athayde é atriz, tem 28 anos e começou a sua carreira na série "Morangos com Açúcar". Filha de mãe inglesa e de pai português tem com os dois países uma ligação muito forte, mas em casa é a língua portuguesa que prevalece. Viveu em Inglaterra até aos 11 anos; altura em que aprendeu a falar português.

Nunca sai de casa sem telefone e o cinema é um dos hobbies de que não abdica pelo menos uma vez por mês. O Júlio, o *bulldog* que a acompanha para todo o lado, é o seu mais fiel companheiro.

A interpretar Bárbara, a primeira personagem adulta da sua carreira, na telenovela *Mulheres*, da TVI, uma mulher de 33 anos que sofre de violência doméstica, a atriz revela que foi duro preparar-se para este papel "contactei a APAV e ouvi testemunhos que são verdadeiras histórias de terror".

## 7 Pecados Capitais

**Gula** – Chocolate.

**Avareza** – Não sou nada avarenta, até me considero bastante generosa.

**Luxúria** – Discos.

**Ira** – Maus tratos aos animais.

**Inveja** – Mergulhadores profissionais.

**Preguiça** – Inverno.

**Vaidade** – A minha sobrinha.

## As escolhas da Jessica

**Livro** – Vários

**Filme** – *Little Miss Sunshine* (*Uma Família à Beira de um Ataque de Nervos*), de Jonathan Dayton and Valerie Faris.

**Música** – *Spotify*.

**Prato** – Pad thai.

**Viagem** – Ásia.

**Ídolo** – Emma Watson.

**Lema de Vida** – Família, amigos, trabalho, amor ... e humor.







NELSON GARRIDO

Os maus tratos físicos e os psíquicos são os mais frequentes e representam 60% dos crimes relatados

## Quatro mil pais agredidos pelos filhos pediram ajuda

**Violência doméstica**  
**Andreia Sanches**

**Nos nove anos de trabalho em análise, a APAV recebeu um pedido de apoio por dia, de um pai ou de uma mãe (sobretudo de mães)**

As contas são da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV): entre 2004 e 2012, houve 3988 pais agredidos pelos filhos que procuraram ajuda na associação. Na maioria dos casos, não apresentam queixa à polícia, apesar de relatarem crimes graves.

São das situações mais delicadas que chegam à APAV, reconhece Maria Oliveira, assessora técnica da direcção. “É muito complicado um pai ou uma mãe apresentar uma queixa contra um filho”, explica. “E se estamos a falar de pessoas já com uma certa idade, as agressões acontecem, muitas vezes, em contextos de grande dependência física e emocional. Um número residual avança com queixa-crime.”

Em média, nos nove anos em estudo, a associação recebeu, por dia, pelo menos um pedido de apoio ou uma denúncia relativos a homens e mulheres vítimas dos filhos – sendo que o número de vítimas do sexo feminino (81%) foi sempre superior ao

número de vítimas do sexo masculino. A tendência tem sido para um aumento das queixas – e, logo, da abertura de processos de apoio. Em 2012, bateu-se um recorde: 608, contra 299 em 2004.

Estão em causa, em nove anos, mais de nove mil crimes, cometidos por filhos contra os progenitores. Na maior parte dos casos, são relatados pelas vítimas, mas por vezes a denúncia chega porque uma terceira pessoa se envolve e apresenta queixa.

Os maus tratos físicos e os maus tratos psíquicos são os mais frequentes e representam 60% do total dos crimes relatados. Mas também há casos de ameaças e coacção, de difamação e injúrias, de violação de obrigação de alimentos, de furtos e roubos, de crimes de natureza sexual, entre outros, segundo a análise divulgada na terça-feira com o título *Crimes de violência doméstica: filhos que agredem os pais, 2004-2012*.

O documento surge a propósito do Dia Internacional da Pessoa Idosa, que se assinalou ontem – em 2013, a associação apoiou 774 pessoas com 65 ou mais anos (não tendo ainda analisado quantas destas foram vítimas dos filhos). Sendo certo que nem só pais idosos sofrem agressões dos filhos, a análise 2004-2012 mostra que o principal grupo de vítimas é, precisamente, o dos 65 ou mais anos – 40,3% dos casos acompanhados pela APAV.

Deram-se muitos passos na consciencialização da população para o crime de violência doméstica, diz Maria Oliveira. Mas existe ainda um insuficiente conhecimento deste tema específico por parte das vítimas, familiares e prestadores de cuidados. “Começou-se com as mulheres, depois, por causa de uma série de crimes mediáticos, com as crianças. Mas em relação aos crimes contra idosos ainda há um caminho a percorrer. Num prédio, se houver uma mulher a gritar, chama-se a polícia; se houver uma criança a chorar muito já se chama a comissão de protecção... Se for um idoso, não se chama ninguém. E há muitos fechados em casas, confinados a um quarto.”

A crise económica potencia os problemas, admite. “O regresso dos idosos a casa dos filhos – filhos que querem ficar com a pensão de reforma dos pais – e os casos dos filhos que colocam os pais em instituições, contra sua vontade”, são situações cada vez mais reportadas.

Os filhos agressores são, maioritariamente, do sexo masculino (71%). E têm entre 26 e 45 anos (42,9% dos casos). Também há, contudo, menores a atacarem os pais – em 5,7% dos casos acompanhados pela APAV nos nove anos analisados.

A APAV tem uma Linha de Apoio à Vítima (com o número 707 200 077) e presta apoio psicológico, jurídico e social.

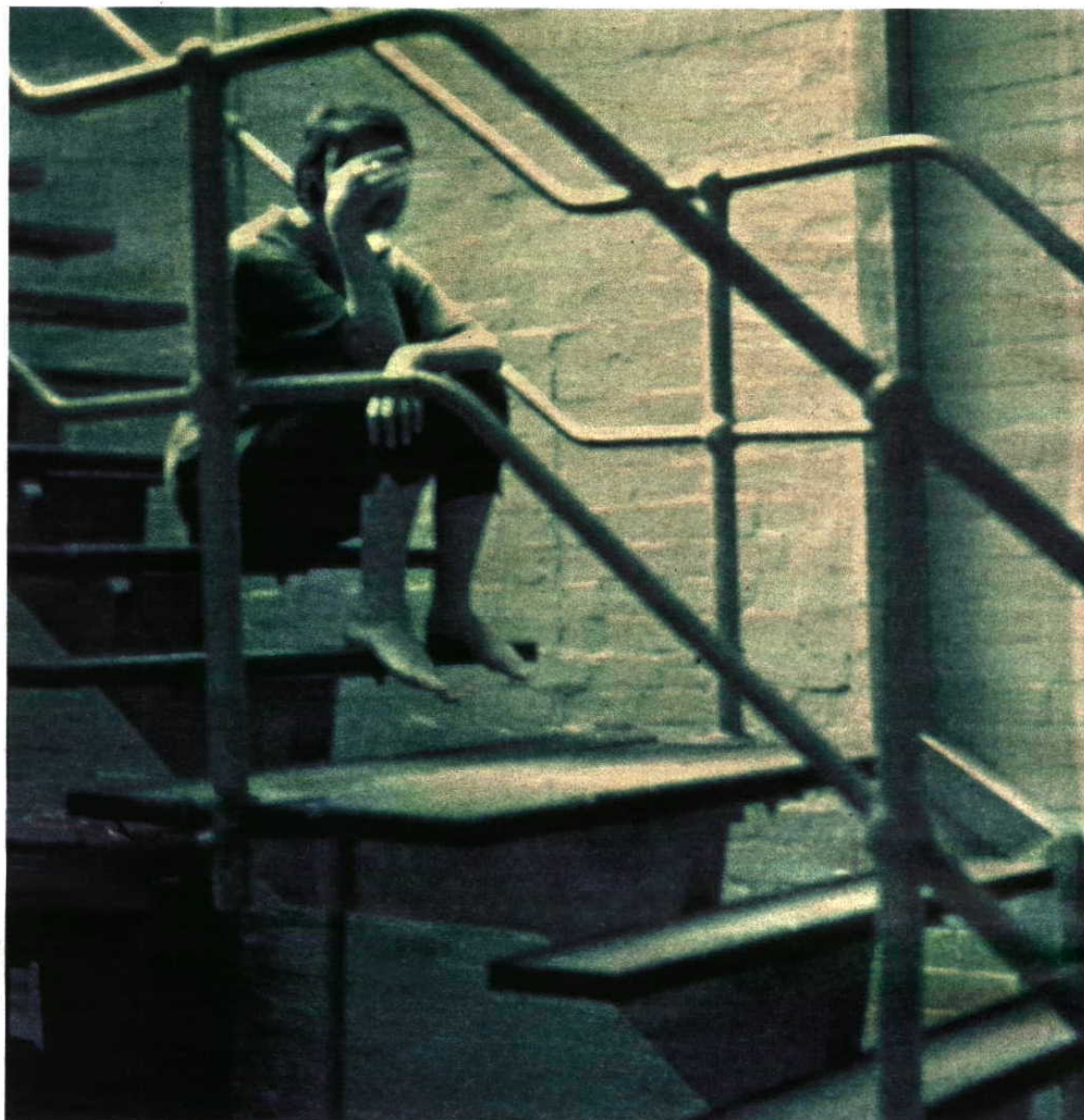




## Zoom // Violência doméstica

Alcoolismo ou desemprego estão associados aos filhos agressores. Mães são as principais vítimas

GETTY IMAGES



# Violência doméstica. Quando um filho é o inimigo

MARTA CERQUEIRA  
marta.cerqueira@ionline.pt  
KÁTIA CATULO  
katia.catulo@ionline.pt

Não há maneira de Paulo arranjar um emprego fixo. Volta e meia, arruma a mala e parte uma temporada para o estrangeiro trabalhar na apanha dos morangos ou da azeitona. Paulo é um homem feito, mas vive com a mãe desde sempre e quando sai de casa para fazer biscates ela suspira de alívio. "Quando estou sozinha estou contente."

Da última vez, chegou mais cedo. Era para vir só pela Páscoa, mas veio quase duas semanas antes. À noite, à hora do jantar, anunciou que ia partir outra vez no dia seguinte. A mãe que lhe arranjas-se uma mochila com três ou quatro mudas de roupa para sair logo pela manhã: "Costumo comprar umas coisinhas para ele comer na viagem, mas chovia muito e não fui ao Lidl." Ele chegou eram quase 11 da noite e começou logo a implicar: "Acha que esta camisola me serve?" Saiu do quarto com a fúria. Foi à cozinha buscar um pacote de leite e despejou-o nos cabelos da mãe. Atirou o candeeiro para o chão e desatou à chapada à mãe. Ela saiu de casa

a gritar e ele foi atrás. Deu-lhe um pontapé. "Eu fiquei ali no chão. Depois, conforme pude, fui pedir ajuda à vizinha, foi ela que chamou os bombeiros." Foi nesse dia que a mãe apresentou queixa à GNR contra o filho.

O relatório divulgado ontem pela APAV mostra que episódios como este se repetiram quase quatro mil vezes entre 2004 e 2012. Durante este período, a associação contabilizou os casos de pais vítimas de crimes de violência doméstica por parte de filhos. As conclusões permitiram traçar um perfil: o número de vítimas mulheres (81%) com mais de 65 anos foi sempre superior e os agressores são maioritariamente homens entre os 26 e os 45 anos.

Paulo nem sempre foi assim. Mudou quando o pai morreu. Antes andava na ordem e sempre teve tudo o que pediu: "Agora dá-me bofetadas, chama-me nomes, pede-me dinheiro e diz-me que me vai matar." Por vezes passam-se semanas e ele deixa-a em paz. "O mal dele é ir para o café beber cervejas." Quando bebe ou "fuma charros" fica alterado: "Fala alto, pede-me dinheiro todos os dias e eu dou-lhe porque tenho medo dele."

O filho de Rosário também lhe gasta tudo. Não bebe, "mas é muito nervoso",

Quatro mil filhos maltrataram os pais em nove anos, segundo a APAV. O *i* conta a história de três mães desesperadas que pediram ajuda





## Maus-tratos. Todos os dias há um pai agredido pelo filho

A maioria das vítimas de maus-tratos são mulheres e têm mais de 65 anos

### Números

**71%**

Os agressores são, maioritariamente, do sexo masculino

**495**

Em 2012, 495 mulheres foram vítimas de agressão por parte dos filhos

**40%**

Na sua maioria, as vítimas têm mais de 65 anos

**26**

Os filhos agressores têm entre 26 e 45 anos, maioritariamente

**3167**

Desde 2004, 3167 pais foram vítimas de maus-tratos psíquicos

**5**

A Associação de Apoio à Vítima registou cinco casos de abuso sexual

Em nove anos, 3988 pais foram maltratados pelos filhos em ambiente doméstico. Feitas as contas, todos os dias há um pai (ou mãe) a ser vítima de maus-tratos em Portugal. De acordo com um estudo divulgado ontem pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), durante os anos de análise – de 2004 a 2012 – o número de vítimas do sexo feminino (81%) foi sempre superior ao número de homens agredidos. Segundo Maria Félix Duque, coordenadora do centro de formação da APAV, mais do que um vínculo financeiro entre agressor e vítima, quando se fala em pai e filho, é o vínculo emocional que prevalece, mais ainda quando se trata de mães.

“O vínculo emotivo é mais forte com as mães que, por outro lado, são também mais permissivas em relação a alguns comportamentos pouco tolerados pelos pais”, refere. Além disso, a responsável acredita que o facto de as mulheres terem uma esperança de vida superior e terem os filhos sobre sua dependência durante mais tempo potencia a ocorrência de mais crimes.

Do outro lado da tabela, é do sexo masculino a dominar a tendência, com 71% de homens como agressores, na sua maioria com idades entre os 36 e os 45 anos. Além de alguns comportamentos estarem ligados ao consumo de álcool e drogas, também a convivência entre pai e filho pode potenciar episódios de violência. Maria Félix Duque acredita que o regresso dos filhos adultos a casa dos pais, comportamento potenciado pela crise financeira, pode estar na origem de situações de violência. Além disso, a responsável aponta o chamado “stress do cuidador”, associado aos filhos que ficam com a responsabilidade de cuidar dos pais idosos, como potenciador de episódios de violência.

O estudo revela ainda que são os maus-tratos psíquicos a registar a maior percentagem dos casos. “As pessoas esquecem-se que, no limite, a própria infantilização dos idosos pode ser considerada agressão”, explica a responsável. Os maus-tratos físicos surgem logo a seguir, com registo de 2607 episódios em nove anos. Já as situações de coação e ameaça surgem em terceiro lugar, representando 18,83% do total de casos registados pela associação. *Marta Cerqueira*

conta a mãe. Às vezes, quando ela faz alguma coisa de que ele não gosta aplica-lhe castigos: “Pôs-me mais de uma hora de pé em silêncio, se falasse ele batia-me, dá-me com a mão fechada na cabeça, no rabo, nas costas.” Já chegou a ameaçá-la com uma faca. Nesse dia, Rosário nem sequer conseguiu entrar em casa para comer.

Sem saber mais o que fazer, a mãe chamou a GNR, mas só para o repreender. O mal dele é não ter emprego. Se arranjas-se um trabalho tudo mudaria. Ia-se embora de casa e não lhe batia mais. Uma dia, Rosário pediu finalmente ajuda à câmara. Mandaram-na falar com as assistentes sociais que lhe propuseram uma solução: mudar-se para casa de uma família de acolhimento. E ela nem passou duas vezes. Abandonou tudo quanto construiu em casa só para não voltar apanhar. Mesmo assim, ainda pensa no filho: “Era bom que ele arranjasse um trabalho.”

Quando se pede ajuda a estranhos por se ser vítima de um filho que se gerou e criou é porque todas as tentativas falharam. As situações já são limite. Josefa cansou-se de apanhar do filho e apareceu no posto da GNR, desorientada e desesperada. Falou dos problemas de saúde dele, da dificuldade em se manter muito tem-

po no mesmo emprego, do historial de consumo de álcool e de drogas, das exigências constantes de dinheiro e da porrada que apanhava quando se recusava a dar-lhe mais. Primeiro eram só empurrões, depois começaram os murros no peito e os pontapés. Havia dias em que lhe chamava nomes e a ameaçava. Noutros dias, ignorava-a.

Entre soluços e culpa, Josefa formalizou a queixa contra o filho. Dias depois, a GNR levou-o para uma casa de saúde, onde foi internado. Josefa sentiu pena, mas confessou aos guardas que, acima de tudo, se sentia segura. Passou a poder sair para ir à missa ou às compras. Pôde finalmente dar passeios na marginal, como não fazia há anos e até visitava o filho. Até que ele terminou o tratamento e teve alta. Aí mãe mudou. Deixou de sair de casa e quando o fazia era só para falar com as assistentes sociais que a ajudaram. Queixava-se que ele ainda havia de a matar, deixou de se pentear, deixou de comer, entupiu-se de medicamentos. As assistentes sociais só encontraram uma saída. Hoje, Josefa vive num lar de idosos. *Com Rosa Ramos*



Todos os nomes usados são fictícios.





## APAV lança site [www.abcjustica.pt](http://www.abcjustica.pt)

A APAV promoveu uma sessão de lançamento do *site* [www.abcjustica.pt](http://www.abcjustica.pt) no passado dia 24 de Setembro, na Casa Pia de Lisboa.

Num momento em que os direitos das vítimas de crime estão cada vez mais na ordem do dia, na sequência da aprovação da nova Diretiva do Parlamento Europeu e do Conselho, que estabelece normas mínimas relativas aos direitos, ao apoio e à proteção das vítimas da criminalidade, este *site* visa veicular junto da população jovem (12-18 anos) informação acerca do funcionamento do sistema de justiça penal e dos direitos das vítimas de crimes.

Construído numa linguagem que se pretende clara e acessível, este *site* engloba informação sobre as principais reações e consequências associadas à vitimação, os direitos das vítimas de crime e formas práticas de os exercer e o decurso do processo crime e papel dos seus intervenientes. Encontra-se ainda informação sobre serviços de apoio existentes, links úteis e um glossário.

A APAV promove o Projeto ABC Justice, que é co-financiado pelo Alumni Engagement Innovation Fund, do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, através da Embaixada dos EUA em Lisboa.





ID: 55997348

03-10-2014

# APAV assinala 20.º Aniversário com Exposição na Biblioteca Municipal

“Olha” é o título da Exposição de Fotografia que o Gabinete de Apoio à Vítima de Albufeira escolheu para comemorar o 20.º Aniversário da Associação.

A mostra que vai decorrer de 4 a 27 de outubro, na Biblioteca Municipal Lídia Jorge, em Albufeira, reúne um conjunto de trabalhos do fotógrafo Valter Vinagre e tem por objetivo retratar o universo das vítimas de crime em Portugal.

“Como fotografar o silêncio? Como fotografar o invisível ou o velado? (...) A violência doméstica ... é omnipresente em todas as sociedades, mas invisível”, diz Celso Martins na folha de sala da exposição.

Trata-se de uma retrospectiva da vida da instituição e do apoio que tem prestado às vítimas de crime nos di-

versos Gabinetes de Apoio à Vítima espalhados pelo país.

Refira-se que o Gabinete de Apoio à Vítima de Albufeira está presente no concelho há já catorze anos, tendo sido estabelecida, desde o início, uma profícua colaboração entre a instituição e o Município.

A APAV é uma instituição particular de solidariedade social, sem fins lucrativos, com o objetivo de apoiar, de forma qualificada as vítimas de crime, familiares e amigos das vítimas, fornecendo-lhes informação, aconselhamento e apoio jurídico, social e psicológico de forma gratuita e confidencial, promovendo programas e ações de sensibilização para prevenção da vitimização e da violência.



# APAV nos Açores acompanhou em 2013 cerca de 750 processos de apoio à vítima

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) nos Açores acompanhou, em 2013, cerca de 750 processos, a maioria de violência em contexto familiar, mas têm aumentado outros tipos de crime, nomeadamente patrimoniais, os furtos e burlas.

“As denúncias aumentam todos os anos. Começámos a nossa atividade em 2004 com cerca de 42 processos, por ano, de apoio à vítima, e estamos com cerca de 750 processos por ano, e este ano vamos ter mais”, afirmou a gestora da APAV nos Açores, Helena Costa, acrescentando que este aumento não significa que existam mais crimes, mas uma “maior proatividade” e consciencialização das próprias vítimas.

Helena Costa falava à margem das III Jornadas Contra a Violência, que reuniram ontem vários especialistas, em Ponta Delgada, para debater quatro temáticas centrais: o direito das vítimas à informação, o apoio a familiares e amigos de vítimas de homicí-

dio, crianças e jovens vítimas de ‘cyberbullying’ e o tráfico de seres humanos.

Sublinhando que a APAV tem realizado várias campanhas de sensibilização pelas nove ilhas açorinas, abrangendo escolas, centros de saúde, comissões de proteção e as várias polícias, Helena Costa salientou que a APAV começa a abranger um leque “mais diversificado de situações crime”, o caso até do ‘cyberbullying’, embora a violência doméstica continue a ter a maior percentagem “com cerca de 80%”, mas já chegou a ser de 90%.

No ano passado, a APAV nos Açores acompanhou “cerca de 750 processos de apoio à vítima”, mas em relação a este ano, ainda não foi feito o tratamento estatístico dos dados, mas tudo aponta para “um aumento” em relação a 2013.

“Estávamos muito habituados a trabalhar com as mulheres vítimas de violência doméstica e agora já começamos a abranger a população

mais idosa, assim como outros crimes, nomeadamente os crimes patrimoniais, furtos, burlas ou roubos”, disse, frisando que a polícia tem realizado também “um intenso trabalho de sensibilização da população”.

Questionada sobre o facto de se sucederem nas últimas semanas os casos de detenção por abuso sexual de crianças nos Açores, a gestora da APAV no arquipélago disse que à associação “também têm chegado este tipo de situações”, mas considerou que a visibilidade “não tem a ver com um aumento do número de casos, mas “uma maior preocupação em relação a esta problemática”.

“O que se nota é que há, da parte da Polícia Judiciária, uma postura muito proativa e as notícias também se têm sucedido por isso, não tem a ver com o facto de haver mais crimes, mas uma maior proatividade por parte das polícias que estão atentas e têm investigado todas estas situações”, considerou. ■





# Aposta no combate à violência é para manter nos Açores

O Diretor Regional da Solidariedade Social garantiu ontem, em Ponta Delgada, que o Executivo vai continuar a apostar na informação, sensibilização e formação de públicos estratégicos no âmbito do combate à violência, salientando que o II Plano Regional de Prevenção e Combate à Violência Doméstica deve entrar em vigor até ao final do ano.

“Muito já foi feito nestas áreas, muito há ainda a fazer. É extensa a lista de iniciativas promovidas e realizadas pelo Governo dos Açores, pelas Instituições Particulares de Solidariedade Social, pelas organizações não-governamentais”, frisou Frederico Furtado Sousa, na sessão de abertura das III Jornadas Contra a Violência, promovidas pela APAV – Açores.

Frederico Furtado Sousa reconheceu que, no âmbito do combate à violência, “o caminho a percorrer tem sido longo” nos Açores, salientando a



Frederico Furtado Sousa: “Muito há ainda a fazer”

GACS

importância de espaços privilegiados “de reflexão e debate sobre o que mais conseguimos fazer juntos, cidadãos e entidades, para responder a esses desafios”.

O Diretor Regional salientou ainda a importância do papel das instituições de natureza social na vida das comunidades, na medida em que se constituem como “importantes parceiras do Governo Regional no incremento

da amplitude de respostas aos flagelos que afligem a nossa sociedade”.

“A realização do estudo sobre a Violência de Género, através de um inquérito à Região Autónoma dos Açores, e a elaboração do I Plano Regional de Prevenção e Combate à Violência Doméstica (PRPCVD) constituíram novos marcos na definição das políticas para esta área de intervenção”, frisou. ■





## EXPOSIÇÕES

## LOULÉ

## 'Reencontros'

Uma exposição de pintura da responsabilidade de Dino d'Santiago e Rebecca Ferrada. Os artistas pretendem criar obras de arte que expressem a identidade de cada um.

■ CECAL, no Parque Municipal de Loulé, patente até dia 31 de outubro.

## FARO

## 'Olhar Lunático'

Uma exposição realizada no âmbito do 'LLartproject', onde se podem ver quadros do artista Leif Lonne e fotografia de detalhes dos quadros, de Sofia Trincão.

■ Museu Municipal, inaugurada quinta-feira e patente até sábado.

## ALBUFEIRA

## 'Olha'

Uma exposição de fotografia de Valter Vinagre.

Uma iniciativa que tem como objetivo assinalar as comemorações do 20.º aniversário da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

■ Biblioteca Municipal de Albufeira, patente até 27 de outubro.





## Alerta para o tráfico de pessoas

Uma oferta de trabalho que parece demasiado boa para ser verdade é, provavelmente, mentira. A APAV lançou ontem uma campanha para prevenir que quem procura trabalho não se torne vítima do tráfico de pessoas, crime que em Portugal triplicou num ano, em especial na agricultura. © GETTY IMAGES



## Formação para detetar violência contra seniores

**VALONGO** A sala polivalente do Fórum Cultural de Ermesinde acolhe, amanhã, a partir das 10 horas, uma ação de sensibilização sobre deteção e sinalização de casos de violência contra seniores. Organizada pela Câmara, a iniciativa realiza-se no âmbito do Plano de Ação para 2014 da Rede Social e conta com a parceria da APAV da GNR. Tem como público-alvo os técnicos da Autarquia e da Rede Social.

## 10 coisas que aprendemos esta semana

JOÃO CARLOS SILVA

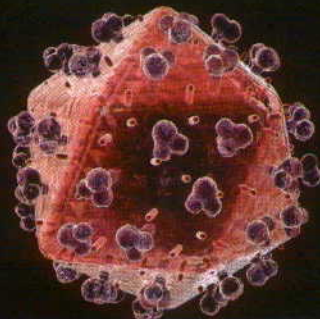
**1** **Há um limite para estudar.** A comissão do IRS propõe que a idade máxima dos filhos elegíveis para receber vales de educação (isentos de impostos) seja de 25 anos.

**2** **QUANTO QUEIMAMOS NO TRÂNSITO.** Desperdiçam-se por ano em Portugal 2.000 milhões de euros em combustíveis nas filas de veículos nas estradas.



**3** **Sabemos a morte ao minuto.** O site da DG de Saúde tem um sistema electrónico que mostra em tempo real quantas mortes há no País.

**10** **A VERDADEIRA ORIGEM DO VÍRUS DA SIDA.** O paciente zero foi uma criança de 2 anos infectada por um macaco, cerca de 1920 nos Camarões. O vírus viajou mais tarde para Kinshasa e espalhou-se, diz um novo estudo de virologistas.



**4** **HÁ OUTRA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.** Entre 2004 e 2012, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima recebeu pedidos de ajuda de 3.988 pais agredidos pelos filhos.

**5** **O sangue custa dinheiro.** Os hospitais devem €75 milhões ao Instituto do Sangue e da Transplantação.

**6** **QUANTO CUSTA UM JAZIGO.** Num leilão no cemitério do Prado do Repouso, Porto, o preço-base mais elevado vai ser de 29.707 euros.

**7** **Descobriram os genes dos centímetros.** No futuro será possível o diagnóstico precoce de anomalias de crescimento.



**8** **47%** dos portugueses entre os 55 e os 64 anos estão activos e a trabalhar.



**9** **Até a gravidade está a mudar.** A Antártida perde tanto gelo (cerca de 204 mil milhões de toneladas em três anos) que o campo gravitacional naquela parte do planeta está a alterar-se.

**UM AMERICANO EM PARIS, O FILME REALIZADO POR VINCENT MINNELLI EM 1951, SERÁ ADAPTADO A MUSICAL. A PEÇA TERÁ COMO PROTAGONISTAS ROBERT FAIRCHILD E LEANNE COPE E TEM ANTEESTREIA EM PARIS A 22 DE NOVEMBRO, NO THÉÂTRE DU CHÂTELET. VAI CHEGAR A NOVA IORQUE EM 2015.**







## CMPD ajuda APAV com o Gabinete de Apoio à Vítima

A Câmara Municipal de Ponta Delgada (CMPD) vai ajudar a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) na criação do Gabinete de Apoio à Vítima em Ponta Delgada.

O presidente da CMPD, José Manuel Bolieiro, reconheceu ontem que a concretização do espaço é “uma missão essencial”, tendo em conta o número de casos de violência doméstica e destaca a necessidade de promover informação e proteger os cidadãos vítimas de crimes.

Citado por nota de imprensa, o autarca aproveitou para lançar

um desafio no sentido de outras entidades serem parceiras no projeto, de forma a dar resposta “às necessidades das populações”.

Por seu lado, Helena Costa, responsável da APAV em Ponta Delgada, elogiou o trabalho desenvolvido pela CMPD, referindo que a autarquia é a única nos Açores a cumprir os objetivos recomendados pela ONU e pelo Conselho da Europa sobre o apoio e proteção às vítimas de crime.

O protocolo ontem assinado entre a autarquia e a APAV envolve uma comparticipação financeira anual de 31.500 euros. ♦ PF/CS

**ESTUDO DA UNICEF****30 em cada 100  
jovens admitem  
bullying**

■ Mais de 30 em cada cem jovens portugueses admitem ter sido autores de violência escolar pelo menos uma vez nos últimos dois meses. Os dados constam de um relatório da UNICEF que será divulgado hoje, por ocasião do Dia Internacional da Rapariga que se assinala amanhã.

Este é o dado mais negativo sobre Portugal no estudo que abrange 190 países e analisa as situações de violência contra crianças – desde homicídios à mutilação genital feminina, passando pela violência sexual. ■ J.C.R.



14

## CRIMES DE ABUSO SEXUAL

Segundo os números da APAV, entre as queixas de maus-tratos, 14 dizem respeito a crimes de abuso sexual e cinco de violação.



FLASH

**726 crimes de violência psíquica e 287 de violência física reunidos pela APAV** ● Denúncias feitas por vizinhos e por vezes através do Facebook

# MAUS-TRATOS A CRIANÇAS ESTÃO MAIS SOFISTICADOS

“O que está mal não é a criança é o seu comportamento”

Mário Cordeiro

Pediatra e autor do livro “Educar com amor”

**Há pais que continuam a castigar recorrendo à violência. O que significa isto?**

Significa que desconhecem os efeitos deste tipo de “educação” (com aspas!) e o mal que estão a fazer aos filhos, rejeitando-os. É uma forma de se vingarem, cobardemente, do que eles sentem como agressão por parte do emprego, do Governo, do clube. É importante que os pais se convençam de que a violência nunca é amor, por mais voltas que se possa dar.

**Os pais não sabem educar?**

A larga maioria sabe e educa bem. Os que maltratam, seja por ignorância, seja por serem narcísicos e onnipotentes, são a minoria. Não somos perfeitos. E se nos enganamos, temos de pedir desculpa aos nossos filhos, isso ajudará a educar, bem como sermos coerentes naquilo que permitimos.

**É possível contrariar as crianças sem gritar?**

Sim. E até fazendo uma coisa que pode parecer estranha: é quando se ralha que se tem de dizer, primeiro: “Amo-te muito, és querido”. Ou seja, há que distinguir a pessoa – que amamos – do comportamento, pelo que a seguir dizemos: “Mas o teu comportamento foi assim ou assado e mereces um castigo”. O que está mal não são as crianças, mas a falta de adequação do seu comportamento ou o pisar a ética. **O que está errado e deve corrigir-se?**

Quando uma criança faz algo de errado, nós somos as vítimas desse comportamento e temos de fazer uma mudança do registro de vítima para o de juiz, caso contrário faremos a justiça das vítimas, que é injusta porque desproporcionada. Uma vítima procura linchar, exterminar o seu agressor. ●

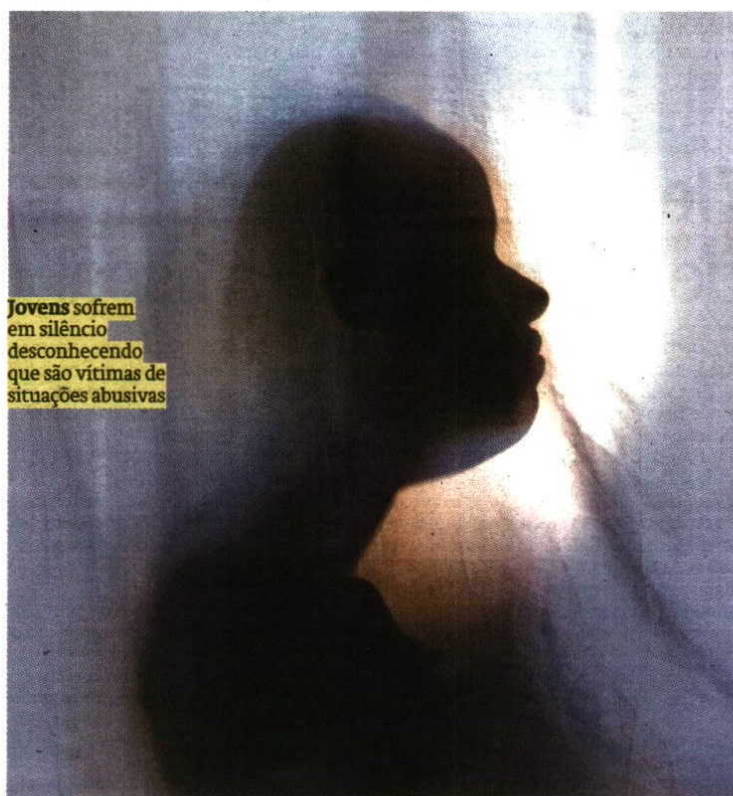
Dina Margato  
dina.margato@jn.pt

O balanço dos crimes contra crianças em 2013, realizado pela APAV, soma 1600 para 974 crianças, devido à repetição da violência infligida sobre a mesma pessoa. A violência psíquica tem ganho complexidade.

**Z**é, oito anos, andava abatido e mais calado do que era costume. O pai, separado da mãe, notou alterações no seu comportamento. Aparentemente estava tudo bem. Mas não estava. O pai puxou por ele e descobriu. O castigo da mãe consistia em obrigá-lo a ficar horas ao relento na varanda. Numa das vezes, festejava-se a passagem de ano. As constipações do Zé, nome fictício, oito anos, tinham uma explicação – o frio –, contou o advogado Paulo Edson Cunha.

Segundo a técnica da APAV, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, Elsa Beja, vai-se observando atos de violência contra crianças cada vez “mais sofisticados. Não é por as pessoas terem mais informação que os casos reduzem, há gente insatisfeita, que utiliza estratégias elaboradas, menos visíveis, pois as palmas das detetam-se facilmente”. Por outro lado, “os maus-tratos psicológicos e emocionais podem ser de tal forma que criam maior pressão sobre a vítima do que a bofetada”.

De acordo com a diferenciação dos crimes realizada pela APAV, registaram-se 726 casos de maus-tratos psíquicos (45,4%). Por violência física, 287 (17,9%), ameaças, 156. E



Jovens sofrem em silêncio desconhecendo que são vítimas de situações abusivas

isto considerando a violência doméstica em sentido estrito. Em sentido lato, somaram-se 14 crimes de abuso sexual, cinco de violação, entre outros.

O silêncio sobre os episódios do castigo na varanda foi justificado pelo miúdo ao pai e aos técnicos – que depois utilizaram o argumento para retirar a responsabilidade parental à mãe – com a percepção de que era um castigo adequado. O rapaz não tinha noção de que era uma conduta abusiva, disse Paulo Edson Cunha. O advo-

## OUTROS DADOS // A SABER

### Há maior visibilidade

Técnicos da área concordam que é incorreto apontar um crescendo real dos maus-tratos. Antes não se falava deles, não se denunciavam.

### Comparar dois anos

O número de crianças maltratadas em 2013 é maior do que a soma de 2012 (887), mas a APAV explica que a comparação pode

ser falaciosa, pois mudaram os critérios, passando a incluir todos os casos tratados, e já não só os novos do ano.

### Encaminhados

A APC fornece vários tipos de apoio: jurista, psicológico e pode encaminhar para os serviços sociais. A orientação jurídica não significa advogado, mas apenas recomendações do que fazer.

gado explica ainda que estes casos costumam surgir a meio de processos de atribuição de responsabilidade parental ou de denúncia de abuso sexual. O advogado encontra pais pouco aptos a lidar com obstáculos, que “confundem imposição de disciplina e maus-tratos. A barreira pode ser ténue”.

A advogada Alexandra Beja tem verificado a existência “de castigos cada vez mais refinados, enquadrados em situações de violência doméstica e processos de divórcio”. As formas são múltiplas: “Desprezar, ignorar a criança, provocar medos, ameaçar de abandono, gritar aos ouvidos, humilhar diante dos colegas da escola. Há os que chegam a dizer aos filhos: ‘Mais valia não teres nascido’”.

Na linha do objetivo vingança, “existem pais que cortam o cabelo aos filhos de forma desordenada em véspera de festas importantes para o outro progenitor. Mães que entregam as crianças ao ex-parceiro apenas com a roupa do corpo, antes de férias”. Elsa Beja acrescenta os casos das crianças que assistem à violência entre os pais, portanto, “vítimas indiretas”, transformadas, no futuro, facilmente em adultos traumatizados.

O tipo de denunciante da violência doméstica contra crianças também tem mudado. Já não é só a avó, a tia, a fazê-lo. Os vizinhos também o fazem. O papel dos profissionais de saúde e professores tem sido fundamental. Ultimamente, um primeiro contacto é feito recorrendo ao Facebook. “Acaba por ser o meio mais fácil”. “Estamos sempre a receber mensagens. Depois, combina-se o que fazer”. ●



Entrevista  
PORTUGAL

MARCO COSTA veste a pele de um homem violento e tece elogios à sua



O ator interpreta XAVIER e vai "fazer a

## "Ela é

**T**ERMINADO *Sol de Inverno*, na SIC, eis que a *Hora Facebook* dá lugar a *Mar Salgado*, a nova novela do canal de Carnaxide. O primeiro "convidado de honra" foi Marco Costa, o *Xavier* desta trama, que se revelou fã do mundo virtual. "Tinha a minha página de *Facebook* há vários anos, mas depois criaram-me a minha profissional, onde dá para ver o carinho e a simpatia das pessoas. Não é aquela coisa de alimentar o ego, mas sim o facto de as poderes informar, porque há pessoas que efetivamente apreciam o teu trabalho. E acabas também por revelar um pouco da tua vida pessoal", disse o ator, em exclusivo à *TV 7 Dias*.

Ciente de que a sua personagem vai causar polémica

O ator esteve à conversa com os seus fãs através das redes sociais







vida negra" a **JÚLIA**, a sua mulher. Marco não duvida que a sua personagem será polémica

# um ESPETÁCULO

**NA NOVA TRAMA DA SIC, O ATOR É UM HOMEM CONTROLADOR, DESCONFIADO E MUITO POSSESSIVO. Na Hora Facebook, conversou com os fãs e contou que esta personagem lhe está a dar muito gozo.**

devido à agressividade que terá para com a mulher *Júlia* (papel interpretado por Sandra Barata Belo), o ator garante que teve **"um grande apoio por parte da produção"**, mas que o trabalho de pesquisa também ajudou muito. **"Investiguei na APAV [Associação Portuguesa de Apoio à Vítima]. Não estive com pessoas que batessem nas companheiras, mas estive com psicólogos que me falaram de casos que tiveram em mãos e revelaram o estado psicológico dessas pessoas, sem nunca obviamente me falarem da identidade delas. Também vi vários filmes que me ajudaram na construção da personagem"**, revelou.

A seu lado tem Sandra Barata Belo, que "sofre na pele" as

maldades de Xavier. **"Ela é um espetáculo como atriz e como pessoa. Há colegas com quem crias uma empatia e uma química muito grande. Com a Sandra foi assim. Tem sido muito bom"**, contou. E como se desliga um ator de uma personagem como esta? **"Descom-**

**primindo... Esta é a primeira personagem em televisão em que tive de descomprimir. O Xavier tem picos. É uma personagem mesmo descompensada, mas que me está a dar muito gozo fazer"**, finalizou, prometendo ainda dar muito que falar em *Mar Salgado*.

Textos: Andreia Costinha de Miranda;  
Fotos: Divalgação e Paula Alvaro



## "Novela com QUALIDADE"

Desde que estreou, *Mar Salgado* tem estado no primeiro lugar na tabela de audiências, o que deixa **MARCO COSTA** muito orgulhoso: **"Em todos os projetos, dou o meu melhor. Esta novela tem mesmo muita qualidade e vê-se que é uma equipa que trabalha bem. Tem-me prendido à televisão. Sou espectador de *Mar Salgado*", conclui.**



# APAV lança campanha contra o tráfico humano e a exploração laboral

[A CAMPANHA LANÇADA NO PASSADO DIA 7 DE OUTUBRO]

**S**egundo o Relatório Anual do Observatório de Tráfico de Seres Humanos, em 2013, foram sinalizadas 299 pessoas como presumíveis vítimas de tráfico de seres humanos (das quais 49 menores), sendo 45 pessoas

de risco é o objetivo principal do projeto Briseida. "Se o anúncio for bom de mais, desconfie!" é um dos lemas da campanha "Não ao Tráfico". Foi criada uma empresa fictícia de recrutamento laboral - [www.trabalhoja.pt](http://www.trabalhoja.pt) - onde as pessoas são convidadas

A campanha lançada no passado dia 7 de outubro, conta com dois vídeos: uma versão interativa no Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=QWBpY2NvaWg>, onde os espectadores são incentivados a participar na história de uma entrevista de emprego que tem tudo para correr mal ao candidato, cabendo ao espectador salvar o mesmo, e outra versão para TV que se encontra a decorrer na RTP. A campanha inclui ainda mupis que circularão em vinte e uma cidades a nível nacional e determinados meios de imprensa escrita.

Esta campanha é desenvolvida no âmbito do Projeto Briseida, promovido pela APAV e cofinanciado pela Comissão Europeia.

A campanha conta com a parceria mecénica da agência Legendary People + Ideas e com o apoio de diversos meios e instituições. //

ESTA CAMPANHA É DESENVOLVIDA NO ÂMBITO DO PROJETO BRISEIDA, PROMOVIDO PELA APAV E COFINANCIADO PELA COMISSÃO EUROPEIA

posteriormente confirmadas como vítimas deste crime.

Promover e consciencializar sobre o tráfico humano, com ênfase na exploração laboral, de forma a tornar possível o reconhecimento de situações relacionadas com este crime e evitar situações

a candidatarem-se a empregos demasiado bons para serem verdade. Na resposta à candidatura aos empregos, as pessoas são confrontadas com a realidade da exploração laboral e reencaminhadas para o portal da campanha: [www.naoaotrafico.pt](http://www.naoaotrafico.pt)

## PARTILHE

[WWW.NAOAOTRAFICO.PT](http://WWW.NAOAOTRAFICO.PT)



APAV  
Apelo à Vítima  
Briseida

Qualquer pessoa pode ser vítima de exploração laboral. Se procura trabalho em Portugal ou fora, não aceite propostas de trabalho de agências ou pessoas que não estejam devidamente licenciadas.  
**INFORME-SE. QUESTIONE-SE.**





## CÂMARA MUNICIPAL PROMOVEU SENSIBILIZAÇÃO PARA TÉCNICOS DA AÇÃO SOCIAL

# Detecção e sinalização de casos de violência contra seniores

ISABEL RODRIGUES MONTEIRO

isabel.monteiro@verdadeiroolhar.pt

**C**omo identificar e que comportamentos devem os técnicos de acção social adoptar perante casos de violência sobre seniores, foram alguns dos assuntos abordados na acção de sensibilização sobre detecção e sinalização de casos de violência contra seniores, dinamizado na passada quinta-feira no Fórum Cultural de Ermesinde.

Técnicos da acção social de instituições do concelho de Valongo juntaram-se na iniciativa de sensibilização sobre detecção e sinalização de casos de violência contra seniores dinamizada pela Câmara de Va-

longo, no âmbito do Plano de Ação para 2014 da Rede Social e com a parceria da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e da GNR. Aqui tiveram a oportunidade de trocar experiências e, sobretudo, tirar dúvidas nos passos a seguir nos casos em que é detectada alguma forma de violência sobre idosos.

Coube a Marlene Fonseca, técnica da APSV, em jeito de acção de formação, explicar a designação de violência contra seniores, os vários tipos e como a reconhecer, bem como a importância da denúncia. Segundo Marlene Fonseca, a “chantagem emocional é recorrente”, frisando que muitas vezes a própria vítima não denuncia porque não quer ficar sozinha ou não quer ser institucio-

nalizada. A técnica da APAV não tem dúvidas que “esta é a faixa etária mais difícil de trabalhar porque tem muita dificuldade em assumir-se como vítima”. As grandes questões colocadas pelas técnicas de ação social relacionaram-se sobretudo com a dificuldade e obstáculos encontrados no processo de denúncia que, diziam, muitas vezes não tem os resultados esperados e os seniores continuam a sofrer com algum tipo de violência. Nestes casos, sublinhou Marlene Fonseca, o importante é não desistir e denunciar às vezes que forem necessárias.

A GNR, como explicou, Henrique Vicêncio, cabo da Secção de Programas Especiais da GNR de Santo Tirso, responsável com mais um elemento



pela área de Valongo, promove o programa Idoso em Segurança que visa garantir as condições de segurança e a tranquilidade das pessoas idosas, bem como ajudar a prevenir e evitar situações de risco.

Durante o mês de Novembro a Câmara Municipal vai promover uma acção de sensibilização sobre o meso assunto, mas desta feita para o público em geral e para a própria população sénior.

# APAV propõe criminalização

Professores defendem criação de secretaria de Estado para combater bullying nas escolas; pais pedem mais prevenção.

REDAÇÃO  
destak@destak.pt

● Criminalizar o bullying é a solução apontada pela APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima – para um fenómeno que é crescente nas escolas portuguesas e que afeta uma em cada três crianças em todo o mundo. Apesar de reconhecer que a condenação legal dos casos de práticas violentas intencionais e repetidas não deve ser «uma decisão fácil», a associação acredita que se pode fazer mais e critica a «inação política» no combate ao fenómeno.

No âmbito do Dia Mundial do Combate ao Bullying, que se assinalou ontem, a APAV reforçou também a importância de consciencializar a sociedade para esta forma de violência e de apoiar as vítimas para que denunciem as situações.

Recorde-se que a rede nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima (APAV) presta apoio gratuito e confidencial a vítimas deste tipo de violência, seus familiares e amigos.



Bullying afeta uma em cada três crianças e jovens em todo o mundo

## Repensar os horários dos pais

Já os professores defendem a necessidade de repensar os horários laborais dos progenitores e/ou encarregados de educação, para que os jovens tenham um maior acompanhamento e não vivam em «depósitos organizacionais» e longe de tudo.

A presidente da Associação Nacional de Professores, Paula Carqueja, propõe também a criação de uma se-

cretaria de Estado ou de um gabinete de Apoio à Família como forma de ajudar a luta contra o bullying.

Do lado dos pais, a preocupação central é apostar na prevenção. O presidente da Confederação de Pais reconhece que há uma maior consciência do fenómeno, mas alerta que ainda há quem o confunda com violência, defendendo o reforço da prevenção e do apoio às vítimas.

123RF





**Pai de família** que era tida como exemplar esfaqueia mulher e duas filhas, em Soure ● **Mais nova** sobreviveu mas tem pulmão perfurado e permanece internada

# CIÚMES DE MORTE RASGAM "RETRATO DA FELICIDADE"

Nelson Morais\*  
polícia@jn.pt

O lado mais negro da natureza humana revelou-se, ontem, numa família de Soure que já foi vista como "o retrato da felicidade". Um homem, tido como pacato, esfaqueou a esposa e as duas filhas. Só a mais nova escapou.

A tragédia que se abateu, ontem de madrugada, sobre a urbanização da Encosta do Sol, no centro da vila de Soure, terá tido motivos passionais. Tudo indica que foi uma discussão alimentada por ciúmes que levou António Vilaranda, engenheiro eletrotécnico, 49 anos, a atacar a esposa, Fernanda Ferreira, de 47, com uma faca de cozinha. As filhas, Inês e Joana, de 16 e de 13 anos, terão saído em socorro da mãe e apanharam por tabela.

Era meia-noite e meia quando soaram os primeiros gritos no 2.º andar. José Pato, o ex-agente da PSP e amigo que tratava das duas gatas, dos bicos-de-lacre e dos peixes dos vizinhos de cima, quando estes iam de férias, foi bater-lhes à porta. O ambiente da família que José chegou a encerrar como "o retrato da felicidade" andava, ultimamente, desassossegado por discussões entre o casal e, ontem, o caso pareceu-lhe logo feio. O amigo que tinha como "muito calmo" não lhe abriu a porta, mas o tom da discussão baixou. Até rebentar uma segunda vaga de gritos. Desta vez, fatal.

## ENGENHEIRO, RESERVADO E "MUITO BOM PAI"

► Nos prédios à volta, pouca gente conhecia bem António Vilaranda, apesar de ali morar há 13 anos. "Era muito reservado. A gente via-o a estender a roupa, a lavar o carro, a ir deitar o lixo... Era boa tarde e bom dia", conta Mário Morais, vizinho, do prédio ao lado. A viver no andar inferior ao de Vilaranda, José Pato tornou-se amigo dele e só tem a dizer bem dele. "Era muito calmo e muito bom pai", diz, acrescentando que estava sempre pronto a ajudar os vizinhos nos problemas informáticos. "Era um

barra em computadores. Daqui, era capaz de reparar um computador em Vila Real". Já há 20 anos, António Vilaranda foi um dos quatro membros de uma equipa do Departamento de Engenharia Eletrotécnica da Universidade de Coimbra que desenvolveu, para a Direção-Geral de Energia, uma aplicação para ajudar consumidores a escolherem os melhores tarifários. Nos últimos anos, passou pelo desemprego, mas agora trabalhava numa empresa de informática em Coimbra, a sua cidade.

*"Era tida pelos vizinhos como uma família pacata. E aqui não temos conhecimento de quaisquer antecedentes de violência doméstica"*

João Paulo Contente

Comandante dos Bombeiros Voluntários de Soure

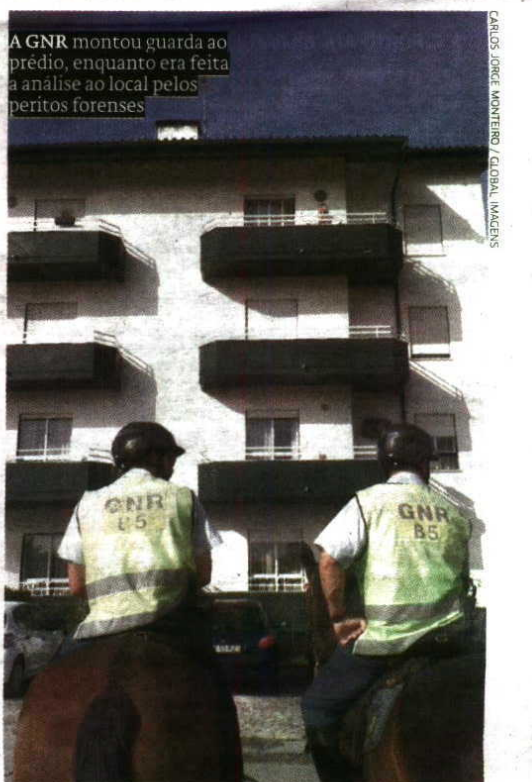


A GNR foi chamada, e quando arrombou a porta deparou-se com Fernanda estendida no corredor, já morta, com golpes no peito, braços e pernas. A seu lado, estava Inês, também sem vida, esfaqueada no peito. Joana estava prostrada na sala, consciente, com três ferimentos profundos, também no tórax, descreveu o comandante dos Bombeiros de Soure, João Paulo Contente.

António Vilaranda cometeu os crimes e refugiou-se num quarto. Mas, os militares da GNR forçaram a entrada e, apesar da resistência, apanharam-lhe a faca e imobilizaram-no. "Ele não dizia nada, só pedía para o matarem", conta o comandante. O homicida estava todo ensanguentado, mas só tinha ferimentos superficiais, no peito, pouco compatíveis com uma tentativa de suicídio. Se se feriu na refrega, ou foi a vítima do primeiro ataque com faca, não foi possível apurar.

Não pelos ferimentos, mas por razões psicológicas, Vilaranda permanecia internado, ontem à tarde, nos Hospitais da Universidade de Coimbra, sob vigilância policial. Bem pior estava a filha mais nova, nos Cuidados Intensivos do Hospital Pediátrico de Coimbra. Joana sofreu uma perfuração da pleura, a membrana que envolve os pulmões. Os médicos não a operaram, mas tiveram de lhe introduzir drenos para retirar o sangue dos pulmões. A noite, estava ventilada e inconsciente, mas com prognóstico favorável.

\* COM CARINA FONSECA, JOÃO PEDRO CAMPOS E REIS PINTO







**MURTELA**  
Inês / 16 anos Frequentava o 10.º ano do Curso de Ciências e Tecnologias, no Instituto Pedro Hispano. No Facebook, só usava o apelido da mãe e apresentava-se como "atriz modelo na Escola de Sereias".

**FEMICÍDIO**  
Joana 13 anos Andava no 7.º ano, na mesma escola que a irmã, em Granja do Ulmeiro. Os avós maternos vivem numa aldeia do concelho de Soure, mas tem ainda um tio materno, que mora na Régua.

## Quase 30 mulheres mortas desde janeiro

ENTRE JANEIRO e 30 de junho, o Observatório das Mulheres Assassinadas (OMA) registou 24 mulheres alvo de homicídio. Desde então, ocorreu pelo menos mais um, em agosto, e com as duas mortas da madrugada de ontem contabilizam-se quase três dezenas (27) de vítimas neste período. Segundo o relatório intercalar do OMA, promovido União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), as 24 mulheres foram na maioria mortas pelos maridos, companheiros ou namorados. Em 21% dos casos, as relações entre a vítima e o homicida eram relações familiares privilegiadas.

Cerca de 42% das mortas mantinham uma relação de intimidade com o homicida, 37% já a tinham tido, mas estavam separados, e 8% foram vítimas de um ascendente direto (os restantes 13% homi-

cídios foram cometidos por outros familiares).

A análise mostra ainda que a maioria dos homicídios ocorreu em contexto de violência doméstica (59%), tendo a arma de fogo e a arma branca sido os meios utilizados na maioria das situações. Três mulheres foram mortas

por espancamento, também três por asfixia e duas por estrangulamento. A residência foi o local onde ocorreu a maioria dos crimes (19).

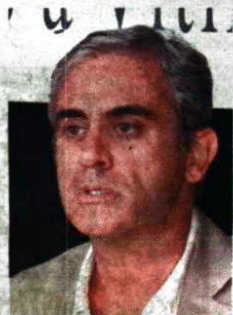
"Cruzando a prevalência do femicídio", lê-se no relatório, "com a presença de violência doméstica nas relações de conjugalidade ou de

intimidade, presentes ou passadas, e relações familiares privilegiadas, verificamos que 62% das mortas foi vítima de violência nessa relação". No mesmo período, denuncia o documento, houve ainda 27 tentativas de homicídio.

**Dificuldade em ter apoio**  
Segundo a Associação de Apoio à Vítima (APAV), a dificuldade em obter apoios por mulheres que optaram por abandonar o agressor tem levado a que muitas desistam e regressem para junto dos que lhes fazem mal. João Lázaro, presidente da APAV, explicou que a situação já foi denunciada anteriormente e que se prende, por exemplo, com o acesso a habitação social disponibilizada pelas autarquias.

A diminuição dos apoios, o aumento dos pedidos de ajuda e a dificuldade no acesso, devido aos inúmeros procedimentos requeridos, estão a impedir as vítimas de se "autonomizarem", prosseguiu, sem avançar, porém, números de mulheres nesta situação.

ANA GASPAR



João Lázaro diz que é difícil aceder a apoios

MOTIVO  
**17%**  
das mortes terão sido por ciúmes. Em 45% dos casos, o homicida não aceitou a separação.

### OUTRAS VÍTIMAS RECENTES



#### Morta pelo marido por querer divorciar-se

Luana Camargo, de 28 anos, uma dentista de nacionalidade brasileira, foi assassinada à facada pelo marido, no dia 28 de maio passado. O agressor atacou-a no interior da clínica dentária propriedade da vítima, localizada na Rua Augusta, em Lisboa. Motivos passionais - a dentista teria manifestado a intenção de se divorciar - terão estado na origem do crime. A mulher terá sido agredida a murro e, em seguida, esfaqueada no abdómen.

#### Esfaqueou mulher e filha em Felgueiras

Um homem esfaqueou a mulher, Adriana Pinto, de 39 anos, em Margaride, Felgueiras. O crime ocorreu no passado dia 1 de junho, quando, por motivos desconhecidos, o agressor, de 61 anos, desferiu diversas facadas na mulher e na filha, de 16 anos, que sofreu ferimentos ligeiros. Adriana Pinto foi atingida na região das virilhas e pernas e foi transportada para o Hospital Padre Américo, em Penafiel.

#### Estrangulada pelo companheiro

Maria Luísa, de 53 anos, morreu, no passado dia 1 de junho, após ter sido estrangulada pelo companheiro, um motorista, de 45 anos, no interior da moradia onde residia, na Rua do Capitão Salgueiro Maia, em Santarém. Terá sido o homicida a alertar as autoridades, que chegaram rapidamente ao local e ainda tentaram reanimar a vítima. O agressor entregou-se à GNR, desconhecendo-se os motivos do crime.

#### Degolada pelo ex-marido

Maria do Carmo Dias, de 47 anos, foi esfaqueada até à morte pelo ex-marido, de quem se tinha separado. O crime ocorreu, no dia 19 de junho deste ano, em Granja de Ulmeiro, Soure, e a vítima foi encontrada degolada e com duas facas espetadas no peito. O assassino fugiu de motorizada, mas foi perseguido e atropelado pelo próprio filho.

#### Esfaqueada até à morte por ciúmes

Fernanda Ferreira Torres, de 66 anos, foi golpeada cinco vezes nas costas pelo marido, Raul, de 67 anos, no interior da casa onde residiam, na Rua Antero Ferreira Leal, em Lordelo, Paredes. O crime ocorreu no passado dia 30 de agosto e o alegado homicida terá agido por ciúmes, suspeitando que a mulher o traía há uma década. Fernanda Ferreira Torres sofreu vários golpes com uma faca de cozinha, tendo sido atingida nas costas, dorso e zona abdominal direita.







# Homem tranquilo, de classe média, matou mulher e filha depois de passeio noturno

**Comportamento.** António Teixeira, 49 anos, matou a mulher, a filha de 16 anos e deixou em estado grave a filha mais nova, de 13, em Soure. Esfaqueou as vítimas. Nada prenunciava este fim

RUTE COELHO

Era uma família normal de classe média: António Teixeira, o pai, 49 anos, técnico de informática; Fernanda, 47 anos, a mãe, funcionária num escritório de arquitetura; Inês e Joana, as duas filhas, de 16 e 13 anos, respetivamente, estudantes. Na Urbanização Encosta do Sol, em Soure (distrito de Coimbra), eram apenas uma família como tantas outras. O cenário de aparência banal mudou na madrugada de segunda-feira, quando António esfaqueou múltiplas vezes a mulher e as duas filhas em casa, utilizando uma faca de cozinha. Apenas a mais nova sobreviveu.

Mesmo antes deste caso, 2014 já estava a ser um ano trágico: 24 mulheres mortas pelos seus companheiros e outras 27 que sobreviveram a tentativas de homicídio, apenas nos primeiros seis meses do ano", revela o Observatório das Mulheres Assassinadas (OMA). No ano

passado foram 33 as mulheres assassinadas.

O horror, no caso desta família, aconteceu apenas meia hora depois de António e Fernanda terem feito uma caminhada com um casal amigo, em Soure, para aproveitar a noite de verão, segundo soube o DN junto de fonte da GNR.

Aparentemente, nada na vida do casal indicava violência doméstica: nunca houve registo de qualquer queixa-crime apresentada pela mulher ou por vizinhos e no apartamento nunca antes se tinham ouvido gritos.

"É difícil perceber, ainda para mais quando se atacam os filhos. Pertence ao domínio da psicologia", afirmou o major Fernandes, porta-voz do comando de Coimbra da GNR.

Os especialistas tentam explicar: "Por vezes estes agressores fazem outras vítimas, como os próprios fi-

lhos. Têm associados problemas de saúde mental ou de abuso de medicamentos e de álcool", referiu ao DN a psicóloga Íris Almeida.

A própria arma escolhida dá pistas sobre o que passaria pela cabeça do agressor: "Atacou com uma faca, o que é muito simbólico. A faca é um instrumento que confere grande proximidade cor-

poral com a vítima. Poderá aqui haver antecedentes psicopatológicos", analisou o psicólogo da Justiça Rui Abrunhosa Gonçalves.

Autora de um estudo sobre os quatro perfis de homicidas conjugais, Íris Almeida identifica um padrão em que António Teixeira poderá encaixar: os agressores que matam as mulheres e a seguir se suicidam. O homem da família de Soure não se suicidou mas parece ter tentado. Só as perícias forenses vão determinar se os golpes su-

perficiais de faca que tinha foram autoinfligidos ou feitos por uma das vítimas, em resistência.

## Internado sob custódia da PJ

Pela 01.30 da manhã os vizinhos ouviram uma discussão conjugal seguida dos gritos de mãe e filhas a pedir socorro. António barricou-se em casa e impediu qualquer vizinho ou amigo de ali entrar.

Os corpos de Fernanda e da filha Inês foram encontrados pelos bombeiros e autoridades à entrada do apartamento, no corredor. A mãe apresentava ferimentos no tórax, abdómen, braços e pernas; a filha fora atingida no tórax. Joana, de 13 anos, estava na sala com três golpes profundos no peito mas consciente. Sofreu uma perfuração pulmonar.

A criança sobrevivente foi retirada da sala pelos militares da GNR, referiu o major Fernandes. Joana, depois de se recompor do trauma, é a única testemunha que poderá falar com as autoridades sobre o com-

portamento do pai naquele momento.

António Teixeira foi encontrado pelas autoridades e pelos bombeiros no quarto do casal, isolado, e com golpes superficiais no peito que poderão ter sido autoinfligidos. Ontem à tarde ainda estava hospitalizado no serviço de urgência dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC), com uma situação clínica "estável". Estava sob custódia da PJ, pois sairá do hospital detido e suspeito de duplo homicídio qualificado.

A filha Joana continuava internada na unidade de cuidados intensivos do Hospital Pediátrico de Coimbra "estável" e "fora de perigo", depois de ter passado pelo bloco cirúrgico à tarde.

## PGR quer reforçar prevenção

A procuradora-geral da República (PGR), Joana Marques Vidal, quer melhorar a atuação do Ministério Público (MP) no combate à violência doméstica e, por isso, confirmou a própria ao DN, foram dadas instruções na passada quarta-feira a todos os procuradores no sentido de se concentrar "a tramitação destes processos nas mesmas secções e nos mesmos magistrados", em unidades específicas espalhadas pelo país.

O objetivo, explicou, é conseguir maior "especialização" e também melhorar a interação com outras entidades no terreno: "É um processo que facilita a articulação com os órgãos de polícia criminal e as associações de apoio à vítima."

A própria Joana Marques Vidal foi, durante vários anos, diretora da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Com E.A.S

Ataque a filhos não é vulgar e indicia problemas de saúde mental



## Homicida da família com uma vida dupla

**CINEMA** Durante quase duas décadas, Jean-Marc Faure (Daniel Auteuil) convenceu amigos e família de que era médico da Organização Mundial da Saúde. Prestes a ser descoberto, Faure opta por matar a mulher, os dois filhos e os pais. E tenta suicidar-se. Realizado por Nicole Garcia, o filme *O Adversário* esteve no Festival de Cannes de 2002. A história, antes contada em livro, é baseada no caso real de Jean-Claude Romand, que acabou por ser condenado, em 1996, a 22 anos de prisão.

**FRASE**

**“ Há clara-  
mente  
muito medo  
de denunciar  
[casos de  
bullying]**

**João  
Lázaro**  
Associação  
Portuguesa  
de Apoio  
à Vítima





REPORTAGEM / 112  
*violência doméstica*

# ‘Não era para ser ASSIM...’

No primeiro semestre deste ano foram assassinadas 24 mulheres em Portugal, vítimas de violência doméstica.

É o número mais alto da última década, segundo o Observatório das Mulheres Assassinadas. A violência doméstica, mesmo quando não mata, é crime público em Portugal. Quando mata, o agressor habilita-se, no máximo, a uma pena de prisão de 10 anos por homicídio conjugal. E o fenómeno só tem mudado para pior...

*Por Leonor Antolín Teixeira*





Getty Images

**E**ra o dia de casamento do irmão, mas o sentimento de felicidade de Carlota rapidamente cedeu lugar ao medo. Depois de vários meses, quase um ano, a sofrer pressão psicológica e agressão verbal, o marido agride-a pela primeira vez, com um estalo, em pleno ambiente de festa. O choque, no entanto, não foi grande. Os maus tratos tinham começado já há algum tempo. O primeiro impacto, a primeira vez que Carlota se apercebeu de que tudo aquilo não era normal, foi quando o marido lhe cuspiu na cara. "Humilhou-me de uma forma que ninguém pode imaginar... Ai, tive um momento de lucidez e pensei que realmente aquilo não era normal. Pensei na vida que tinha antes de o conhecer e naquilo que me estava a acontecer... A partir daí, comecei a sofrer de depressão", explica. E a tristeza avassaladora não deixou que mais pensamentos claros tivessem lugar. Na verdade, Carlota achava apenas que o marido tinha "momentos maus e maus dias". Achava que o estalo que tinha sofrido tinha sido por culpa dela, porque na verdade ele não podia nunca sentir ciúmes e, se sentiu, ela tinha de sofrer as consequências... A única coisa que lhe restava, a ela, era pedir-lhe desculpa. Foi o que fez. "Cheguei a casa a pedir-lhe desculpa, depois de ele me ter batido. Foi humilhante!", diz.

### Como tudo começa...

No início vem a agressão verbal e só depois a pressão psicológica, acompanhada, quase sempre, de maus tratos físicos. Depois do estalo que o marido de Carlota lhe deu na festa, agrediu-a de novo em casa. O pedido de desculpa não tinha chegado. Seguiram-se mais ofensas e mais maus tratos. "Tenho fotografias do dia do casamento do meu irmão - um dia em que, supostamente, devia estar alegre e com um sorriso - com os lábios inchados, tal foi a força com que me bateu...", refere, em tom de tristeza e desilusão.

De origem brasileira e com toda a família a viver no Brasil, Carlota pouco apoio tinha em Portugal. Ao sentimento de desilusão e à depressão juntava ainda a angústia de travar esta luta sozinha. A pessoa que tinha conhecido e com quem tinha planeado dividir a vida era o seu maior inimigo. O que poderia ter sido uma bonita história de amor tinha dado origem a uma feia história de violência doméstica.

Pouco tempo depois de se terem conhecido via Internet, Carlota e o futuro marido marcaram um encontro em Fortaleza, onde ela vivia, em maio de 2008, quando ele foi de férias ao Brasil. Seguiu-se uma visita de

Carlota a Portugal. Os encontros faziam crescer um sentimento de amor que parecia ser mútuo e a decisão de viverem juntos seria tomada em outubro do mesmo ano. Com vontade de serem pais, decidiram não tomar precauções e a gravidez apareceu em novembro. Casaram-se no mesmo mês. Ela, feliz com a vida que tinha escolhido, achava, no entanto, estranho que ninguém da família do marido pudesse estar presente na cerimónia nem pudesse sequer saber que estavam casados. Só souberam no início de 2014. Quando o questionava, ele não referia a razão de tamanho secretismo, dizia apenas que tinha de ser assim... Depois do casamento, começaram as agressões. Primeiro, porque Carlota não era boa dona de casa. Depois, porque a comida estava mal confeccionada. Depois, porque ela era preguiçosa e não queria trabalhar. Grávida, a viver num país que não era o seu, Carlota saía de casa todos os dias para procurar emprego, mas, como estava à espera de bebé, não conseguia nada. Seguiram-se mais ofensas e mais maus tratos, desta vez justificados pelo facto de ela não ter ainda conseguido um emprego.

Após o nascimento da filha, tudo piorou. Aumentaram as pressões psicológicas para sair do País e deixar cá a filha, ao cuidado do pai e da sogra. Como não quis fazê-lo, os maus tratos duplicaram. Depois de inúmeras ameaças, o marido de Carlota conseguiu que ela deixasse de poder estar com a filha. Hoje, quase um ano depois de se terem separado, continuam oficialmente casados, porque o processo de divórcio e o de violência doméstica ainda estão na barra do tribunal. "Já estou há 50 dias sem ver a minha filha. Tenho um processo judicial a decorrer, supostamente poderia vê-la semanalmente, mas já não a vejo há muito tempo, porque toda a família se uniu para que não possa vê-la, e como ele tem família a trabalhar na GNR, facilita a sua impunidade. O que quero apenas neste momento é ser mãe e poder cuidar da minha filha, em paz."

Como Carlota, existem outras mulheres na mesma condição, com os seus dias pautados por episódios de violência doméstica, onde o amor é substituído pelo medo constante e que não as deixa falar, desabafar, contar e fazer uma queixa formal. Só no primeiro semestre deste ano, foram assassinadas 24 mulheres em Portugal, vítimas de violência doméstica, segundo dados do Observatório das Mulheres Assassinadas (OMA). A juntar a este facto surge outro dado preocupante: se antigamente as mulheres se mantinham numa relação violenta durante 20 ou 30 anos, hoje as relações duram menos, mas, segundo um estudo publicado recentemente pelo



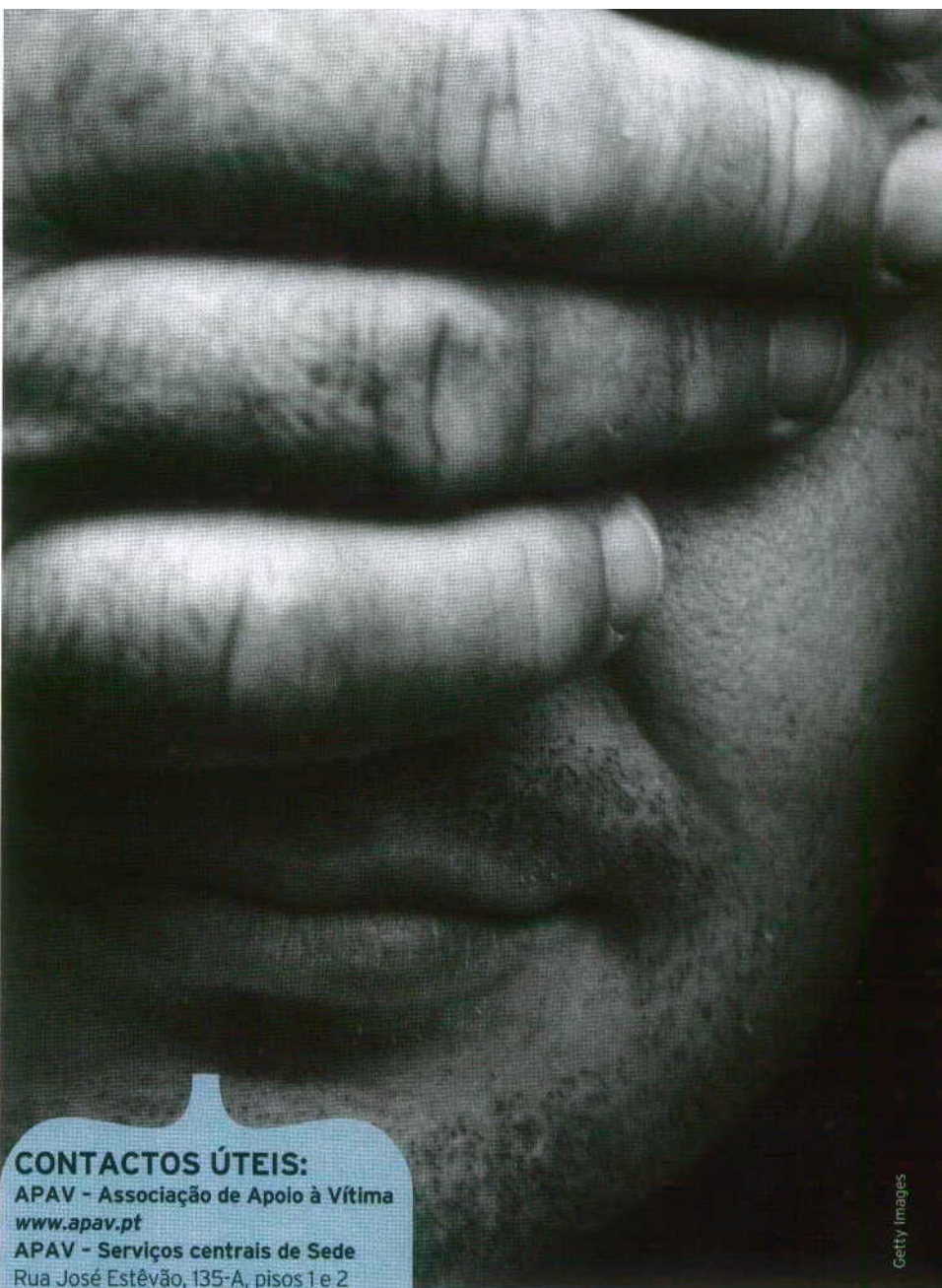
## REPORTAGEM

psicólogo forense Mário Paulino – ‘Vítima ou Cúmplice, caracterização da mulher vítima de violência doméstica na região de Lisboa e Vale do Tejo’ –, os relacionamentos ainda demoram, em média, 13 anos até terminarem. A razão da diminuição não é necessariamente uma boa notícia, como refere Daniel Cotrim, responsável da APAV: “Um dado preocupante em relação à violência doméstica é que a tomada de decisão da queixa acontece mais cedo porque a escalada da violência é maior, o tipo de violência é muito maior.” A somar ainda a este fenómeno está o facto de a violência doméstica ter aumentado. Segundo o Relatório Nacional de Segurança Interna, a violência doméstica teve um aumento de 3,1% em 2013 em relação ao ano anterior.

### Violência de género cada vez mais cedo

Seja por uma cena de ciúmes, porque a comida está fria ou porque simplesmente tiveram um mau dia no trabalho, a história é quase sempre igual: gritam, insultam e batem. Transversal a qualquer classe social e faixa etária, a violência doméstica começa, no entanto, a ganhar novos contornos. Hoje, é a adolescência que mais preocupa as autoridades e as organizações, como explica Daniel Cotrim: “Nós temos cada vez mais casos de grupos de miúdos que nos chegam da escola e nos dizem ‘Têm de ir lá, porque a nossa amiga está a levar pancada todos os dias e não diz nada a ninguém!’ Os casos de violência doméstica entre os mais jovens estão a aumentar e com dados preocupantes, ao mesmo tempo. É curioso que os jovens têm uma mente muito mais retrógrada em relação à violência doméstica do que tem uma mulher de 50 anos, por exemplo! No Facebook é usual vermos os namorados a questionarem-nas acerca dos amigos e das conversas que têm. Se calhar, uma mulher de 50 anos nunca permitiria tal coisa. Por exemplo, nós tivemos numa casa abrigo uma senhora com 78 anos [agredida pela primeira vez com essa idade] que decidiu que não permitia que o marido lhe batesse!”

Quando o agressor é menor de idade, não pode ser condenado. “Não conheço um caso julgado e condenado em que o agressor é menor de 18 anos, apesar de existirem na prática”, explica Daniel Cotrim. “Os casos de violência de género em menores de idade são complicados, porque elas não fazem queixa... Primeiro, porque os pais nem sequer sabem que elas namoram, depois porque dependem dos pais e não podem fazer nada sem a sua autorização.” Não podendo ser abrangidos legalmente, os casos de violência entre namorados menores exigem uma grande articulação entre pais, professores e organizações, na opinião do responsável, e uma boa dose de bom senso, como explica: “Normal-



### CONTACTOS ÚTEIS:

**APAV - Associação de Apoio à Vítima**  
[www.apav.pt](http://www.apav.pt)

**APAV - Serviços centrais de Sede**

Rua José Estêvão, 135-A, pisos 1 e 2  
 1150-201 Lisboa, tel. 213 587 900

E-mail: [apav.sede@apav.pt](mailto:apav.sede@apav.pt)

**Serviços de Sede no Porto**

Rua Aurélio Paz dos Reis, 351  
 4250-068 Porto, tel. 228 346 840

E-mail: [sede.porto@apav.pt](mailto:sede.porto@apav.pt)

### OUTROS:

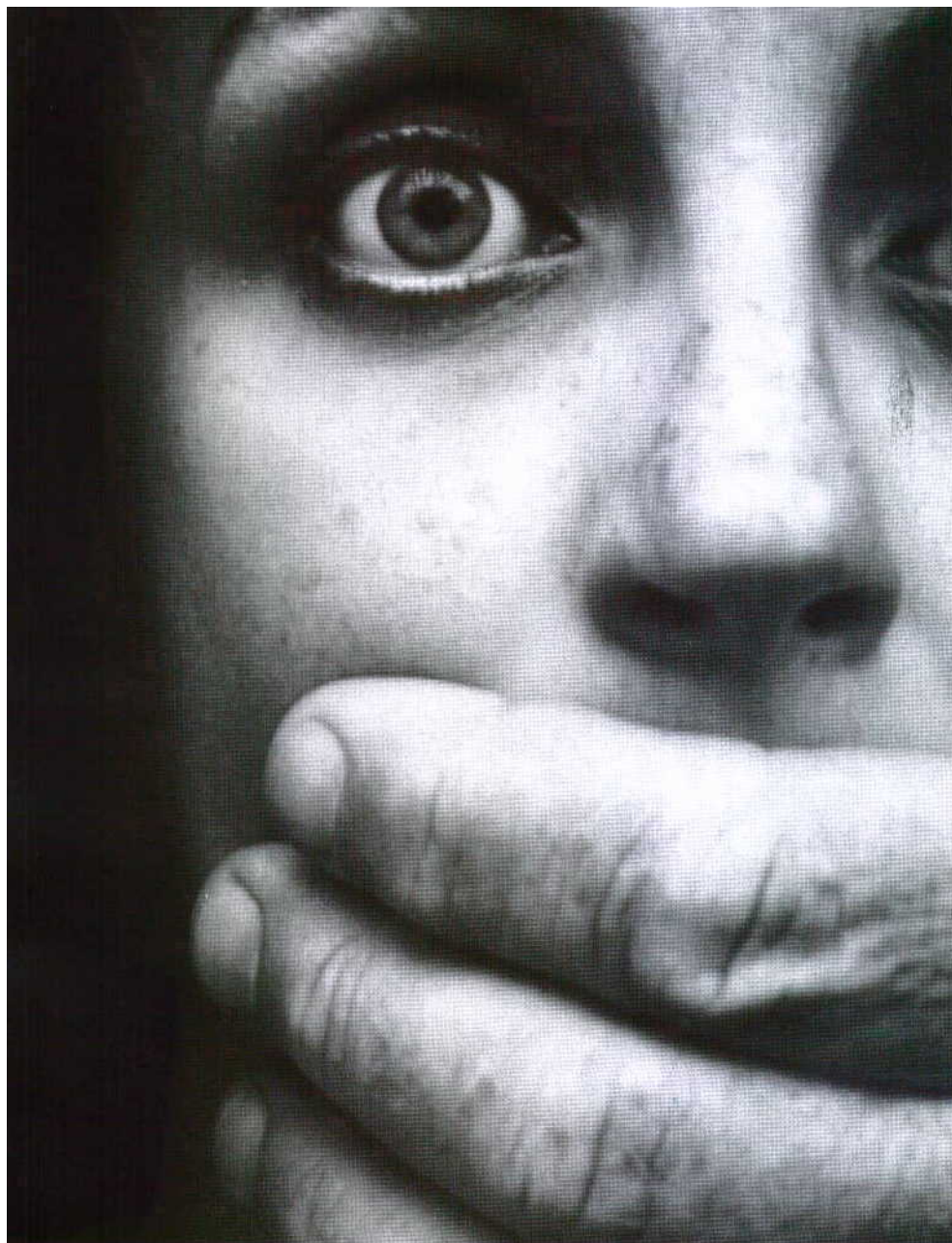
[www.violencia.online.pt](http://www.violencia.online.pt)

**Linha Telefónica de Informação às Vítimas de Violência Doméstica** - Um serviço de informação gratuito, que funciona por telefone, 24 horas por dia, para apoiar vítimas de violência doméstica, através do número **800 202 148**. É um serviço anónimo e confidencial. Esta linha tem funcionários especialmente formados para atendimento de vítimas de violência doméstica, que dão apoio com informação sobre os direitos das vítimas e apoio psicológico, e indicam os recursos de apoio que existem e onde se dirigir.

mente, os miúdos agredem-nas quando vão levá-las a casa. Elas entram em casa, os pais perguntam se está tudo bem, dizem que sim e fecham-se no quarto. Está ali um problema que ninguém percebe e que é muito grave. Para conseguirmos contornar esta lacuna, é necessário que os recursos estejam todos articulados e que os professores e auxiliares estejam alerta. É necessário que os serviços de saúde, quando esta rapariga, que chega lá com dores de cabeça, que está cheia de nódoas negras e que diz que caiu numas escadas, tenham sensibilidade para averiguar se foi mesmo um acidente nas escadas...”

Como esta, existem outras falhas na lei em Portugal que protegem as vítimas de violência doméstica. Para o responsável da APAV, apesar de sermos dos países da União Europeia mais bem preparados em termos de lei e de teoria, falta fazer muito na prática: “O crime de violência doméstica já está previsto como





crime público, portanto, como definição e descrição temos a lei mais avançada do mundo! A nossa lei prevê não apenas o crime entre homem e mulher, mas entre casais do mesmo sexo, de pais para filhos, de filhos para pais, contra os idosos, no namoro – uma inovação do nosso sistema penal – e até o adultério pode ser denunciado, se houver descendência... Agora, é preciso pensar no caminho à volta, nomeadamente: promover a saída do agressor de casa e não da vítima, como hoje vemos, a questão dos jovens, a falta de comunicação dos tribunais, o facto de as pessoas terem de ter inúmeros advogados para os inúmeros processos por causa de uma só causa... As instituições têm de ter condições, públicas ou privadas, para receber as vítimas com as melhores condições... Os nossos tribunais, por exemplo, não têm condições, porque a vítima e a família toda do agressor têm de se confrontar fora da sala de audiências, cara a

cara, não há medidas de proteção, já vi muitas cenas de pancadaria à porta do tribunal. Portanto, temos as pulseiras eletrónicas, a teleassistência, etc., mas muitas medidas continuam a não funcionar em tempo útil para a vítima... Falamos em medidas que são de carácter urgente! É que no tempo de espera [entre uma decisão judicial e a sua aplicação], muitas mulheres são assassinadas, porque nesse tempo não há medidas de proteção.”

### **'A culpa é minha!'**

Prevista como crime público punível com até dez anos de prisão, a violência doméstica pode ser denunciada junto das autoridades (GNR, PSP e Polícia Judiciária), do Ministério Público, do Instituto de Medicina Legal ou de organizações como a APAV (Associação de Apoio à Vítima). Seja pela própria vítima ou por familiares e amigos – sendo que aqui é necessário algum bom senso e uma certa

sensibilidade, para não ferir suscetibilidades da vítima em questão. Mas quando é que sabemos se devemos fazer queixa? Como é que temos a certeza de que o que estamos a viver é um caso de polícia? Para o psicanalista António Coimbra de Matos, “basta um estalo, uma agressão verbal, uma falta de respeito que ultrapasse os limites.”

Só que à sensação de medo das vítimas junta-se geralmente uma culpa que lhes parece quase natural. Porque quem agride tem essa capacidade, de fazer sentir culpa a quem é agredido. “Há muitos aspetos ligados ao facto de uma pessoa que sofre de violência doméstica se manter nesse relacionamento. Um deles é o medo e o outro é a culpa. Vivemos numa sociedade em que a culpa domina muito. Daí que as pessoas, principalmente as mulheres, tenham uma certa tendência para se culparem por tudo. Por exemplo: ‘O meu marido trata-me mal, mas eu também me esqueci de qualquer coisa...’ Há uma noção muito forte de culpa na cultura em Portugal. Até ao nível da educação dos nossos filhos, por exemplo, também a tendência é para educar através da culpa. Para eles serem obedientes, dizemos qualquer coisa como: ‘Não tens o presente que queres, porque a culpa é tua, não te portas bem...’ etc. E numa relação também se verifica muito isso: quem tem mais poder, geralmente o homem, induz culpa na mulher. E depois, ao nível da culpa, há dois tipos: a culpa normal e lógica, e a culpa ilógica, que é patológica e que é induzida para se respeitar o seu superior, como acontece nos casos de violência doméstica”, Coimbra de Matos.

Palavras que fazem todo o sentido para Carlota: “Durante muito tempo e em muitas agressões físicas, ele fez-me acreditar que eu merecia aquilo... Dava-me diversos motivos para que eu acreditasse que devia mesmo levar aquela sova! E eu acreditava... Cheguei a pedir-lhe muitas vezes desculpa depois de ter sofrido inúmeras agressões”, explica Carlota.

Habitadas a padrões de relacionamento pouco harmoniosos, estas mulheres recorrem a ajuda especializada quando já se encontram num estado de ansiedade e fragilidade grande, e quando a escalada de violência é significativa. A culpa da ajuda tardia é, na verdade, do agressor, explica o responsável da APAV: “Eles deturpam a identidade delas... Muitos de nós temos a sorte de acertar na pessoa com quem dividimos a vida, mas outros não... E a nós, APAV, cabe-nos o papel de alertar estas mulheres para o mal que estes homens lhes estão a fazer, tentar dizer-lhes que nunca se devem sentir culpadas! Normalmente, são mulheres já fragilizadas e que embarcam nesse relacionamento porque é o padrão de relacionamento que têm.”

Existirá uma tendência para este tipo de





## REPORTAGEM

*"Cheguei a casa  
a pedir-lhe desculpa,  
depois de me ter batido.  
Foi humilhante!",  
Carlota, vítima de violência  
doméstica.*

Getty Images

relacionamento? Na opinião do psicanalista Coimbra de Matos, tudo se aprende logo na infância. "O respeito pelos outros e por nós próprios é aprendido logo na infância. Por exemplo, se a criança que faz uma coisa mal feita recebe um tabefe, vai dar um tabefe mais tarde a alguém, vai descarregar esse tabefe em alguém... Acho que o mais importante, ao nível da educação e para que se possa contornar um pouco estas questões da violência, é inculcar logo nas crianças respeito pelos outros e por si próprias. Só assim se tornarão adultos saudáveis e cientes de que devem respeitar os outros e de que devem ser respeitados, só assim terão essa noção." Uma opinião partilhada pelo responsável da APAV, Daniel Cotrim: "De facto, a prevenção tem de ser feita cada vez mais cedo! E não é dizer apenas que a violência doméstica é má, é antes incentivar o respeito entre as pessoas e por nós próprios, incentivar o debate sobre as questões de igualdade de género, o cultivo de relacionamentos saudáveis, etc."

Para o psicanalista Coimbra de Matos, é, por vezes, a própria sociedade que acaba por fomentar um pouco a agressividade. "É um problema político-social, este da competitividade e da violência, a ideia de que se consegue tudo através do conflito... Podemos ver isso com todas as guerras que estão a acontecer. Mas depois também há o problema da autoridade e do respeito, que tem de se ter pela autoridade. Mais uma vez, com as crianças joga-se muito com isso... Incute-se o medo pela pessoa que representa a autoridade – o pai ou a mãe – para que os miúdos obedeçam. Os pais acreditam que é preciso impor limites,

isso é falso! O que é preciso é mostrar-lhes que a realidade tem limites, o que é outra coisa. É importante mostrar que determinadas escolhas das crianças vão ter consequências nas suas vidas... Muitos pediatras dizem que o bebé precisa de duas coisas: amor e disciplina. Eu não estou nada de acordo com a questão da disciplina, aquilo de que o bebé precisa é de ter um ambiente

### O que diz a lei?

A lei sobre violência doméstica (Código Penal Português, Lei 59/2007 Art. 152º) pune quem "de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais", seja o cônjuge ou o ex-cônjuge, o parceiro, de outro ou do mesmo sexo, com quem a vítima mantenha ou tenha mantido um relacionamento, o progenitor em primeiro grau ou ainda a pessoa particularmente indefesa, em razão de idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com o agressor coabite. Se em casa viver um menor de idade, o agressor é punido com pena de prisão de dois a cinco anos. Se dos atos de violência doméstica resultar a ofensa à integridade física de forma grave, é punido com pena de dois a oito anos. Se, por último, resultar a morte, o agressor é punido com pena de três a dez anos. Em contraposição, um caso de homicídio qualificado (se não se tratar de violência doméstica) prevê uma pena de prisão até 25 anos, a pena máxima.

disciplinado e organizado, porque se o ambiente for organizado, ele próprio, se organiza; se o ambiente for desorganizado, ele tem tendência para se desorganizar. Há uma autora que se chama Alice Miller, que escreve e fala sobre isto chamando-lhe a educação negra, a educação pela autoridade e pelo castigo, defendendo que a educação deve ser pela compreensão."

### Quem é o agressor?

Donos de um machismo quase obsessivo, de ciúmes sentidos de uma forma patológica e de um sentimento de frustração que ultrapassa todos os limites, os agressores poucas vezes sentem verdadeiramente remorsos. Para Coimbra de Matos, tudo parte de uma questão muito simples: testosterona juntamente com frustração. "A frustração é a mãe da agressividade: quando estamos frustrados, o sentimento biológico que temos é o de partir para a agressividade. Outra questão está relacionada com o machismo e com o sentimento de autoridade da figura masculina, algo que temos desde sempre na sociedade portuguesa, e que era bem visível no Estado Novo e nunca se perdeu... Ainda vivemos numa sociedade em que o homem geralmente tem mais poder do que a mulher... E depois há algumas causas biológicas para a agressividade: a hormona masculina, a testosterona, é a hormona da agressividade. As hormonas femininas são hormonas mais calmas, as mulheres são, por regra, mais apaziguadoras. E tudo isto da agressividade também tem a ver com o traço narcísico. Geralmente, as pessoas que agredem outras são pessoas que só pensam nelas próprias, pessoas com traço narcísico. Estas geralmente não mudam, não deixam de se comportar assim. Podem até diminuir a violência, mas mais cedo ou mais tarde voltam a agredir."

Carlota via no marido uma pessoa especial, alguém com quem gostaria de partilhar uma vida e ter filhos. Mas essa era a mesma pessoa que estava a magoá-la. "Demorei muito a perceber que sofria algum tipo de violência, porque é difícil assumir e perceber que estamos a ser vítimas de algo tão concreto e assustador como a violência doméstica. É difícil perceber que estamos a ser vítimas de violência psicológica, que foi como tudo começou... Esse tipo de violência é pior do que qualquer chapada e é silenciosa... Quando eu percebi, estava na rua, sem ter para onde ir e sem a minha filha. Quando percebi que até ao último momento estava totalmente dominada psicologicamente... Foi muito difícil!" A todas as mulheres que passam atualmente pela mesma situação, Carlota deixa uma mensagem: "Homem nenhum vale tamanha humilhação! Têm de denunciar. Denunciando ou não, o medo vai existir sempre. Vencer o medo é o primeiro passo!" ●





## A geração das “crianças tiranas”

ESTUDO DA APAV revela extensão do fenómeno. A APAV divulgou um estudo sobre filhos que agridem os pais, centrado num período de oito anos (2004-2012), ao qual o DN teve acesso. Os números refletem uma geração de “crianças tiranas” e “pais mártires”, conceitos que surgiram em livros publicados em Espanha e França, respetivamente, como referiu Daniel Cotrim, assessor técnico da direção da APAV e

psicólogo de formação. Em oito anos, 3988 pais foram maltratados pelos filhos em ambiente doméstico. Ou seja, de três em três dias, surge um caso de um filho adolescente até aos 25 anos a agredir um dos pais (sobretudo a mãe). E todos os dias, em Portugal, há um pai ou uma mãe, de todas as idades, a serem vítimas de maus-tratos físicos e psicológicos pelos filhos das várias faixas etárias.





**E** XCLUSIVO

**BÁRBARA GUIMARÃES**

TEME PELA SUA VIDA E PELOS DOIS FILHOS

# AMEAÇADA DE MORTE

Aos 41 anos, com dois filhos, um namorado e um programa prestes a estrear, a vida de Bárbara tinha tudo para se encaminhar. No entanto, a apresentadora tem recebido mensagens intimidantes. Ela fez queixa, mas, supostamente, o processo foi arquivado.



A vida da apresentadora da SIC e de todos os que lhe são próximos está longe de ser pacata. **NOVA GENTE** soube que, nos últimos meses, o telefone de Bárbara Guimarães tem sido invadido com inúmeras mensagens ameaçadoras. "Já lá vão alguns meses desde que a Bárbara começou a receber essas mensagens. Tudo começava cada vez que ela abraçava um projeto novo na

televisão. Então, a incidência das tais mensagens aumentava! Recordo-me que quando começou o **Factor X**, não paravam", revelou uma amiga de Bárbara à nossa revista. Mais! A mesma fonte adiantou ainda que estas mensagens não era dirigidas apenas ao famoso rosto da SIC, "mas também a muitas das pessoas que estão próximas da Bárbara. Tem sido horrível!" O cenário tornou-se surre-

al e assustador, "muitas das mensagens continham ameaças de morte. Recordo-me que entre muitas coisas diziam: eu limpo-te o sebo... vou fazer-te a folha...". A mesma fonte garante que estas "vinham de números diferentes, primeiro de um 92, depois de um 91". Face a esta história, pode imaginar-se a insegurança e o receio que passou a existir na vida da apresentadora, de 41 anos. Ainda

## Dados estatísticos da APAV

- Cerca de 20% dos portugueses (19,5%) disse já ter sido vítima de *stalking*;
- 25% das mulheres entrevistadas para o estudo da APAV foi alvo daquele comportamento;
- Entre os homens, a percentagem é de 13,3%;
- A maior prevalência de casos dá-se entre os 16 e os 29 anos;
- O assédio dura entre três e seis meses;
- Apenas 40,9% das vítimas procurou apoio. Mais de metade é mulher.
- 68% dos *stalkers* foi identificado como sendo do sexo masculino.
- 40,2% declarou ter sido perseguida por

um conhecido/colega/familiar ou vizinho;

- 31,6% disse que o *stalker* provinha de uma relação de intimidade atual ou passada; 50,7% das situações tinha ocorrido após a relação terminar. Mas o *stalking* pode tomar outros contornos. Além da perseguição, há quem tente contacto físico ou faça (e concretize) ameaças.
- Houve agressões em 21,2% dos casos;
- Houve tentativa de contacto indesejado com 79,2% dos inquiridos;
- Em 58,5% dos casos, o *stalker* aparecia em locais habitualmente frequentados pela vítima;

- A perseguição manifestou-se em 44,5% dos casos;
- Mais de 80% das vítimas referiu que os comportamentos ocorriam diária ou semanalmente. Mas há casos mais graves: perseguições com a duração de mais de um mês foram relatadas em 66,8% dos casos. Em 31,9% dos casos, as situações de *stalking* duraram entre um e seis meses, 15,3% dos casos durou mais de dois anos.
- O *stalking* tem ainda efeitos psicológicos nas vítimas: 43,2% referiu ter ficado pouco assustada, 31,8% não ficou assustada e 25% revelou ter ficado muito assustada.



**UMA MÃE PROTETORA**  
Apesar de ter uma profissão que exige exposição pública, a apresentadora preserva ao máximo a privacidade dos dois filhos



## STALKING, O QUE É?

Pode definir-se como forma de violência relacional. Segundo a legislação norte-americana, o crime consiste num padrão intencional de perseguição repetida ou indesejada que uma pessoa razoável consideraria ameaçadora ou indutora de medo. Já a legislação australiana define o *stalking* como a perseguição de uma pessoa, a permanência no exterior da sua residência ou em locais por ela frequentados, entrar ou interferir na sua

propriedade, oferecer-lhe material ofensivo, mantê-la sob vigilância ou agir de um modo que se poderia esperar com razoabilidade que fosse suscetível de criar stress ou medo na vítima. As condutas causam um enorme desconforto na vítima e atentam claramente à reserva da vida privada. No limite, estes comportamentos podem levar a situações de maior gravidade, tais como ofensas à integridade física e até mesmo homicídio.

mais, Bárbara vive sozinha com os dois filhos, Dinis Maria, dez anos, e Carlota Maria, de quatro. Verdade também é que, durante algum tempo, ela tentou manter a aparência de que tudo estava bem, mas Bárbara não aguentou o terror psicológico a que estava a ser submetida e fez queixa na Polícia. Ao que a nossa revista apurou, avançou para tribunal, mas "o processo foi arquivado por não terem conseguido chegar ao remetente das mensagens" uma vez que viriam de um cartão recarregável.

**NOVA GENTE** entrou em contacto com Bárbara Guimarães, que não desmentiu nem confirmou o tema delicado por sinal, apenas disse educadamente: "Não comento. Sempre que precisarem de esclarecimentos, falem com os meus assessores." Certo também é que as mensagens voltaram à carga quando nas revistas apareceram notícias de um namoro entre a apresentadora e o empresário Kiki Neves. "A história voltou a repetir-se e o telefone da Bárbara começou a ser invadido com novas mensagens." Apesar de representarem a apresentadora no que diz respeito à sua imagem profissional, os assessores apenas

disseram: "Não comentamos". **NOVA GENTE** também falou com o advogado da apresentadora, Pedro Reis, que disse igualmente: "Não presto comentários", mesmo antes de saber qual o assunto em questão e apesar de já ter feito esclarecimentos no passado em comunicados enviados às redações sobre a separação do casal.

### Famosos vítimas de stalking

Catarina Furtado foi um dos casos de *stalking* conhecidos em Portugal. A atriz e apresentadora tinha vários stalkers, entre os quais havia um que ia todos os dias vê-la ao teatro. Apesar de assustada, nada fez. Só quando foi ameaçada de rapto é que tomou medidas. António Manuel Ribeiro, vocalista dos UHF, foi vítima de uma fã durante seis anos, Nuno Markl e Ana Galvão foram ameaçados, através da Internet, por alguém que descrevia os seus passos e os de Ana Galvão. Além disso, a pessoa criava intrigas para separar o casal e desejava mal ao filho que então esperavam. Patrícia Tavares foi também vítima de perseguição por um fã.

Texto: LURDES DE MATOS (lurdes.matos@impala.pt); Fotos: IMPALA

## O que se passa em Portugal

Na Europa, há leis anti-stalking em nove países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Irlanda, Itália, Malta e Reino Unido. Em Portugal não há uma legislação específica, espera-se uma resolução quando a nova legislação for aprovada. Nos casos em que existe condenação, os crimes invocados passam por invasão da vida privada ou ameaça agravada. Se o *stalker* for um ex-marido, ex-companheiro, cônjuge ou companheiro da vítima, as condutas podem ser enquadradas no artigo 152.º do Código Penal, que consubstancia o crime de violência doméstica. Outras atitudes que estejam descritas no Código Penal também podem ser punidas, como é o caso de: ameaças, previstas no artigo 153.º; coação, no artigo 154.º; violação de domicílio ou perturbação da vida privada; artigo 190.º; devassa da vida privada, artigo 192.º; e gravações e fotografias ilícitas, artigo 199.º



ID: 56341174

27-10-2014

**INDEMNIZAÇÕES** ■ ESTADO AJUDOU EM SEIS ANOS 135 MENORES AFETADOS POR CASOS DE HOMICÍDIO PARENTAL

# 2,5 milhões para órfãos da violência doméstica

■ Comissão de Proteção de Vítimas de Crimes deu, em média, 18 mil euros a cada criança

● SÉRGIO A. VITORINO

A Comissão de Proteção às Vítimas de Crimes (CPVC) indemnizou, desde 2009, 135 menores que ficaram sem os pais em casos de homicídio conjugal. Foram quase 2,5 milhões de euros para ajudar à sobrevivência financeira de quem viu um progenitor morrer e o outro suicidar-se ou ficar preso. Em média, cada criança ajudada recebeu um pouco mais de 18 mil euros.

Segundo explica ao CM Carlos Anjos, presidente da CPVC, estão atualmente pendentes 35 processos, envolvendo um total de 59 menores. "São casos que aguardam decisão judicial ou que a mesma transite em julgado. Após isso ocorrer e se garantir que o agressor não tem meios para pagar, a atribuição das indemnizações é rápida", afirma.

A comissão regista com agrado que o Ministério Público esteja mais atento ao fenómeno dos menores que ficam sós e desamparados financeiramente, após um dos pais ter morrido. "Nos últimos dois anos tem havido maior atenção dos magistrados. É o próprio Ministério Público a fazer os pedidos de indemnização quando as crianças ficam sozinhas ou têm de ser institucionalizadas", diz Carlos Anjos.

**Dinheiro fica em conta e só é gerido com autorização do tribunal**



■ Filhos de vítimas de violência doméstica apoiados

## Filhas de Sara Pereira foram indemnizadas

● Filipa tinha 4 anos e Leonor apenas 10 meses e graves problemas cardíacos, quando o pai assassinou a mãe à machadada. Sara Pereira, de 23 anos, tinha-se separado de Francisco Gomes, de 27, no Natal de 2008. Em julho de 2009, o homem pegou num machado e perseguiu-a até à bomba de gasolina onde a vítima trabalhava, na Moita. Matou-a com vários golpes brutais. Francisco Gomes foi condenado em 2010 a 20 anos de cadeia e ao pagamento de 88 mil euros às filhas menores, cujos tutores são familiares maternos. A comissão liquidou recentemente as indemnizações pagas a Filipa e Leonor. ■

Nos restantes casos, os pedidos de indemnização são feitos pelo tutor que fica responsável pelo menor após os pais terem morrido ou um deles ser preso.

A verba é colocada numa conta aberta pelo tribunal em nome do menor e do tutor. "Para o dinheiro ser movimentado é necessário um pedido justificado e a autorização do tribunal", explica Carlos Anjos.

A indemnização a cada menor varia conforme a necessidade da vítima. Em alguns casos já atingiu os 30 mil euros. ■

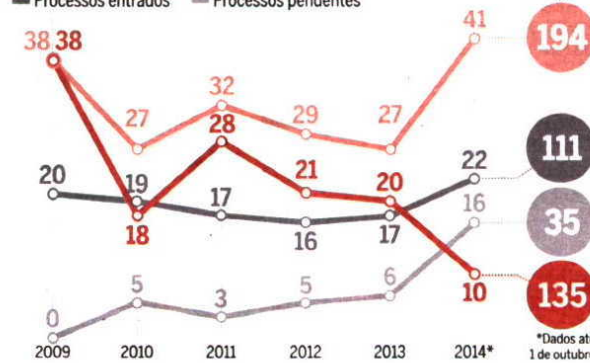
**NOTÍCIA EXCLUSIVA**  
DA EDIÇÃO EM PAPEL

**CORREIO**  
da manhã

## Homicídio parental Indemnizações a crianças

Alguns processos envolvem mais de um menor

— Menores indemnizados — Menores abrangidos  
— Processos entrados — Processos pendentes



Fonte: Comissão de Proteção às Vítimas de Crime

CORREIO DA MANHÃ



Francisco assassinou Sara

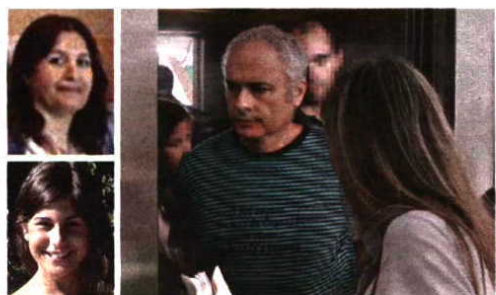
## PORMENORES

● **ORÇAMENTO**  
A Comissão de Proteção às Vítimas de Crime tem um orçamento anual de cerca de um milhão de euros.

● **AGRESSORES PAGAM**  
O valor da multa paga por agressores no âmbito da violência doméstica, que consiga uma suspensão provisória do processo, reverte, desde 2011, para a comissão e vítimas.

● **VIOLADOR DE TELHEIRAS**  
A comissão não ajuda apenas vítimas de violência doméstica. Por exemplo, já atribuiu todas as indemnizações às 14 vítimas do violador de Telheiras.

■ Antônio, de 49 anos, matou a mulher Fernanda, de 47, e a filha Inês, de 16



PAULO NOVAES/USA

## Sobrevivente pode pedir

● Joana Vilaranda, de 13 anos, foi a única sobrevivente da fúria assassina do pai - Antônio Teixeira matou à facada, no dia 20, em Soure, a mulher Fernanda e a filha mais velha, Inês, 16 anos. O Ministério Público ou o tutor que o tribunal designar para a menor, que ficou ferida após ter sido atingida num pulmão, po-

dem vir a pedir indemnização para Joana - ficou sem a mãe e tem o pai preso (o homem já foi transferido após tentar o suicídio na cadeia). A menor, aluna do 9º ano, ainda está internada em Coimbra. A atribuição da indemnização só poderá ocorrer após o pai ser condenado e a sentença transitar em julgado. ■





28-10-2014

Tiragem: 71534

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Interesse Geral

Pág: 63

Cores: Cor

Área: 7,65 x 5,12 cm²

Corte: 1 de 1



## Tráfico de seres humanos

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)

apresentou uma campanha de sensibilização contra o tráfico de seres humanos. Em 2013, foram sinalizadas 299 pessoas como presumíveis vítimas de tráfico, das quais 49 eram menores.





## iCORREIO

### **POLÍCIA DE INSEGURANÇA PÚBLICA**

A maior parte das mulheres portuguesas assassinadas pelos companheiros apresentam queixa às autoridades policiais por maus-tratos. O quadro apresentado indicia agressões contínuas. A queixa é registada, não havendo acompanhamento e protecção por parte da polícia. As mulheres ficam entregues à sua sorte, e os agressores continuam impunes. Enquanto as mulheres continuam a tombar vítimas de violência doméstica, os polícias continuam sentados. No domingo assisti a um jogo de futebol das camadas de formação. No campo, três agentes da autoridade faziam segurança. Se multiplicarmos o números de campos de futebol existentes no nosso país, não é difícil concluir porque a troika considera haver polícias a mais! A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) considera que as mulheres têm dificuldades em se dirigir à associação que protege as vítimas de agressões físicas e psicológicas. Muitas por falta de dinheiro para transportes, e outras, com medo. É de estranhar o facto de ser uma mulher a chefiar o Ministério da Justiça, e as mulheres estarem tão desprotegidas. É caso para dizer: em casa de ferreiro espeto de pau!

**ADEMAR COSTA**  
PÓVOA DE VARZIM



destaque

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA em foco nas novelas

## UM DRAMA MUITO

CENAS  
CHOCANTES  
alertam públicoTVI • Mulheres  
Segunda a sábado

As agressões de Jorge provocaram um aborto a Bárbara. Depois de lhe bater, ele também a viola. As cenas são coreografadas



**A ficção portuguesa retrata casos que acontecem na vida real. A Associação de Apoio à Vítima aplaude a iniciativa**

A Bárbara de "Mulheres", da TVI, e a Júlia de "Mar Salgado", da SIC, não se conhecem mas têm muito em comum. Ambas são personagens fictícias, espancadas pelos respetivos companheiros. "É importante falar sobre violência doméstica, quer seja na realidade ou na ficção. E tem-se evoluído imenso. Até há três, quatro anos não se fundamentavam as histórias das novelas. O agressor era

dado como doente e muitas vezes morto no último capítulo. Hoje em dia, tem-se um cuidado especial em dar a perspectiva também de quem agride. O agressor pode ser uma pessoa normal", informa Daniel Cotrim, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). E, na verdade, esta abordagem nas novelas tem dado bons resultados. "Há pessoas que nos procuram depois de se verem retratadas

na televisão. Não são muitos casos, mas há uma tomada de consciência", sublinha o técnico, que tem apoiado produtoras, argumentistas e atores a criarem as histórias. "Nós ajudamos a fundamentar os casos. A justificar alguns comportamentos. A Jessica Athayde, que faz de Bárbara em "Mulheres", pôde falar com algumas das vítimas", enumera Daniel Cotrim, que aplaude o facto de a TVI contar a história de uma jovem que sofre de maus tratos. "Não são apenas as mulheres de 40 e 50

anos que sofrem de violência doméstica. Nem este drama afeta apenas estratos sociais baixos", argumenta.

Para a atriz, esta experiência está a ser uma das melhores da sua vida profissional. "Tenho

a sorte de estar a viver um papel que, como atriz, me dá pica, mas é horrível porque sei que é real", explicou Jessica numa

entrevista recente. As cenas em que Jorge, o marido da ficção (Luís Gaspar), lhe dá murros e pontapés na barriga são coreografadas e a atriz sai ilesa das pancadas, mas, mesmo

**"Até há quatro anos não se fundamentavam as histórias"**



# REAL

As paredes da casa de Xavier e Júlia são revestidas de um material especial para que as atrizes não se magoem nas cenas de pancada

**SIC • Mar Salgado**  
Segunda a sábado



"O Xavier não é um homem mau. Tudo o que faz é para proteger a família"

Marco Costa

As atrizes que fazem de Elsa e Júlia, Raquel Oliveira e Sandra Barata Belo, visitaram a APAV para fazer os respetivos papéis

As feridas de Júlia (Sandra Barata Belo) fazem parte da caracterização



assim, são carregadas de emoção. "Espero que a história da Bárbara sirva para abrir olhos sobre este problema", acredita.

## Filhos sofrem

Numa das cenas de "Mar Salgado", da SIC, Júlia, personagem de Sandra Barata Belo, é violentamente espancada e empurrada contra a parede pelo marido, Xavier, papel de Marco Costa. A violência dura há anos e o pescador não só a agride a ela como à filha. "O comportamento do Xavier deve-se ao amor que sente pela mulher, que já não é amor é obsessão, e depois é a questão da proteção. Tudo o que ele

faz é para defender a família e a filha dos marginais que andam por aí", explica Marco. A personagem tem sido para o ator um desafio, que tem de fingir que bate nas colegas. "Estou muito contente com o desempenho do Marco, ele grita comigo e eu encolho-

-me logo. Muitas vezes, sou eu a dizer para ele ser mais duro", explica Sandra. Também Raquel Oliveira, que faz de Elsa, filha do casal, sente que o seu papel pode ajudar: "O tema é um grande tabu e é importante alertar as pessoas".

## Dura realidade

Na vida real, os casos de violência doméstica multiplicam-se. António Teixeira, 49 anos, matou a mulher, a filha, de 16 anos, e deixou em estado grave a mais nova, de 13, em Soure. Em Almada, Alexandre Calvário, 59 anos, sequestrou a filha de 29 anos em casa e planeava regá-la com gasolina para forçar a companheira, mãe da jovem, a regressar a casa.

## OS NÚMEROS DRAMÁTICOS

**2014** é o ano mais negro desde há dez anos em matéria de violência doméstica

**30** mulheres morreram, vítimas dos maridos, até 30 de setembro

**37** mulheres sobreviveram a tentativas de homicídio por parte dos maridos, desde início do ano

**13.071** mulheres apresentaram queixa contra os maridos no primeiro semestre de 2014

**20%** das vítimas são atacadas depois da separação

**19%** das agressões acontecem entre as 19 e as 24 h



## PORTUGAL

Sessão de apresentação em Lisboa

# Campanha ajuda a prevenir o tráfico de seres humanos

Texto Juliana Batista | Foto Lusa | 06/10/2014 | 08:36



Para sensibilizar a sociedade para o tráfico de seres humanos, a Associação de Apoio à Vítima vai apresentar uma nova campanha que incidirá sobre este drama

IMAGEM

No último ano, das 299 presumíveis vítimas de tráfico de seres humanos, 49 eram menores

A+ A- ENVIAR IMPRIMIR COMENTAR PARTILHAR

PORTUGAL ANTERIOR SEGUINTE

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) vai apresentar uma nova campanha de sensibilização sobre o tráfico de seres humanos na próxima terça-feira, 7 de outubro. A sessão de apresentação terá lugar na sede da APAV, em Lisboa, pelas 11h30.

«Promover a sensibilização sobre o tráfico humano, com ênfase na exploração laboral, de forma a tornar possível o reconhecimento de situações relacionadas com este crime e evitar situações de risco, é o objetivo principal deste projeto», explicam os responsáveis pela campanha, em comunicado.

Esta iniciativa é desenvolvida no âmbito do Projeto Briseida, promovido pela APAV e co-financiado pela Comissão Europeia. A campanha conta com a parceria mecénática da agência criativa Legendary People + Ideas e com o apoio de diversos meios e instituições.

De acordo com o Relatório Anual do Observatório de Tráfico de Seres Humanos, no último ano foram sinalizadas 299 pessoas como presumíveis vítimas de tráfico de seres humanos (das quais 49 menores), sendo 45 pessoas depois confirmadas como vítimas deste crime.



## Envolver os empregadores na prevenção do tráfico de seres humanos

ANA CRISTINA PEREIRA 07/10/2014 - 21:20

Site "não ao tráfico" lançado pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima tem dicas para quem procura e quem oferece emprego



ADRIANO MIRANDA

A campanha foi lançada esta terça-feira pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Sob a forma de página electrónica, a “não ao tráfico” (<http://naoaotrafico.pt/>) coloca ênfase no tráfico para exploração laboral, o mais frequente em Portugal, e trata de envolver os empregadores.

O objectivo é sensibilizar, em particular, quem emprega e quem está à procura de trabalho, explicou Juliana Moya, da Unidade de Apoio à Vítima Migrante da APAV, numa curta conversa telefónica. E o enfoque dado aos empregadores é a novidade da campanha co-financiada pela Comissão Europeia.

Há um conjunto de dicas para os empregadores ficarem alerta para o risco de estarem perante vítimas. Recomenda-se a cada um, por exemplo, que “procure saber as condições em que os trabalhadores foram recrutados no caso deste processo ter sido realizado por uma agência privada; e [que] verifique se os documentos dos trabalhadores foram retidos e se eles têm acesso a estes documentos.”

Há muito quem pense que “o tráfico só acontece com pessoas oriundas de países subdesenvolvidos ou com crises humanitárias”, diz Juliana Moya. A realidade, no entanto, é bem mais abrangente. Tem havido cidadãos de países europeus traficados, inclusive de Portugal para Espanha.

O Observatório de Tráfico de Seres Humanos colige os dados. O último relatório anual indica que o número de vítimas sinalizadas triplicou no espaço de um ano. Em 2013, registaram-se 299 casos - 198 relativas à exploração laboral, 185 dos quais para em explorações na agricultura.



Há portugueses recrutados e explorados em Portugal ou em Espanha, mas o acréscimo de sinalizações de tráfico de seres humanos registado no ano passado remete para a exploração, sobretudo, de romenos no labor intensivo dos olivais. A escassez de mão-de-obra para fazer trabalho agrícola atrai ao Alentejo trabalhadores de diversos países. Durante a campanha da azeitona, entre Outubro e Dezembro, pelas herdades passam cerca de 10 mil estrangeiros. Inúmeros produtores recorrem a engajadores, o que os exime de ter vínculo com os trabalhadores.

O site lançado esta terça-feira recomenda especial cuidado com as “agências de trabalho temporário clandestinas que atuam juntamente com redes de tráfico de seres humanos e exploração laboral”. “Não aceite propostas de trabalho veiculadas por agências que não estejam devidamente licenciadas”, lê-se na secção de dicas para trabalhar trabalho de forma segura.

O candidato deve certificar-se de alguns aspectos antes de aceitar uma proposta. Eis um exemplo: “Ao responder a um anúncio, não deve enviar informações ou fotocópias dos meus documentos de identificação e de viagem, nem sobre as suas contas ou cartões bancários - Fornecer estas informações, que são sigilosas, pode colocá-lo numa situação de risco, pois as podem ser divulgadas a terceiras pessoas sem o seu consentimento ou utilizadas de forma indevida.”

Num contexto de fortes fluxos migratórios, há que ser cauteloso até com empregadores que se comprometem a pagar as despesas de deslocação: “O facto de o empregador arcar com estes custos pode criar uma relação de maior dependência e ensejar situações de exploração - posteriormente o empregador poderá usar esta dívida como forma de coacção, cobrando um valor superior àquele que despendeu ou juros que crescem a cada mês, descontando estes valores directamente do ordenado e impedindo que o trabalhador cesse as funções antes de pagar o total da dívida.”



## Quase 300 casos de tráfico humano identificados em 2013



APAV lança campanha contra tráfico humano

 Share 42  Gosto 4  Share 0  +1 0  Tweet 1  Comentar 0

A APAV lança, esta terça-feira, uma campanha nacional de sensibilização para o problema que se tem agravado de ano para ano.

07-10-2014 8:17



Fonte  

### SAIBA MAIS

- Quando a oferta é demais, o desempregado desconfia

Subiu o número de denúncias de tráfico de seres humanos em Portugal. De acordo com o relatório anual do Observatório de Tráfico de Seres Humanos, foram sinalizados, em 2013, quase 300 casos.

Juliana Moya, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), lembra que, apesar de este crime ser ainda "muito oculto", uma vez que "as pessoas sujeitas a exploração ficam em locais escondidos, pouco acessíveis às autoridades", os números revelam um aumento de situações identificadas.

"Em 2013, foram sinalizadas 299 potenciais vítimas de tráfico de seres humanos, o que representa um aumento de 200% em relação ao ano anterior", diz Juliana Moya à **Renascença**.

Segundo a APAV, os dados estatísticos revelam que os mais atingidos por este crime são sobretudo cidadãos vindos de África e do Leste da Europa. "Estas pessoas não são imigrantes, não tomaram a decisão de vir para Portugal em busca de uma vida melhor. São pessoas que foram enganadas e foram parar a uma situação de abuso", explica. Mas também há portugueses vítimas de tráfico de seres humanos, sobretudo, na vertente da exploração laboral.

A APAV lança, esta terça-feira, uma campanha nacional de sensibilização para o problema, com destaque na exploração laboral, para tornar possível o reconhecimento de situações relacionadas com este crime e prevenir situações de risco.



## SOCIEDADE

# Se um anúncio de trabalho é muito bom, talvez seja falso

APAV lança campanha que visa pôr os trabalhadores a questionar ofertas de emprego demasiado boas para serem verdade. Ideia é prevenir vítimas do tráfico de pessoas

Por: Redação / PP | 7 de Outubro às 15:00



Quando uma oferta de trabalho parece demasiado boa para ser verdade é porque, provavelmente, é mentira, alerta a APAV, que hoje lança uma campanha para prevenir que quem procura trabalho não se torne numa vítima do tráfico de pessoas.

O número de vítimas de tráfico de seres humanos sinalizadas em Portugal triplicou no espaço de um ano, tendo sido identificadas em 2013, 299 casos, contra os 81 registados no ano anterior, revelam dados do Relatório Anual do Observatório do Tráfico de Seres Humanos.

Destas, 198 eram relativas à exploração laboral, na sua larga maioria (185) em explorações na agricultura.

Os casos foram registados sobretudo na região do Alentejo e na sua maioria envolviam homens estrangeiros, naturais de países como a Roménia.

Foram ainda registadas 31 situações de portugueses recrutados e explorados em Portugal.

Os dados divulgados, em meados deste ano, foram recuperados hoje pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), no mesmo dia em que é lançada uma campanha de combate ao tráfico de seres humanos.

«O objetivo central da campanha é sensibilizar as pessoas que estão à procura de trabalho para que estejam alerta para o risco do tráfico de seres humanos», disse à agência Lusa Juliana Moya, da Unidade de Apoio à Vítima Migrante da APAV.

Explicou que atualmente ainda há muita gente que acha «que o tráfico só acontece com pessoas oriundas de países subdesenvolvidos e com crises humanitárias».

«Tem havido muitas situações de cidadãos europeus, com habilitações académicas e formação profissional, que são sujeitos a exploração laboral», sublinhou, adiantando que a campanha tem também uma vertente de sensibilização dos empregadores para os riscos poderem ter empregados que estão a ser explorados.



Juliana Moya ressaltou que os números revelam um aumento das situações sinalizadas e não necessariamente do tráfico.

Para 2014, não existem ainda dados que permitam perceber se essa tendência de aumento de sinalização de vítimas se mantém.

«Não se pode dizer que o tráfico tenha aumentado ou diminuído, mas é sempre uma realidade. É uma realidade que nos preocupa porque o tráfico é uma realidade muito dinâmica, praticado por organizações que mudam muito rapidamente o modo de atuação», disse.

Para evitar que cada vez mais pessoas venham engrossar os números do tráfico de seres humanos, a campanha da APAV, que será divulgada nas redes sociais, televisões, imprensa e junto das câmaras municipais, coloca a tónica na importância de os candidatos a um emprego se informarem e questionarem quando respondem a um anúncio.

«Infelizmente as pessoas são levadas por anúncios que são bons demais para ser verdade», disse à agência Lusa Hugo Pinto, da agência Legendary People + Ideas, adiantado que foi desta ideia que partiu toda a campanha.

Além de um filme interativo recriando uma entrevista de emprego e de vários cartazes, foi ainda criado para a campanha o site «Trabalho Já», que tem anúncios de emprego fictícios com a indicação de um email para candidaturas.

Ao candidatarem-se as pessoas recebem uma mensagem automática alertando para esta realidade e são direcionadas para o site [www.naoaotrafico.pt](http://www.naoaotrafico.pt) onde encontram todas as informações da campanha.

«O objetivo é alertar as pessoas para se informarem e questionarem as ofertas de emprego», acrescentou o criativo, explicando que este tipo de anúncio será também colocado em portais de emprego e em jornais diários.





**Renascença**

É tudo o que precisa de ouvir.



NO AR  
**SÓNIA SANTOS**



OUVIR EMISSÃO

ACABOU DE

- Últimas
- País
- Mundo
- Política
- Economia
- Religião
- Cultura
- Saúde e Ciência
- Informação de

## Quando a oferta é demais, o desempregado desconfia



Foto: DR

A APAV lançou uma campanha para alertar quem procura trabalho a não ser enganado por anúncios de emprego fictícios.

08-10-2014 20:07

Share 43

Gosto 0

Share 0

+1 0

Tweet 1

Comentar 0



Fonte



### SAIBA MAIS

- Quase 300 casos de tráfico humano identificados em 2013

Quando uma oferta de trabalho parece demasiado boa para ser verdade é porque, provavelmente, é mentira, alerta a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que lançou, esta terça-feira, uma campanha para prevenir que quem procura trabalho não se torne numa vítima do tráfico de pessoas.

"O objectivo central da campanha é sensibilizar as pessoas que estão à procura de trabalho para que estejam alerta para o risco do tráfico de seres humanos", disse à agência Lusa Juliana Moya, da Unidade de Apoio à Vítima Migrante da APAV.





Fuga de reclusos da prisão de Leiria vai ser alvo de inquérito



Vontade de Brittany em morrer com dignidade cumpriu-se sábado



## Maus-tratos a crianças estão mais sofisticados

DINA MARGATO | 13.10.2014 - 00:46

**Zé, oito anos, andava abatido e mais calado do que era costume. O pai, separado da mãe, notou alterações no seu comportamento. Aparentemente estava tudo bem. Mas não estava. O pai puxou por ele e descobriu.**

Facebook Share 59

Tweetar 15

LinkedIn Share 0

Google+ 0

AA

IMPRIMIR (12)

ENVIAR (4)

(18554)

O castigo da mãe consistia em obrigá-lo a ficar horas ao relento na varanda. Numa das vezes, festejava-se a passagem de ano. As constipações do Zé, nome fictício, oito anos, tinham uma explicação - o frio -, contou o advogado Paulo Edson Cunha.

Segundo a técnica da APAV, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, Elsa Beja, observam-se atos de violência contra crianças cada vez "mais sofisticados".

Leia mais na edição [e-paper](#) ou na edição impressa



SOCIEDADE

# Violência doméstica: vítimas regressam a casa de agressores por falta de apoios

Mulheres com carências económicas recebem um apoio ao arrendamento do Estado e esse dinheiro está a chegar tarde. APAV deixou hoje um alerta

Por: Redação / PP | 20 de Outubro às 13:50

A violência doméstica é uma tragédia com vários contornos. Agora há mais um. Há mulheres que estão a voltar para casa do agressor por causa do atraso dos apoios sociais. Nesta fase frágil de transição para uma vida autónoma, as vítimas com carências económicas recebem um apoio ao arrendamento do Estado e é esse dinheiro que está a chegar tarde.

Sem rede e muitas vezes com filhos menores estas mulheres voltam e correm risco de vida. A Associação de Apoio à Vítima (APAV) relata vários casos em diferentes zonas do país.

Processos falhados que representam risco de vida para as mulheres vítimas de violência doméstica e para os menores envolvidos. A TVI tentou desde quarta-feira passada esclarecer esta situação junto do Governo.

O ministério da Segurança Social delegou responsabilidades na Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, mas este organismo contactado pela TVI informou que a responsabilidade do apoio ao arrendamento é mesmo do ministério.

Até há conclusão desta peça não foi possível ter quais quer esclarecimentos.





## APAV alerta para importância da prevenção do bullying



**A APAV vai assinalar o Dia Mundial do Combate ao Bullying, comemorado hoje, alertando para a importância de prevenir este fenómeno que «deixa grandes marcas na comunidade escolar» e nas vítimas.**

«É um dia de alerta para continuarmos a sensibilizar a combater o bullying e a apoiar as suas vítimas», disse à agência Lusa o presidente da APAV, João Lázaro.

A APAV «vai relembrar mais uma vez a necessidade da prevenção, relativamente aos jovens, deste fenómeno que está a deixar grandes marcas na comunidade escolar e em cada uma das suas vítimas», acrescentou.

Segundo o estudo da Unicef sobre a violência contra crianças "Escondido à vista", com base em dados de 190 países, uma em cada três crianças, com idades entre os 13 e os 15 anos, em todo o mundo são regularmente vítimas de bullying na escola.

João Lázaro sublinhou que é preciso consciencializar a sociedade para esta forma de violência e apoiar as vítimas para que denunciem as situações.

«É claramente uma questão de consciência e de consciencialização social de cada um dos pares, ou seja, haver um controlo social positivo, saudável, entre os alunos, os jovens para que isso não possa acontecer», defendeu.

Passa também por consciencializar os jovens que façam «pressão social», alertando quem faz bullying para o «errado e para as consequências» dos seus atos, frisou.

Mas, defendeu ainda, é preciso sobretudo «dar força a quem é vítima», consciencializando-o de que «não tem de ser vítima» e que, com ajuda, pode acabar com a situação.



## Professores querem secretaria de Estado para combater bullying nas escolas



Like 112

Tweeter 0

+1 0

Share

**A presidente da Associação Nacional de Professores, Paula Carqueja, defendeu hoje a criação de uma secretaria de Estado ou de um gabinete de Apoio à Família como forma de ajudar a luta contra o 'bullying'.**

"Temos de repensar este modelo de sociedade, pensar num modelo de trabalho. Se calhar faz falta uma secretaria de Estado ou um gabinete de Apoio à Família", referiu à Lusa Paula Carqueja a propósito do Dia Mundial do Combate ao 'Bullying'.

Além disso, afirmou a presidente da Associação de Professores, é também preciso repensar os horários laborais dos pais, para que os jovens tenham um maior acompanhamento.

"Cada vez estamos mais fechados (...) em depósitos organizacionais, [estamos] mais tempo no trabalho, mais tempo nas escolas, mais tempo longe e fora de tudo", sublinhou a responsável.

De acordo com Paula Carqueja, é necessário investir ainda no acompanhamento disciplinar nas escolas, com mais psicólogos, assistentes sociais, pais e encarregados de educação, de forma a "alertar para os direitos e deveres [dos cidadãos]".

Para Paula Carqueja, é urgente também a criação nas escolas de um gabinete de Prevenção dedicado aos jovens, até porque os jovens de hoje vão crescer e muita coisa terá de mudar.

"Estamos numa sociedade em que todos nós nos queixamos. Os nossos idosos estão a queixar-se, os professores, os cidadãos. Eles [os jovens] vão crescer e nós envelhecermos e não vai haver uma resposta se não houver esta prevenção", advertiu.

Segundo um estudo da Unicef sobre a violência contra crianças, designado como "Escondido à vista" e feito com base em dados de 190 países, um em cada três adolescentes com idades entre os 13 e os 15 anos, em todo o mundo, são regularmente vítimas de 'bullying' na escola.

Para assinalar a data, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) associou-se ao jovem cantor D8, que vai lançar uma música sobre o tema com o título "Vais conseguir", que fala do que é ser vítima de 'bullying' e como é conviver com essa situação no dia-a-dia de uma escola.

A APAV desenvolveu a campanha "Corta com a Violência", salientando que "o combate ao 'bullying' não é uma tarefa de um dia nem de algumas pessoas, mas de todos os dias e de todas as pessoas".

## APAV contra o 'bullying' através da música

Ação de sensibilização neste Dia Mundial de Combate ao Bullying em parceria com jovem rapper D8

Atualizado em 20 de Outubro, às 15:09

Assinala-se hoje, 20 de Outubro, o Dia Mundial de Combate ao Bullying. O bullying é uma realidade preocupante, para a qual importa sensibilizar. A APAV alia-se ao combate deste tipo de violência, alertando para o seu impacto nas vítimas, seus familiares e amigos.

A maioria das crianças e jovens estabelece relacionamentos positivos com os seus colegas e amigos. Contudo, podem existir situações em que a violência tem lugar, provocando mal-estar, desconforto, medo, vergonha e insegurança na vítima.

Empurrar, dar bofetadas, insultar, humilhar, gritar, gozar e ameaçar são alguns dos comportamentos mais frequentes de quem pratica esta forma de violência, que acontece entre colegas de turma, de escola ou entre pessoas que tenham alguma característica em comum. Mais difíceis de detetar são os comportamentos violentos que não implicam contacto direto entre agressor/a e vítima, como deixar de fora ou excluir das atividades em grupo; difundir (oralmente ou através do recurso às novas tecnologias) rumores ou boatos depreciativos, com conotação racial/étnica, sexual ou de outra ordem.

A agressão psicológica é transversal a todas estas formas de violência, sendo que, formas de violência mais subtis tendem a evoluir para formas de violência mais graves.

Através da sua rede nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima, a APAV presta apoio gratuito e confidencial a vítimas deste tipo de violência, seus familiares e amigos. É também fundamental a ação que a APAV tem vindo a desenvolver na sensibilização e prevenção junto dos alunos nas escolas.

Este ano, o jovem músico D8 associa-se à APAV, sensibilizando para a temática através da música, com o tema "Vais Conseguir (Bullying)".

Para saber mais:

[www.apavparajovens.pt](http://www.apavparajovens.pt)

### Etiquetas

20 de Outubro, APAV, bullying, Dia Mundial de Combate ao Bullying

### Ferramentas

Share

Gosto 1

+1 0

Tweetar 1

0

### Interessante

Achou este artigo interessante?

5

+ a a - a



## "Bullying" é mais conhecido, mas é preciso reforçar prevenção, Confederação de Pais

Actualizado em 20 de Outubro, às 11:48

Lusa

O presidente da Confederação de Pais disse hoje que, embora haja atualmente mais consciência do fenómeno de 'bullying', ainda há quem o confunda com violência, defendendo o reforço dos meios de prevenção e de apoio às vítimas.

"Há mais informação. [Os jovens] estão mais familiarizados, quer da parte do agressor, quer da parte da vítima. Embora não se dê muita importância, ou não se queira pensar que é [caso de bullying]. É como um viciado que não quer acreditar que está viciado, daí a ajuda externa, mas os jovens já têm a noção do que está mal, do que deve ou não deve ser" feito, declarou Jorge Ascensão em declarações à agência Lusa.

Apesar de reconhecer que o 'bullying' ainda pode ser confundido com violência, o presidente da Confederação Nacional das Associações de Pais explicou que toda a sociedade, bem como os jovens, estão já mais bem informados e com "consciência do fenómeno", o que facilita o trabalho de prevenção.

No Dia Mundial do Combate ao Bullying, Jorge Ascensão defendeu ainda a necessidade de um reforço dos meios necessários para a prevenção e apoio às vítimas destes fenómenos nas escolas.

"Há que continuar a reforçar as equipas de técnicos especializados que possam trabalhar nas escolas, com as escolas e com as famílias para ter as condições necessárias para desenvolver o trabalho educativo", defendeu.

Jorge Ascensão adiantou ainda que a CONFAP e outras associações de pais têm vindo a realizar ações de formação e sensibilização sobre o fenómeno para as famílias e profissionais de educação.

"Por vezes passa despercebido às próprias famílias e profissionais de educação aquilo que podem ser sinais de 'bullying'. Uma das ações que deve começar a ser feita e intensificada é a formação e sensibilização para a questão", explicou.

Segundo o estudo da Unicef sobre a violência contra crianças "Escondido à vista", com base em dados de 190 países, uma em cada três adolescentes com idades entre os 13 e os 15 anos, em todo o mundo, são regularmente vítimas de 'bullying' na escola.

Para assinalar a data, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) associou-se também ao jovem cantor D8, que vai lançar uma música sobre o tema com o título "Vais conseguir", que fala do que é ser vítima de 'bullying' e como é conviver com essa situação no dia-a-dia de uma escola.

A APAV desenvolveu a campanha "Corta com a Violência", salientando que "o combate ao 'bullying' não é uma tarefa de um dia nem de algumas pessoas, mas de todos os dias e de todas as pessoas".

### Etiquetas

bullying, Confederação de Pais

### Ferramentas



+ a a a

### Interessante

Achou este artigo interessante?



VIOLÊNCIA

## Uma em cada três crianças é vítima de bullying na escola

por F.A.S. com Lusa 20 outubro 2014 21 comentários



FERRAMENTAS

Gmail  
NetLog  
Facebook  
Google  
Twitter  
Favoritos  
E-mail  
Mais (294)

Fazer login

AddThis

Privacidade

Jovem suicidou-se, e m 2009, após ser vítima de bullying em Braga  
Fotografia © Gonçalo Delgado

**No Dia Mundial de Combate ao Bullying, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) alerta a importância de prevenir este fenómeno que "deixa grandes marcas na comunidade escolar"**

Segundo o estudo da Unicef sobre a violência contra crianças, com base em dados de 190 países, uma em cada três crianças, com idades entre os 13 e os 15 anos, em todo o mundo são regularmente vítimas de bullying na escola.

João Lázaro sublinhou que é preciso consciencializar a sociedade para esta forma de violência e apoiar as vítimas para que denunciem as situações.

"É claramente uma questão de consciencialização social de cada um dos pares, ou seja, haver um controlo social positivo, saudável, entre os alunos, os jovens para que isso não possa acontecer", defendeu.

Passa também por consciencializar os jovens que façam "pressão social", alertando quem faz bullying para o "errado e para as consequências" dos seus atos, frisou.

Mas, defendeu ainda, é preciso sobretudo "dar força a quem é vítima", consciencializando-o de que "não tem de ser vítima" e que, com ajuda, pode acabar com a situação.

O presidente da Confederação de Pais, Jorge Ascensão, defendeu "há mais informação. Os jovens estão mais familiarizados, quer da parte do agressor, quer da parte da vítima. Embora não se dê muita importância, ou não se queira pensar que é [caso de bullying]. É como um viciado que não quer acreditar que está viciado, daí a ajuda externa, mas os jovens já têm a noção do que está mal, do que deve ou não deve ser" disse, em declarações à agência Lusa.





// Portugal

## Professores querem secretaria de Estado para combater 'bullying' nas escolas

Por Agência Lusa  
publicado em 20 Out 2014 - 13:13



Rodrigo Cabrita

Share Like 15 Tweet 0 in Share + Share

**Para Paula Carqueja, é urgente também a criação nas escolas de um gabinete de Prevenção dedicado aos jovens, até porque os jovens de hoje vão crescer e muita coisa terá de mudar**

A presidente da Associação Nacional de Professores, Paula Carqueja, defendeu hoje a criação de uma secretaria de Estado ou de um gabinete de Apoio à Família como forma de ajudar a luta contra o 'bullying'.

"Temos de repensar este modelo de sociedade, pensar num modelo de trabalho. Se calhar faz falta uma secretaria de Estado ou um gabinete de Apoio à Família", referiu à Lusa Paula Carqueja a propósito do Dia Mundial do Combate ao 'Bullying'.

Além disso, afirmou a presidente da Associação de Professores, é também preciso repensar os horários laborais dos pais, para que os jovens tenham um maior acompanhamento.

"Cada vez estamos mais fechados (...) em depósitos organizacionais, [estamos] mais tempo no trabalho, mais tempo nas escolas, mais tempo longe e fora de tudo", sublinhou a responsável.

De acordo com Paula Carqueja, é necessário investir ainda no acompanhamento disciplinar nas escolas, com mais psicólogos, assistentes sociais, pais e encarregados de educação, de forma a "alertar para os direitos e deveres [dos cidadãos]".

Para Paula Carqueja, é urgente também a criação nas escolas de um gabinete de Prevenção dedicado aos jovens, até porque os jovens de hoje vão crescer e muita coisa terá de mudar.

"Estamos numa sociedade em que todos nós nos queixamos. Os nossos idosos estão a queixar-se, os professores, os cidadãos. Eles [os jovens] vão crescer e nós envelhecermos e não vai haver uma resposta se não houver esta prevenção", advertiu.

Segundo um estudo da Unicef sobre a violência contra crianças, designado como "Escondido à vista" e feito com base em dados de 190 países, um em cada três adolescentes com idades entre os 13 e os 15 anos, em todo o mundo, são regularmente vítimas de 'bullying' na escola.

Para assinalar a data, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) associou-se ao jovem cantor D8, que vai lançar uma música sobre o tema com o título "Vais conseguir", que fala do que é ser vítima de 'bullying' e como é conviver com essa situação no dia-a-dia de uma escola.

A APAV desenvolveu a campanha "Corta com a Violência", salientando que "o combate ao 'bullying' não é uma tarefa de um dia nem de algumas pessoas, mas de todos os dias e de todas as pessoas".

\*Este artigo foi escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico

COLECÇÃO BIOGRAFIAS  
VIDAS COM HISTÓRIA  
1 de NOVEMBRO

Obama  
PRESIDENTE DOS E.U.A.

TODOS OS  
SÁBADOS  
COM O SEU  
JORNAL i

5€

PUB





Pinterest

O i já está no Pinterest!

Procure o iOnline no Pinterest e siga-nos.

PUB

// Portugal

## Dia do Combate ao Bullying. APAV alerta para importância da prevenção

Por Agência Lusa  
publicado em 20 Out 2014 - 08:44



Share Like 178 +1 0 Tweet 0 in Share 16 Share 2

**João Lázaro sublinhou que é preciso consciencializar a sociedade para esta forma de violência e apoiar as vítimas para que denunciem as situações**

A APAV vai assinalar o Dia Mundial do Combate ao Bullying, comemorado hoje, alertando para a importância de prevenir este fenómeno que "deixa grandes marcas na comunidade escolar" e nas vítimas.

"É um dia de alerta para continuarmos a sensibilizar a combater o bullying e a apoiar as suas vítimas", disse à agência Lusa o presidente da APAV, João Lázaro.

A APAV "vai relembrar mais uma vez a necessidade da prevenção, relativamente aos jovens, deste fenómeno que está a deixar grandes marcas na comunidade escolar e em cada uma das suas vítimas", acrescentou.

Segundo o estudo da Unicef sobre a violência contra crianças "Escondido à vista", com base em dados de 190 países, uma em cada três crianças, com idades entre os 13 e os 15 anos, em todo o mundo são regularmente vítimas de bullying na escola.

João Lázaro sublinhou que é preciso consciencializar a sociedade para esta forma de violência e apoiar as vítimas para que denunciem as situações.

"É claramente uma questão de consciência e de consciencialização social de cada um dos pares, ou seja, haver um controlo social positivo, saudável, entre os alunos, os jovens para que isso não possa acontecer", defendeu.

Passa também por consciencializar os jovens que façam "pressão social", alertando quem faz bullying para o "errado e para as consequências" dos seus atos, frisou.

Mas, defendeu ainda, é preciso sobretudo "dar força a quem é vítima", consciencializando-o de que "não tem de ser vítima" e que, com ajuda, pode acabar com a situação.

João Lázaro adiantou que ainda "há claramente muito medo de denunciar" estes casos, uma situação que poderá mudar, através de apoio dado nas escolas, de um trabalho de mediação e "do próprio conhecimento por parte das estruturas organizativas das escolas" destas situações.

No entanto, segundo o responsável, já começam a chegar à APAV algumas denúncias, sendo as "mais gravosas" feitas pelos pais.

No Dia Mundial de Combate ao Bullying, associação vai também "relembrar todo o trabalho de prevenção" que está a ser realizado nas escolas pela associação e por outras organizações e lembrar os jovens de que no site "APAV para jovens" têm informação sobre este tipo de violência.

Essa informação pode ser procurada de uma "forma confidencial" no site ([www.apavparajovens.pt](http://www.apavparajovens.pt)), "que dá informações sobre como compreender o fenómeno e como o jovem pode lidar com ele", sublinhou João Lázaro.

Para assinalar a data, a APAV associou-se também ao jovem cantor D8 que vai lançar uma música sobre o tema, com o título "Vais conseguir", que fala do que é ser vítima de bullying e como é conviver com essa situação no dia-a-dia de uma escola.

A APAV desenvolveu a campanha "Corta com a Violência", salientando que "o combate ao Bullying não é uma tarefa de um dia nem de algumas pessoas, mas de na comunidade escolar" e nas vítimas.

"É um dia de alerta para continuarmos a sensibilizar a combater o bullying e a apoiar as suas vítimas", disse à agência Lusa o presidente da APAV, João Lázaro.

Para assinalar a data, a APAV associou-se também ao jovem cantor D8 que vai lançar uma música sobre o tema, com o título "Vais conseguir", que fala do que é ser vítima de bullying e como é conviver com essa situação no dia-a-dia de uma escola.

A APAV desenvolveu a campanha "Corta com a Violência", salientando que "o combate ao Bullying não é uma tarefa de um dia nem de algumas pessoas, mas de na comunidade escolar" e nas vítimas.

JÁ CONHECE A NOSSA NOVA LOJA ONLINE?

PACKS ODISSEIAS  
FUGAS, AVENTURA, GOURMET E MUITO MAIS!



PUB



PUB



PUB





ESCOLAS

## APAV comemora esta segunda-feira o Dia Mundial do Combate ao Bullying

20/10/2014, 7:04

Partilhe    

A APAV vai assinalar esta segunda-feira o Dia Mundial do Combate ao Bullying, alertando para a importância de prevenir este fenómeno que "deixa grandes marcas na comunidade escolar" e nas vítimas.



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) vai assinalar o Dia Mundial do Combate ao Bullying, comemorado esta segunda-feira, alertando para a importância de prevenir este fenómeno que "deixa grandes marcas na comunidade escolar" e nas vítimas.

"É um dia de alerta para continuarmos a sensibilizar a combater o bullying e a apoiar as suas vítimas", disse à agência Lusa o presidente da APAV, João Lázaro.

A APAV "vai relembrar mais uma vez a necessidade da prevenção, relativamente aos jovens, deste fenómeno que está a deixar grandes marcas na comunidade escolar e em cada uma das suas vítimas", acrescentou.

Segundo o estudo da Unicef sobre a violência contra crianças "Escondido à vista", com base em dados de 190 países, uma em cada três crianças, com idades entre os 13 e os 15 anos, em todo o mundo são regularmente vítimas de bullying na escola.

João Lázaro sublinhou que é preciso consciencializar a sociedade para esta forma de violência e apoiar as vítimas para que denunciem as situações.

"É claramente uma questão de consciência e de consciencialização social de cada um dos pares, ou seja, haver um controlo social positivo, saudável, entre os alunos, os jovens para que isso não possa acontecer", defendeu.

Passa também por consciencializar os jovens que façam "pressão social", alertando quem faz bullying para o "errado e para as consequências" dos seus atos, frisou.

Mas, defendeu ainda, é preciso sobretudo "dar força a quem é vítima", consciencializando-o de que "não tem de ser vítima" e que, com ajuda, pode acabar com a situação.

FAMÍLIA

## “Bullying” é mais conhecido, mas é preciso reforçar prevenção, Confederação de Pais

20/10/2014, 14:33

Partilhe    

Apesar de haver cada vez mais informação e alertas para a prática de ‘bullying’, a Confederação de Pais diz ser necessária mais prevenção e apoio às vítimas.



Bullying: é preciso mais prevenção  
LUÍS FORRA/LUSA

### ÚLTIMAS / PAÍS

[Direito de Coimbra criticada por impedir debate](#)  
10:34

[Mulher ferida pelo metro do Porto em Contumil](#)  
10:28

[Homem atingido mortalmente no pescoço em Amarante](#)  
09:27

[Portugal mantém lugar 27 no Índice de Prosperidade](#)  
09:06

[Olha, amanhã chega o frio e a neve](#)  
08:24

[Dois jovens fugiram da prisão por um buraco](#)  
07:50

[Furtada estátua do memorial a vítimas de Alcaface](#)

O presidente da Confederação de Pais disse, nesta segunda-feira, que, embora haja atualmente mais consciência do fenómeno de ‘bullying’, ainda há quem o confunda com violência, defendendo o reforço dos meios de prevenção e de apoio às vítimas.

“Há mais informação. [Os jovens] estão mais familiarizados, quer da parte do agressor, quer da parte da vítima. Embora não se dê muita importância, ou não se queira pensar que é [caso de bullying]. É como um viciado que não quer acreditar que está viciado, daí a ajuda externa, mas os jovens já têm a noção do que está mal, do que deve ou não deve ser” feito, declarou Jorge Ascensão em declarações à agência Lusa.

Apesar de reconhecer que o ‘bullying’ ainda pode ser confundido com violência, o presidente da Confederação Nacional das Associações de Pais explicou que toda a sociedade, bem como os jovens, estão já mais bem informados e com “consciência do fenómeno”, o que facilita o trabalho de prevenção.

No Dia Mundial do Combate ao Bullying, Jorge Ascensão defendeu ainda a necessidade de um reforço dos meios necessários para a prevenção e apoio às vítimas destes fenómenos nas escolas. “Há que continuar a reforçar as equipas de técnicos especializados que possam trabalhar nas escolas, com as escolas e com as famílias para ter as condições necessárias para desenvolver o trabalho educativo”, defendeu.

Jorge Ascensão adiantou ainda que a CONFAP e outras associações de pais têm vindo a realizar ações de formação e sensibilização sobre o fenómeno para as famílias e profissionais de educação. “Por vezes passa despercebido às próprias famílias e profissionais de educação aquilo que podem ser sinais de ‘bullying’. Uma das ações que deve começar a ser feita e intensificada é a formação e sensibilização para a questão”, explicou.



## APAV defende criminalização do "bullying"



Áudio Isabel  
Pacheco - Bullying  
nas escolas

Share 11 Gosto 2 Share 3 +1 3 Tweet 3 Comentar 2

A associação lamenta o que diz ser a inação política no combate ao fenómeno que afecta uma em cada três crianças em todo o mundo.

20-10-2014 7:10

Fonte

### SAIBA MAIS

- O seu filho não quer ir à escola? Atenção porque pode ser vítima de bullying

Criminalizar o "bullying" é a solução apontada pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) para um fenómeno que é crescente nas escolas portuguesas.

Apesar de este ser "um assunto que já está em debate há algum tempo", condenar legalmente os casos de práticas violentas intencionais e repetidas "não é uma decisão fácil",

admite coordenadora do pólo de formação da APAV no Porto, Rosa Saavedra. Ainda assim, é a solução apontada para combater o problema.

De acordo com esta responsável da APAV, promover a mediação escolar e introduzir uma articulação com o trabalho comunitário podem ser formas de mediar a criminalização.

Rosa Saavedra lamenta "a inação política" no sentido de criminalizar o fenómeno que regista um aumento de denúncias em Portugal.

Segundo um estudo da Unicef, com base em dados de 190 países, em cada três crianças, com idades entre os 13 e os 15 anos, em todo o mundo, uma é regularmente vítima de "bullying" na escola.

No Dia Mundial do Combate ao Bullying, comemorado esta segunda-feira, a **Renascença** foi até ao universo escolar para perceber como lidar com este tipo de práticas violentas repetidas. Segundo o director da secundária de Maximinos, em Braga, precaver e debelar casos de bullying não é fácil, o segredo está na atenção redobrada aos sinais.

Consultor Renascença

ESTE É O KIA  
CEED SW prime

> SAIBA MAIS

ESTE É O KIA  
RIO more

KIA  
The Power to Surprise

### EM DESTAQUE

OE 2015

#### Orçamento da saúde num minuto

Timor ordena expulsão em 48 horas de magistrados portugueses

Crime passionai mata três portugueses na Suíça

Castigo por falar português foi "um caso pontual"

Durão Barroso. Uma homenagem "justíssima" contestada

Aberto inquérito à fuga de dois reclusos em Leiria

Portugal entre os países europeus com pior classificação na área da Educação

### Sugestão Sapo



com um depósito de combustível  
tel.sapo.pt  
(há 3 horas)



China testa com êxito sistema e laser para abater drones que voam a baixa altitude  
noticias.sapo.pt  
(há 10 horas)



Jogador português suspenso por 50 anos desporto.sapo.pt  
(há 2 dias)



Especialista insiste que "não há casamentos irrecuperáveis"  
rr.sapo.pt  
(há 4 dias)



Notícias: Renée Zellweger pode deixar de ser Bridget Jones... e já tem substituta cinema.sapo.pt  
(há 6 horas)



SOCIEDADE

## Bullying: «Perguntava-me se o problema era meu, se o problema era deles...»

Esta segunda-feira assinala-se o Dia Mundial de Combate ao Bullying. A TVI24 falou com algumas vítimas. Recorde ainda os casos mais mediáticos

Por: Redação / Sofia Santana | 20 de Outubro às 19:33

Simule o seu Seguro Auto  
Simule já o seu Seguro Automóvel e tenha 6 Semanas de Seguro Grátis!  
● ○



Desde o primeiro ao 12º ano, Maria (nome fictício) sempre teve problemas nas turmas que integrou. «Estavam sempre a gozar comigo. Porque era muito calada, por causa das minhas roupas, qualquer coisa que eu levava era logo comentada e gozada... Uma vez, numa aula de teatro, atiraram-me com uma cadeira. Não foi a brincar», recorda.

Agora com 22 anos, diz que não pensa nisso, uma vez que é «passado». Mas na altura confessa que teve mesmo de recorrer à ajuda de um psicólogo.

«Perguntava-me se o problema era meu, se o problema era deles... Chorava. Sentia necessidade de desabafar», revela à TVI24.

Apesar do gozo de que era alvo, sobretudo por parte de colegas rapazes, a jovem salienta que nunca deixou de ir à escola por causa disso, sobretudo graças ao apoio do seu núcleo familiar. Mas por que razão a jovem, na altura criança e adolescente, era gozada daquela forma, de forma repetida e continuada? Ainda hoje, não encontra um motivo concreto.

«Cada um tem a sua personalidade. Eu era muito introvertida, calada e nunca gostei muito de seguir a carneirada», conta.

Maria, que estudou num colégio privado de Lisboa durante esses 12 anos, recorda ainda o caso de um colega que também era alvo do mesmo tipo de agressões verbais, «por ser mais gordinho e por ser o melhor aluno da turma».

Se Maria considera que o ambiente do colégio privado possa ter ajudado a fomentar algum tipo de preconceitos, o caso de Isabel, que sempre frequentou o ensino público, sugere que a violência escolar é independente do facto de o estabelecimento de ensino ser privado ou público.

Durante a infância, Isabel, agora com 20 anos, sofria muitas crises de asma. Por isso, tomava cortisona frequentemente, o que contribuiu para que fosse uma criança com um peso acima do normal e alvo de gozo por parte dos colegas.

«Chamavam-me gorda, badocha, bola, tudo o que se possa imaginar», refere.

Usar calções ou vestidos no verão não era uma hipótese. Desabafar com alguém sobre o assunto, muito menos. «Não queria ser vista como uma pessoa fraca ou mimada», explica.

Os episódios de agressões verbais e exclusão, porque era posta frequentemente de parte das brincadeiras, aconteceram durante dois anos, do 5º ao 6º ano. Depois, mudou de escola e tornou-se «uma pessoa diferente».

«Comecei a integrar-me na Associação de Estudantes, a dar-me com pessoas mais velhas e tornei-me mais popular. Claro que havia sempre comentários, mas passaram a respeitar-me mais», explica.

Uma popularidade que utilizou como armadura para enfrentar os complexos em relação ao peso e afastar as alcunhas e o gozo.



**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.** DESDE O INÍCIO DO ANO JÁ MORRERAM 30 MULHERES EM PORTUGAL

# ERA TUDO PERFEITO ATÉ ELE A ESPANCAR

Na madrugada de domingo, um homem matou a mulher e uma filha, e feriu a outra com gravidade. Conheça a história de quatro vítimas que viveram um inferno dentro de casa e sobreviveram para o contar. Por **Rita Garcia**

Desde Janeiro, 37  
mulheres sobrevi-  
veram a tentativas  
de homicídio em  
situação de violên-  
cia doméstica





ALEXANDRE AZEVEDO

**O**s primeiros gritos ouviram-se perto da 1h no 2º esquerdo de um prédio da Urbanização Encosta do Sol, em Soure, distrito de Coimbra. Nos últimos tempos, o casal costumava discutir, mas nada que se parecesse com o conflito da madrugada de segunda-feira, 20 de Outubro. Um vizinho aproximou-se da porta, quis saber o que se passava e os ânimos acalmaram. Mas uma hora depois a violência voltou. Quando os outros moradores chamaram ajuda, pouco antes da 1h30, já não foram a tempo de salvar Fernanda Ferreira, 47 anos, e a filha mais velha, de 16. As duas foram assassinadas à facada pelo marido e pai, respectivamente. A miúda mais nova, de 13, sobreviveu no limite, com três facadas profundas no tórax. O pai foi detido.

Na vizinhança, a família era tida como pacata: ele mais reservado do que ela, davam-se pouco com os outros. Mas nada fazia prever o cenário que GNR e Bombeiros encontraram. Depois de gritarem por ajuda durante algum tempo junto à porta de casa, trancada, a mãe e a filha mais velha deixaram de se ouvir. As autoridades encontraram-nas no chão, já sem vida. A mulher tinha facadas no peito, no abdómen, nos braços e nas pernas; a adolescente na barriga e no tórax. O silêncio da casa só era quebrado por sussurros vindos da sala: "Socorro... Socorro..."

Com o agressor preso no quarto, a terceira vítima foi socorrida. Tinha três golpes profundos no peito e um pulmão perfurado. Corria risco de vida. Os bombeiros taparam as feridas com compressas e levaram-na para a ambulância onde uma equipa médica do INEM a estabilizou e entubou. Entrou no Hospital Pediátrico de Coimbra para ser operada e, na terça-feira, estava a melhorar na Unidade de Cuidados Intensivos. O pai recebeu tratamento no Serviço de Observação dos Hospitais da Universidade de Coimbra, sob detenção. Teve alta na madrugada de terça e foi

**A** mãe de Helena foi morta a tiro de caçadeira por um namorado. Ela já teve mais do que uma relação violenta



#### Palito

Manuel Baltazar matou a sogra e uma tia a tiro, e feriu a ex-mulher e a filha, em Valongo dos Azeites. Nunca aceitou o divórcio litigioso. Andou fugido 34 dias. Está preso

**UMA MIÚDA DE 13 ANOS FOI A ÚNICA SOBREVIVENTE DO CRIME DO PAI. VIU-O MATAR A MÃE E A IRMÃ**

**P****Helena**, 26 anos, envolveu-se com um homem mais velho que a punha a chorar para a fortalecer. Ao fim de um tempo, começou a bater-lhe. Ao fim de um ano e meio, ela terminou o namoro. Ele voltou meses depois com um jerricã de gasolina para a regar. Ela fugiu no limite. O agressor continua desaparecido.

levado por agentes da Polícia Judiciária.

Além dele, só a filha mais nova poderá contar o que se passou naquela noite. A jovem terá de viver com a memória de ver o pai matar parte da família. Não é caso único. De acordo com o Observatório das Mulheres Assassinadas (OMA), até 30 de Setembro, 30 mulheres foram mortas num contexto de violência doméstica e 37 sobreviveram a tentativas de homicídio por parte dos maridos, namorados, companheiros ou familiares próximos. A SÁBADO conta-lhe a história de quatro vítimas que só não morreram por um triz.

#### O dia em que o pai quis matar toda a família

A festa do Dia da Criança tinha sido boa e aquele cachorro estava tão saboroso que a miúda mais nova perguntou ao pai se queria provar. "Nem cachorro, nem cão, nem cadela", respondeu furioso, mandando a mulher e os três filhos para o quarto da mais velha. Ordenou que se sentassem na cama, tirou do bolso uma faca de matar e gritou: "Vou-vos matar!" Ergueu a navalha e tentou espetá-la no crânio da adolescente de 15 anos. Detestava-a desde que ela começara a denunciá-lo à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ) de cada vez que ele batia na mãe. A "porca linguaruda", como lhe chamava, seria a primeira a morrer.

Maria, 39 anos, nunca pensou que o marido concretizasse as ameaças que fazia há algum tempo, mas quando o viu avançar com uma navalha percebeu que era a sério. Lutou para defender a filha e atirou-lhe a faca ao chão. "Pisei-a com o pé e pedi ajuda à minha



filha, mas ela estava em choque. Não reagiu. Entretanto, ele mordeu-me no peito e não aguentei mais. Ele apanhou a arma", diz à SÁBADO.

Tentou agarrar a faca de novo, mas fraquejou quando sentiu o primeiro corte profundo num dedo. "Sentei-me e ele veio para me acertar no coração. Ainda espetou um bocadinho mas foi de raspão." A filha mais velha só gritava. Os pequenos, de 10 e 6 anos, continuavam em cima da cama. Maria pediu ao marido que os deixasse sair, a discussão era entre os dois. Ele não deu hipótese.

Sempre que o marido investia, Maria dava-lhe pontapés na barriga: fora operado ao estômago anos antes, tinha ali um ponto fraco. As facadas nas pernas sucederam-se: junto à canela um golpe grave, dois mais acima e um na virilha que, por milímetros, não foi fatal. No meio da confusão, os dois miúdos mais novos fugiram e chamaram ajuda. Maria só foi à janela pedir socorro depois de levar nove facadas. O marido lavou o sangue e fugiu. Foi detido três dias depois, a passear no centro de uma localidade do Norte do País, como se nada tivesse acontecido.

### Desemprego tornou-o mais violento

O primeiro semestre de 2014 foi o mais negro dos últimos 10 anos em matéria de violência doméstica. Apesar de dramáticos, os números não surpreendem a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). "O grande nível de desemprego e a diminuição do poder económico criaram instabilidade nas relações. Daí ao conflito foi rápido. Em famílias com casos de violência doméstica, as pessoas convenceram-se de que não conseguiam sair do problema e não pediram ajuda", diz à SÁBADO Luísa Waldherr, psicóloga da instituição. "A tensão aumenta e chega-se a uma altura em

### O MARIDO DE MARIA MANDOU-A SENTAR-SE COM OS FILHOS NUMA CAMA: QUERIA ESFAQUEÁ-LOS ATÉ À MORTE

1 O marido de uma dentista matou-a no consultório que ela tinha na Rua Augusta, em Lisboa

2 Em Soure, um homem matou a mulher e uma filha e feriu a outra. Não tinha antecedentes

## Os números da violência

Mais de 25 mil vítimas fazem queixa por ano



Fonte Relatório anual de monitorização da Violência Doméstica 2013, Direcção-Geral da Administração Interna

F.R.

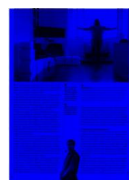
que o homicídio é a conclusão", explica.

Em casa de Maria foi assim. O casal vivia em união de facto há alguns anos e, à excepção de um estalo que Maria desvalorizara, não havia agressões. Quando os dois ficaram desempregados e foram chamados para frequentar o programa Novas Oportunidades, ela teve mais sucesso do que ele. O inferno começou aí e piorou quando ela arranhou emprego.

"Todas as noites, quando eu chegava a casa, ele discutia comigo porque [dizia que] eu tinha amantes. Era contra eu trabalhar", explica. Controlava-a à porta do trabalho, inspecionava-lhe o telemóvel. "Um dia eu estava a fazer o jantar e ele disse que eu mandava







FOTOS ALEXANDRE AZEVEDO

mensagens para o meu amante. Tentou tirar-me o telefone, bateu-me, rebentou-me o nariz. Caí ao chão, bati com a cabeça", conta. Os miúdos procuraram separá-los. O do meio acabou ferido.

Noutra ocasião, levou tantos murros e pontapés que foi trabalhar com os lábios marcados. Noutra ainda dormiu na rua, numa noite fria e chuvosa, para escapar a um ataque com uma faca. "Quando me viu toda pisada, a dona da fábrica perguntou-me se não tinha estricnina em casa", recorda. Apesar das agressões graves, Maria nunca pensou matar o marido.

Dessas três vezes, fez queixa à GNR e foi observada por um especialista do Instituto de Medicina Legal – tal como o filho. Mas, mais tarde, Maria negava tudo e isso fragilizava a investigação. Dos 15.311 inquéritos abertos pelo Ministério Público relativos a violência doméstica entre 2012 e Julho de 2014, 76,3% foram arquivados, quase sempre por falta de prova, segundo o mais recente Relatório Anual de monitorização da Violência Doméstica da Direcção-Geral da Administração Interna (DGAI).

Maria escapou por pouco: foi conduzida a um hospital da região em risco de vida. Sobreviveu, mas não voltou a casa. Entrou com os filhos numa das 37 casas-abrigo existentes no País para acolher estas vítimas. Esteve lá um mês a recuperar das lesões e do choque. Depois foi transferida para outra casa. Por motivos de segurança, ninguém da família sabe onde estão: O marido está preso preventivamente e isso deixa-os mais tranquilos. Mas nem sempre é assim.

O agressor de Helena, 26 anos, está desaparecido desde a noite em que quis regá-la com gasolina. Os dois conheceram-se quando trabalhavam num turismo rural. No início, não houve atracção: ele tinha mais 17 anos do que ela e não era bonito. Mas tratava-a tão bem que ela se deixou seduzir. Helena contou-lhe a sua história: passara parte da vida em instituições; a

**1** Depois de a agredir, o marido de Madalena obrigava-a a ter relações sexuais. A filha chegava a deitar-se na cama com ela para a proteger

**2** Nelson Ribeiro, da PSP, alerta para a facilidade que os agressores têm em conseguir armas

**P** Madalena, 43 anos, foi levada pelo marido para um descampado. Durante hora e meia, ele gritou-lhe aos ouvidos: "Mato-te os miolos!" Ameaçava ir ao porta-bagagens buscar a caçadeira que todas as noites punha debaixo da cama para a assustar. Até hoje não sabe como escapou daquela situação.

mãe, já recuperada de um problema com drogas, fora assassinada por um namorado com um tiro de caçadeira. "O que a mulher viveu na sua própria família pode ser importante. Uma pessoa que viu baterem na mãe tem mais tolerância às agressões", diz à SÁBADO a socióloga Cláudia Casimiro que há mais de 10 anos investiga o fenómeno. Helena nem vivia com a mãe na altura, mas teve mais do que uma relação violenta.

### Torturava-a para a fortalecer

Primeiro foi um namorado com quem trocava estalos e empurrões. Estiveram juntos um ano. Depois, ela terminou o curso universitário, mudou de cidade e conheceu o homem de 43 anos com quem se envolveu. Na fase da conquista, havia jantares românticos, assim que se juntaram os conflitos cresceram. Uma vez, logo no início, ele esteve toda a manhã a ofendê-la: "Dizia que eu abria as pernas para qualquer um. Não aguentei e comecei a chorar. Continuou mais 20 minutos e depois pediu desculpa, disse que aquilo era para me fortalecer."

Helena desvalorizou todos os sinais de alarme: não reagiu quando ele a afastou dos amigos e da família, habituou-se a que ele lhe vigiasse cada passo e quisesse ler as conversas que ela tinha no Facebook. Além disso, deu pouca importância à primeira vez que ele lhe apertou o pescoço. "Tinha sempre esperança de que ele mudasse", reconhece. A solução para todos







Destaque

## Períodos críticos

Agosto é o pior mês do ano, e 2ª feira o dia em que há mais participações por violência doméstica



Fonte Relatório anual de monitorização da Violência Doméstica 2013, Direcção-Geral da Administração Interna

F.R.



ALEXANDRE AZEVEDO

Os problemas, dizia ele, era ter um filho. "Acreditei, deixei de tomar a pílula e estivemos um ano a tentar. Graças a Deus não aconteceu nada."

Em casa de Helena, o padrão era igual ao de tantas outras mulheres agredidas por maridos ou namorados. "Há um ciclo de violência. Depois de uma agressão, ela fica triste e zangada, ele pede desculpa e entram na chamada lua-de-mel. Passado algum tempo volta a tensão e há uma nova agressão", explica Luísa Waldherr, da APAV. Os episódios tornam-se mais frequentes e violentos, e a auto-estima das vítimas resente-se. "As mulheres esgotam todas as possibilidades de manutenção da relação. São muito raras as que saem à primeira agressão", acrescenta Elisabete Brasil, coordenadora OMA, da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR).

Helena também não o fez. O namorado foi despedido depois de uma discussão tão violenta que obrigou a chefe a chamar a polícia. E não descansou enquanto ela não deixou aquele trabalho: desvalorizava o que ela fazia e passou a bater-lhe no fim das discussões. "Tinha estado numa tropa de elite. Dizia que sabia atacar sem deixar marcas", conta à SÁBADO. Os hematomas provocados por murros na cabeça ficavam escondidos pelo cabelo.

Ao fim de ano e meio de tortura física e psicológica, Helena pôs fim à relação. "As vítimas mais jovens, com 20 ou 30 anos, que estão num relacionamento há dois ou três e começam a ser maltratadas pedem ajuda. As mais antigas, se viram a mãe e a avó sofrer o mesmo, consideram isso natural", diz Luísa Waldherr. Algumas só dão o alerta quando percebem que correm perigo de vida, outras não o fazem a tempo.

Para Helena, as ameaças começaram com a separação, no início deste ano. "Ele levou-me um disco externo e dizia que ia fazer montagens pornográficas com fotos minhas para pôr na Internet. Jurava que um

Depois de três dias internada, Maria foi para uma casa-abrigo com os filhos. Hoje vive noutra. Ninguém da família sabe onde

S



Mais

em [sabado.pt](http://sabado.pt)

Veja os testemunhos destas quatro vítimas de violência doméstica a partir de 25 de Outubro

O NAMORADO DE HELENA DIZIA QUE APRENDERIA NA TROPA DE ELITE A BATER SEM DEIXAR MARCAS

P

Maria, 39 anos, chegou a ser feliz com o marido. Depois foi estudar e ele nunca lhe perdoou. Começou a dar-lhe tarefas. Ela escondia, mas a filha mais velha faltava à escola para denunciar. Um dia ele quis matar todos à facada. Os mais pequenos escaparam e pediram socorro.

dia eu chegava a casa e tinha uma surpresa, estava tudo morto. Ele tinha uma [pistola] Colt", conta à SÁBADO. Passou a ter medo de ir à rua sozinha.

Depois, de um momento para o outro, o ex-namorado comunicou-lhe que ia mudar para uma cidade a mais de 200 quilómetros. De vez em quando, telefonava. "Queria ser meu confidente", recorda. Helena descansou quando soube que ele tinha outra mulher, e nem desconfiou do convite para jantar que recebeu meses depois. O ex-namorado ia ter com um amigo que vivia perto dela. Os dois iam abrir um negócio e ele tinha uns papéis para lhe entregar. Porque é que não se reviam? De acordo com a DGAI, 20% das vítimas de violência doméstica são atacadas depois da separação. Helena não sabia.

### Nunca pensou que as ameaças fossem a sério

Apanhou o ex-namorado a alguma distância da paragem das camionetas e guardou a mala no porta-bagagens sem ver o que tinha lá dentro. Escolheram um restaurante simpático. Ele bebeu muito vinho verde, ela não — ia trabalhar mais tarde. Descontraída, contou-lhe que mudara de casa e fizera novos amigos. Os comentários dele foram enigmáticos: "Não vale a pena fazeres despesas, não vais ficar lá muito tempo. Vais ficar sem esses amigos brevemente." Não fez perguntas para evitar conflitos.

No fim do jantar, foram ao encontro do tal amigo. Helena seguiu as indicações e parou num local onde





ALEXANDRE AZEVEDO

**P** **Eduarda**, 48 anos, suportou agressões brutais com medo das dificuldades financeiras que passaria depois de denunciar o marido, agente da PSP. Só fez queixa formal depois de descobrir que ele agredira duas das três filhas. Foi várias vezes espancada até ficar inconsciente. No hospital, arranjava uma desculpa.

passavam poucos carros. O tempo passava e ninguém aparecia. O ex-namorado estava nervoso, fumava cigarro atrás de cigarro e não guardava o isqueiro no bolso como de costume. A certa altura, Helena disse que tinha de ir. Ele anunciou que ia à bagageira tirar os tais papéis, mas voltou sem nada na mão. Antes de se sentar, pôs um objecto no chão, fora do carro. "Ouvi qualquer coisa a desenroscar. Saí e vi um jerricã de gasolina aberto, pronto para ser entornado. A minha reacção foi tentar apanhar aquilo, tapar e pôr na mala do carro fechado à chave", diz à **SÁBADO**. "Ainda pensei que fosse só para me assustar."

Helena quis pôr o carro a trabalhar e fugir, mas o ex-namorado tirou-lhe a chave e obrigou-a a fechar as portas. Transfigurou-se de um momento para o outro. "Começou a dar-me murros na cara e onde me apanhava, e disse: 'Vou dar-te o mesmo destino que deram à tua mãe, mas vou dizer-te porque vais morrer'", lembra. "Abri a porta, tentei fugir só que ele agarrou-me e deu-me mais pancada."

Para o acalmar, Helena prometeu-lhe que voltava para ele e conseguiu uma trégua. "Como estava bêbedo, os reflexos não estavam bons. Abri a porta e comecei a correr até à estrada. Parei um carro em andamento, entrei e disse: 'Avança que ele quer matar-me.' Entretanto ele subiu para o capô, partiu os vidros ao murro. O rapaz ficou assustado e passados uns metros disse: 'Vais ter de sair porque o carro não é meu.'" Helena tentou entrar noutro carro, sem sucesso. Só lhe restou correr e ligar à irmã a pedir ajuda.

Acabou a noite na PSP, a fazer queixa. Durante horas, recebeu telefonemas ameaçadores. No dia seguinte, os

**A** O marido de Eduarda chegou a atirar-lhe um sofá acima. Dava-lhe sovas tão grandes que a deixavam de cama vários dias



#### Dentista

Marcos Camargo não aceitou o pedido de divórcio de Luana. Foi ao consultório onde ela era dentista, matou-a à facada e saiu para a Rua Augusta, em Lisboa

**HELENA NÃO DEU IMPORTÂNCIA QUANDO O NAMORADO LHE APERTOU O PESCOÇO PELA PRIMEIRA VEZ**

técnicos da APAV avaliaram o risco que ela corria e explicaram-lhe que estaria mais segura numa casa-abrigo longe do local onde vivia. Até hoje, o agressor não foi encontrado pela polícia. Helena cumpre as recomendações que lhe foram feitas pela equipa que lhe traçou um plano de segurança.

Em Novembro, entrará em vigor um novo modelo de avaliação de risco. O objectivo é convencer as mulheres da importância de o respeitarem. Devem evitar os locais onde o agressor se movimenta, alterar rotinas e, muitas vezes, recomeçar a vida longe. Resistir a tais conselhos pode implicar a morte.

#### Uma hora e meia de tortura

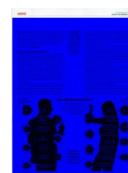
Madalena nunca mais percorreu os mesmos caminhos desde que deixou o marido. Sabia que, se a encontrasse, ele não desperdiçaria uma nova oportunidade para a matar. Há mais de 20 anos que Madalena, hoje com 43, era vítima de violência. Primeiro, foi a tortura psicológica. "Dizia-me: 'És uma puta, não vales nada, mostras-te aos outros e escondes-te do teu marido na cama'", conta a própria à **SÁBADO**.

Quando se conheceram, Madalena trabalhava numa loja. Por pressão dele, deixou de atender o público e passou a trabalhar como empregada doméstica para pagar as contas – o marido não tinha emprego fixo, nem contribuía para o orçamento.

Os maus tratos começaram na primeira gravidez. Foram juntos comprar umas calças e, no dia em que ela as estreou, ele rasgou-lhas sem explicação. As coisas ficaram bem até um dia em que Madalena se zangou com a filha e ele não gostou. "Deu-me um estalo. Foi um choque", diz à **SÁBADO**. As humilhações pioraram: "Punha defeitos no que eu vestia, não podia arranjar-me. Dizia que eu não valia nem como mãe nem como mulher." Se bebesse – e ele bebia muito – era pior. Segundo o referido relatório da DGAI, 41% dos agressores têm problemas de alcoolismo.

Muitas vezes, depois de a agredir, o marido obrigava Madalena a ter relações sexuais. Se se recusasse, levava pontapés nas costas, puxões de cabelo, murros. **Q**





“A agressão verbal era uma tortura, e a sexual custava-me mais do que um estalo. A minha filha veio muitas vezes em meu socorro. Às vezes conseguia impedir que ele consumasse o acto. Chegou a deitar-se ao meu lado na cama, agarrada a mim. Normalmente, são os pais que têm de ajudar os filhos, mas ela é que me acudia”, conta à SÁBADO.

### Uma caçadeira debaixo da cama

Dormiu durante anos com a caçadeira do marido debaixo da cama. Era uma forma de ele semear o terror. Dados reportados à DGAJ em 2013 indicam que cerca de 9% dos agressores tinham uma arma: em 4% dos casos denunciados foi utilizada uma arma branca, em perto de 1% uma de fogo. As forças de segurança têm procurado apreendê-las, mas isso pode não bastar. “Se tiverem licença de uso e porte de arma, eles acedem às armas com facilidade, mas uma simples faca de cozinha pode transformar-se numa arma e está mesmo ali à mão”, diz à SÁBADO o subcomissário Nelson Ribeiro da PSP.

Madalena saiu de casa mais do que uma vez. “Ele pedia para eu o perdoar, [dizia que] não podia viver sem mim e prometia nunca mais voltar a beber. Eu tinha pena e regressava, também por causa das minhas filhas [entretanto nasceu uma segunda]”, explica. Nos

### MADALENA SAIU DE CASA VÁRIAS VEZES, MAS O MARIDO PEDIA DESCULPA E ELA VOLTAVA, COM PENA DELE

primeiros dois ou três dias, corria tudo bem. Depois as agressões pioravam. Madalena foi assistida no hospital, mas negou o ataque do marido. Na altura, a violência doméstica ainda não era crime público e, sem denúncia, nada se podia fazer. Desde 2000, qualquer um pode apresentar queixa.

O marido passou a responder às queixas de Madalena com ameaças de que a matava a ela e às filhas. “Todos os dias me sentia em risco. Saía de casa e pensava: será que volto à noite? Ainda hoje temo pela minha vida”, desabafa. Até que uma tarde recebeu um telefonema dele a dizer que a apanhava no trabalho para irem juntos buscar a filha mais nova à escola. Nunca imaginou o que a esperava.

“Ele vinha superviolento. Levou-me para um descampado [numa mata da região de Lisboa] e disse-me: ‘Quero que ponhas a casa em meu nome.’ Eu neguei. E ele: ‘Então vou-te esmagar os miolos! Mato-te!’”, recorda, emocionada. Durante hora e meia, esteve presa dentro do carro, a ouvir o marido gritar que ia buscar a arma ao porta-bagagens. Nunca cedeu a dar-lhe a casa: era a única garantia das filhas.

Madalena sofria de hipertensão: tinha os braços e as pernas dormentes, e muita sede: “Pensei: é hoje, vou morrer. Pedi a Deus e a Nossa Senhora que me acudissem, aos meus avós que me guardassem, e à minha

### Agressores

42 anos de idade, em média



### O perfil dos envolvidos

Elas ainda continuam a ser as maiores vítimas e eles os agressores da maioria dos casos denunciados às autoridades

### Vítimas

41 anos de idade, em média



14% das vítimas são os filhos ou os pais dos agressores





ALEXANDRE AZEVEDO



APAV

«cunhada que me protegesse do céu.» O marido apontava-lhe os dedos como se fosse disparar: «Era como um disco riscado, cada vez mais agressivo.»

No momento em que ele abriu a porta do carro para ir buscar a arma, ela quase perdeu os sentidos. Precisava de beber água, não conseguia respirar: «Acho que ele se assustou e entrou na carrinha. Continuou a gritar mas, de repente, arrancou e parou à porta de um café para me comprar água. Fiquei dentro do carro, podia ter fugido, mas nem consegui raciocinar. Voltou, atirou-me a garrafa e disse: 'Bebe, puta!'»

O local era exposto de mais e o marido acabou por deixar Madalena sair. Ela avisou-o: «Vê o estado em que me puseste. Nunca mais me pões assim. Vou-te denunciar.» Fez queixa à polícia, pediu ajuda à Emergência Social e foi aconselhada pela Associação de Mulheres Contra a Violência (AMCV) a ir para uma casa-abrigo: corria risco de vida. Madalena nunca quis afastar-se das filhas. Ficou em casa da mãe. Cumpre o plano de segurança que lhe fizeram e tem um aparelho

**1** Luísa Waldherr, da APAV, já previa o aumento do número de mortes, resultado da crise grave

**2 e 3** A APAV faz campanhas e dá formação que alerta para a violência doméstica



### Degolada

António Cavaleiro degolou a mulher e espetou-lhe uma faca no peito, em Soure. Foi atropelado pelo filho antes de ser preso. Suicidou-se na prisão

## O caso Bárbara-Carrilho

**Começou há um ano quando a apresentadora fez queixa do político. A luta tem sido pública**

**A denúncia** deu entrada a 17 de Outubro de 2013 no DIAP de Lisboa e o caso foi mancha de jornais e revistas. **Bárbara Guimarães acusava o ex-marido Manuel Maria Carrilho** de violência doméstica. A apresentadora divulgou, em comunicado, que pedira o divórcio litigioso. Nunca mais falou em público sobre o assunto. O político deu entrevistas a defender-se e não poupou acusações à ex-mulher. A guerra pelas crianças mantém-se.



**MADALENA TRAZ SEMPRE UM APARELHO DE TELEASSISTÊNCIA PARA PEDIR SOCORRO SE VIR O AGRESSOR**

de teleassistência, com um botão de pânico para acionar se o ex-marido tentar aproximar-se dela. O dispositivo tem um localizador de GPS e está ligado a uma central telefónica gerida pela Cruz Vermelha Portuguesa. Mesmo assim, já foi alvo de tentativa de atropelamento numa rua de Lisboa. O processo está em aberto. O juiz não deu como provada a tentativa de homicídio: era a palavra dela contra a dele.

### Condenações leves e penas suspensas

O tribunal condenou o marido de Madalena a dois anos e dois meses de pena suspensa pelo crime de violência doméstica, que é punido, no máximo, com cinco anos de cadeia. De acordo com a DGAI, 58% das 2.229 sentenças transitadas em julgado em 2012 e 2013 decretaram a condenação do agressor. Mais de metade dos culpados (60%) recebeu um castigo de dois a três anos, e em 92% das condenações a pena foi suspensa. Apesar de as penas serem pequenas, nos últimos anos tem havido um esforço para facilitar a denúncia e agilizar os processos de detenção. Numa conferência promovida esta segunda-feira, a procuradora Maria José Morgado deu conta de medidas adoptadas pelo Departamento de Investigação e Acção Penal: «Criámos uma unidade especial para a violência doméstica dentro do DIAP, composta sobretudo por magistradas, com salas de atendimento específicas e a colaboração de psicólogos do Instituto Egas Moniz. Temos taxas de condenação muito elevadas.» E deu o exemplo de uma vítima que estava a ser ouvida no DIAP enquanto o marido, na rua, lhe enviava ameaças por SMS. «Conseguimos que a Juíza de Instrução Criminal apreendesse as mensagens e decretasse prisão domiciliária nesse momento. Não podemos passar a vida a dizer que isto está tudo mal.»

Para melhorar a resposta do Ministério Público nestes casos, a 15 de Outubro, a Procuradora-Geral da República, Joana Marques Vidal, deu instruções para que os inquéritos relativos a crimes de violência doméstica e maus-tratos passem a ser atribuídos a secções especializadas ou a magistrados específicos.

Apesar de o marido lhe ter apontado uma arma à





ALEXANDRE AZEVEDO

■ cabeça, Eduarda, 48 anos, só fez queixa às autoridades quando soube que ele agredira duas das três filhas. Até aí, o medo das dificuldades financeiras e alguns pedidos de ajuda mal sucedidos tinham-na feito manter-se naquela relação destruidora. Desde o primeiro ano de casada que era agredida. A família nunca a apoiou.

Tudo começou com um estalo na cara. Quando estava grávida da filha mais velha, levou a primeira sova. "Só me deu uma bofetada. De resto, foram sempre murros e pontapés. Dessa vez, veio furioso pelo corredor e bateu-me até eu cair ao chão. Pensei: vou morrer e a bebé também", conta à SÁBADO.

### A tarefa durante a primeira gravidez

Até sair da casa dos pais, Eduarda fora vítima de maus tratos por parte da mãe. Depois de casar, mudou apenas de agressor. Quando a filha fez 1 ano e meio, descobriu que o marido tinha uma amante e confrontou-o. "Levei uma tarefa, chamou-me todos os nomes". Nessa altura, ele já era agente da PSP: "Fui à esquadra, tinha a boca ferida, o ombro negro, a perna também. Procurei um chefe nosso amigo e disse: 'Venho apresentar queixa.' Ele respondeu: 'Não faças isso, vais dar cabo da vida e da profissão dele. Eu resolvo.'"

A conversa não teve efeito. As sovas tornaram-se habituais, sobretudo quando Eduarda lhe descobria relações extraconjugais. Soube, entretanto, que ele andava com uma funcionária judicial. "Disse-lhe. Bateu-me tanto que desmaiei. Deu-me um murro na cabeça, bati na parede e caí ao chão. Quando acordei tinha a minha filha a dizer: 'Mamã, não morras.'"

A pior agressão aconteceu depois de Eduarda pedir o divórcio. "Deu-me uma tarefa de caixão à cova, ao ponto de eu estar no chão e ele atirar-me o sofá para cima. Os vizinhos chamaram a polícia, os agentes estiveram à porta. Como é que os polícias não viram que eu não estava bem. Sentia-me dormente, paralisei, a cara ficou apanhada", diz à SÁBADO. Às 23h, estava tão mal que vomitou e caiu. O marido chamou o 112.

Eduarda chegou ao hospital inconsciente: "Quando acordei, um bombeiro perguntou-me: 'Aquele senhor era o seu marido? Sei que não consegue falar, mas aperte a minha mão ou feche os olhos.' Fechei os olhos

▲ Mulheres vindas de famílias violentas são mais tolerantes com agressões, diz a socióloga Cláudia Casimiro



### Machado

Rui Borges assassinou a mulher com golpes de machado, em Vila Real, depois de ela lhe tentar tirar a arma da mão para se defender do ataque

**O MARIDO DE EDUARDA APONTOU-LHE A ARMA À CABEÇA E DISPAROU SEM BALA. ELA PENSOU QUE MORRIA**

## A morte vista à lupa

Saiba por quem foram mortas as vítimas de 2013

Mulheres foram mortas pelo marido, namorado ou companheiro

21

Morreram às mãos do ex-marido, ex-namorado ou ex-companheiro

7

Foram assassinadas pelos filhos

4

Morreu por não consentir uma relação de intimidade

1

Outro tipo de relação de parentesco

4

Fonte Observatório de Mulheres Assassinadas da UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta)

F.R.

e ele continuou: 'Ao sair de sua casa disse-lhe que a senhora corria risco de vida. Ele respondeu: 'Deus queira que ela morra. Fico com a casa paga e livro-me dela.' Ele não presta, deixe-o. Se precisa de alguma coisa de mim...' Nunca o procurou.

Na sequência dessa agressão, esteve numa casa-abrigo, mas não resistiu às saudades das filhas. Quebrando todos os protocolos de segurança – numa atitude que seria inconcebível hoje –, a direcção da casa decidiu repreender o agressor e acreditou que ele não reincidiria. Eduarda voltou a casa. No caminho, apanhou de novo.

O marido chegou a vir atrás dela no corredor da casa a disparar a arma, sem lhe dizer se a câmara estava vazia ou carregada. "Sabia que ele tinha a arma apontada à minha cabeça. Olhei para ele e ele gritou: 'Pumi! Parecia um doido.'", recorda.

Em 2011, foi ao comando do Grupo de Operações Especiais da PSP, onde o marido prestava serviço, comunicar mais um ataque. Segundo ela, o oficial de serviço ficou de tratar do assunto. Nunca soube o que aconteceu, mas ainda houve agressões depois disso.

As coisas estavam mais calmas quando Eduarda descobriu as agressões às filhas e fez queixa formal. Entretanto, o Ministério Público acusou o marido de quatro crimes de violência doméstica. Contactado pela SÁBADO, o Comando Metropolitano de Lisboa (CML) da PSP informou: "O referido agente encontra-se a exercer funções não operacionais no CML. Está desarmado e pende sobre ele um processo disciplinar que aguarda a decisão do processo-crime." Eduarda vive numa casa dos serviços sociais da Polícia. Ele sabe onde ela está. Até agora nunca a procurou. ■

Nota: Para protecção das vítimas, os seus nomes são fictícios e os locais das casas-abrigo foram omitidos.